



Juventudes, identidades e saberes agroecológicos

Relatos sobre experiências e
diálogos entre o Pedagroeco e
a Pedagogia Griô no Nordeste



Juliana Andréa Oliveira Batista
Fernando Fleury Curado
Maria Clara Guaraldo Notaroberto
Lillian Pacheco
Erika do Carmo Lima Ferreira

Editores Técnicos

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Secretaria de Inovação e Negócios
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Juventudes, identidades e saberes agroecológicos

Relatos sobre experiências e
diálogos entre o Pedagogo e
a Pedagogia Griô no Nordeste



Juliana Andréa Oliveira Batista
Fernando Fleury Curado
Maria Clara Guaraldo Notaroberto
Líllian Pacheco
Erika do Carmo Lima Ferreira

Editores Técnicos

Embrapa
Brasília, DF
2020

**Empresa Brasileira de
Pesquisa Agropecuária**

Secretaria de Inovação e Negócios
Parque Estação Biológica (PqEB)
Av. W3 Norte (final)
70770-901 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4236
Fax: (61) 3448-2494
www.embrapa.br
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Responsável pelo conteúdo

Embrapa, Secretaria de Inovação e Negócios

Comitê Local de Publicações

Presidente

Angélica de Paula Galvão Gomes

Secretária-executiva

Jeane de Oliveira Dantas

Membros

Ivan Sergio Freire de Sousa

Edemar Joaquim Corazza

Mirian Oliveira de Souza

Alberto Roseiro Cavalcanti

Marcela Bravo Esteves

Wyviane Carlos Lima Vidal

Cristiane Pereira de Assis

Alfredo Eric Romminger

Maria Consolacion Fernandes Villafane Udry

Responsável pela edição

Embrapa, Secretaria-Geral

Coordenação editorial

Alexandre de Oliveira Barcellos

Heloiza Dias da Silva

Nilda Maria da Cunha Sette

Supervisão editorial

Josmária Madalena Lopes

Revisão de texto

Maria Cristina Ramos Jubé

Normalização bibliográfica

Marcia Maria Pereira de Souza

Projeto gráfico, diagramação e capa

Carlos Eduardo Felice Barbeiro

Foto da capa

Daniel Lamir de Freitas Ferreira

1ª edição

Publicação digital - PDF (2020)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei n° 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa, Secretaria-Geral

Juventudes, identidades e saberes agroecológicos : relatos sobre experiências e diálogos entre o Pedagógico e a Pedagogia Grão no Nordeste / Juliana Andréa Oliveira Batista, editores técnicos. – Brasília, DF : Embrapa, 2020.
PDF (173 p.) : il. color. ; 16 cm x 22 cm.

ISBN 978-65-86056-55-6

1. Etnoconhecimento. 2. Sociologia rural. 3. Comunidade rural. 4. Grupo étnico. I. Batista, Juliana Andréa Oliveira. II. Curado, Fernando Fleury. III. Notaroberto, Maria Clara Guaraldo. IV. Pacheco, Lillian. V. Ferreira, Erika do Carmo Lima. VI. Secretaria de Inovação e Negócios.

CDD 333.715

Editores técnicos

Juliana Andréa Oliveira Batista

Pedagoga, mestre em Educação do Campo, analista da Secretaria de Inovação e Negócios, Embrapa, Brasília, DF

Fernando Fleury Curado

Engenheiro-agrônomo, doutor em Desenvolvimento Sustentável, pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE

Maria Clara Guaraldo Notaroberto

Jornalista, mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, analista da

Secretaria de Inteligência e Relações Estratégicas, Embrapa, Brasília, DF

Lílian Pacheco

Educadora, criadora da Pedagogia Griô, idealizadora e coordenadora de projetos da Escola de Formação na Pedagogia Griô, da Ação Griô Nacional e da Associação Grãos de Luz e Griô, Lençóis, BA

Erika do Carmo Lima Ferreira

Bacharel em Letras, doutora em Educação, analista da Secretaria-Geral, Embrapa, Brasília, DF

Autores

Ana Patrícia Sampaio de Almeida

Socióloga, mestre em Ciências Sociais, assessora técnica do Centro de Ação Cultural (Centrac), Campina Grande, PB

Bruna Fernandes da Silva

Pedagoga, membro do Coletivo Macambira e professora na Escola Estadual Indígena Cacique Alfredo Celestino, Palmeira dos Índios, AL

Camilla Souza de Oliveira Di Stefano

Graduada em Letras, analista da Embrapa Algodão, Campina Grande, PB

Claviano Nascimento de Sousa

Educomunicador e comunicador popular da Articulação do Semiárido Paraibano (ASA/PB), João Pessoa, PB

Cristianlex Soares da Silva

Pedagoga, coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Igaci e educadora social da Rede de Educação

Contextualizada do Agreste e Semiárido Alagoano, Igaci, AL

Daniela Bento Alexandre

Graduada em História, coordenadora da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), no estado de Sergipe, e da Sociedade de Apoio Sócio Ambientalista e Cultural (Sasac/SE), Simão Dias, SE

Daniel Lamir de Freitas Ferreira

Jornalista e radialista, integrante e cofundador do Terral Coletivo de Comunicação e comunicador no Brasil de Fato, Recife, PE

Dayse Batista dos Santos

Engenheira-agrônoma, mestre em Microbiologia Agrícola, coordenadora do Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia e de Referência Alimentar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Campo Maior, PI

Domênica Rodrigues dos Santos Silva

Licenciada em Letras, mestre em Gestão da Educação, Olinda, PE

Edna Maria Cosme dos Santos

Jornalista, analista da Embrapa Algodão, Campina Grande, PB

Edson Possidonio da Silva

Licenciado em Pedagogia, assessor técnico da AS-PTA Agricultura familiar e Agroecologia, Esperança, PB

Ellen Maria da Silva Sousa

Técnica em Agricultura, Campo Maior, PI

Elka Kelly de Macêdo Andrade

Graduada em Comunicação Social, especialista em Agroecologia e em Jornalismo Digital, assessora de comunicação do Projeto Pró-Semiárido do governo do estado da Bahia, Juazeiro, BA

Fabrizio Bianchini

Engenheiro-agrônomo, mestre em Extensão Rural, analista da Embrapa Semiárido, Petrolina, PE

Fernanda Amorim Souza

Graduada em História e Pedagogia, mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE

Fernando Fleury Curado

Engenheiro-agrônomo, doutor em Desenvolvimento Sustentável, pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE

Francisco das Chagas Oliveira

Engenheiro-agrônomo, doutor em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, analista da Embrapa Meio-Norte, Teresina, PI

Gleice Mary Gomes da Silva

Licenciada em Geografia, coordenadora programática da Associação de

Agricultores Alternativos (Aagra), Igaci, AL

José Moisés de Oliveira Silva

Cientista social, mestre em Antropologia, membro do Coletivo Macambira, Belém, PA

Juliana Andréa Oliveira Batista

Pedagoga, mestre em Educação do Campo, analista da Secretaria de Inovação e Negócios, Embrapa, Brasília, DF

Leandro Benatto

Engenheiro-agrônomo, mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, membro da Rede Mutum - Articulação Alagoana de Agroecologia e assessor técnico territorial na Associação de Agricultores Alternativos (Aagra), Maceió, AL

Líllian Pacheco

Educadora, criadora da Pedagogia Griô, idealizadora e coordenadora de projetos da Escola de Formação na Pedagogia Griô, da Ação Griô Nacional e da Associação Grãos de Luz e Griô, Lençóis, BA

Magda Cruciol

Relações públicas, analista da Embrapa Informática Agropecuária, Campinas, SP

Maria Amélia da Silva Marques

Ecóloga, assessora pedagógica do Serviço Pastoral dos Migrantes do Nordeste (SPM/NE), Gurinhém, PB

Maria Clara Guaraldo Notaroberto

Jornalista, mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, analista da Secretaria de Inteligência e Relações Estratégicas, Embrapa, Brasília, DF

Maria Valdenice Silva

Membro da Comissão Pastoral da Terra, Juarez Távora, PB

Mauro Sergio Teodoro

Engenheiro-agrônomo, especialista em Agricultura Orgânica, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE

Paola Cortez Bianchini

Engenheira-agrônoma, mestre em Agroecossistemas, pesquisadora da Embrapa Semiárido, Petrolina, PE

Petrucia Nunes de Oliveira

Licenciada em Biologia, liderança do Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar e membro do Grupo de Trabalho Juventude e Agroecologia da Articulação do Semiárido Paraibano (ASA/PB), Juazeirinho, PB

Priscila de Souza Viana

Graduada em Jornalismo, mestre em Antropologia Social, analista de projetos do Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras (Peac) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE

Priscila Helena Machado

Engenheira-agrônoma, facilitadora gráfica, colaboradora do projeto Bem Diverso, Petrolina, PE

Rebeca Mascarenhas Fonseca Barreto

Graduada em Ciências Biológicas, doutora em Ecologia, professora adjunta da Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE

Rejane Alves de Lima

Graduada em História, especialista em Processos Históricos e Inovações Tecnológicas para o Semiárido, assessora pedagógica da Articulação do Semiárido Paraibano (ASA/ PB), Campina Grande, PB

Simone Lopes de Almeida

Historiadora, mestre em História, membro do Coletivo Macambira, Belém, PA

Sônia Ribeiro Abike

Cientista social, mestre em Extensão Rural, militante do Movimento de Mulheres Negras, Santa Maria da Vitória, BA

Thais Moura dos Santos

Licenciada em Geografia, coordenadora do Coletivo de Comunicação do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA/SE) e pesquisadora do Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras (Peac/UFS), São Cristóvão, SE

Tiago Pereira da Costa

Pedagogo, mestre em Extensão Rural, coordenador institucional do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa), diretor-presidente da Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas no Semiárido (Refaisa) e professor da Escola Família Agrícola de Sobradinho (Efas), Juazeiro, BA

Vitória Paixão da Silva

Historiadora, especialista em ensino de História, professora da Secretaria Estadual da Educação de Alagoas (Seduc), Major Isidoro, AL

Esta obra é dedicada a **Tulio de Giovanni Lima Viana**

Jovem que nunca nos deixará por completo

Gentil, alegre, doce e cheio de sonhos

De saudades dele, o nosso coração está repleto

Menino risonho

Que a agroecologia, a vida, a arte, a poesia sempre o representem

Como um sopro de amor

Entre nós, sua luz sempre estará presente!

Dedicamos também à nossa querida educadora e editora,

Erika do Carmo Lima Ferreira, cuja alma se traduz na estrutura e forma desta obra.

E que tão bem teceu os fios de uma

escrita feita por muitas mãos,

dando liga e transformando os diversos relatos em uma única e significativa história.

A você a nossa gratidão por aceitar o desafio de mergulhar com paixão neste trabalho.

Que o seu caminho seja iluminado!



Agradecimentos

À singular colaboração do Projeto Bem Diverso, projeto da Embrapa em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), executado com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF), com a finalidade de conservar a biodiversidade brasileira e gerar renda para comunidades tradicionais e agricultores familiares.

A todos os parceiros da Embrapa que aceitaram o desafio de executar o projeto, oferecendo suas contrapartidas que tanto contribuíram para a otimização dos recursos.

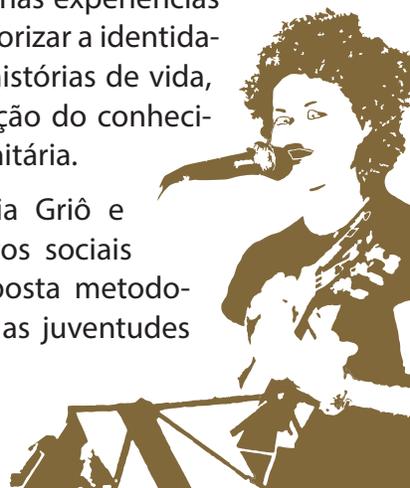
Aos jovens que participaram do Pedagroeco, projeto que contribui para a formação de jovens do campo em produção multimídia com enfoque agroecológico, deixamos a simbologia da semente, parafraseando Benito Pepe: "O conhecimento é como uma Semente de uma Bela Árvore Frutífera. Você precisa semear, regar, cuidar e esperar que a árvore cresça e depois sim, no seu tempo, colher os seus frutos".

Apresentação

O projeto Metodologia de Produção Pedagógica de Materiais Multimídia com Enfoque Agroecológico para a Agricultura Familiar, cujo nome-síntese é Pedagroeco, foi criado com o objetivo de fortalecer redes sociotécnicas do Semiárido que atuam no campo da agroecologia e na recuperação e valorização da agrobiodiversidade, considerando a participação da juventude rural e fazendo uso das novas tecnologias de informação e comunicação para compartilhar conhecimentos e valorizar os contextos socioeconômicos locais. Projeto da Embrapa, o Pedagroeco tornou-se inovador por dialogar com os fazeres e os saberes da agroecologia e da comunicação, já presentes no Semiárido, ousando avançar na proposição de uma metodologia inovadora de formação em produção multimídia da juventude rural dessa região, referenciada nas identidades e ancestralidades das suas comunidades rurais de origem.

Iniciado em 2017 e concluído em 2019, o projeto mobilizou mais de 500 jovens de comunidades rurais nos estados de Alagoas, Sergipe, Paraíba, Bahia, Pernambuco e Piauí, em oficinas que priorizaram o intercâmbio de experiências e a valorização dos contextos locais. Foi um trabalho ancorado na proposta metodológica da Pedagogia Griô e nas experiências locais com educação popular, que buscam valorizar a identidade e ancestralidade das comunidades, suas histórias de vida, saberes e fazeres tradicionais para a elaboração do conhecimento, a fim de gerar uma consciência comunitária.

Os processos formativos da Pedagogia Griô e as experiências pedagógicas dos movimentos sociais locais contribuíram para incorporar na proposta metodológica do Pedagroeco um novo olhar sobre as juventudes



e suas comunidades rurais, seus costumes, rituais, modos de vida, histórias, identidades e ancestralidades. A partir disso, o Pedagogoeco foi sendo integrado às diversas agendas de redes de organizações com atuação no Semiárido brasileiro, como a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), as universidades e os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Espera-se que, a partir dessa experiência formativa, os participantes tornem-se multiplicadores das técnicas de comunicação, bem como valorizem os saberes e fazeres ancestrais, para, assim, fortalecer suas identidades culturais e beneficiar a agricultura familiar.

Sob o ponto de vista da pesquisa, pretende-se que a experiência apresentada nesta obra seja replicada como metodologia técnico-científica em outros contextos de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) da Embrapa e de seus parceiros, pois representa uma experiência de inovação social que contribui para o avanço da ciência na relação de partilha de conhecimentos com agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais.

Apresentamos como resultado do projeto este livro que traz narrativas diversas – criativas, poéticas, inspiradoras e transformadoras –, que representam o conjunto de experiências vivenciadas nas cinco turmas de formação do Pedagogoeco.

Boa leitura!

Gustavo Ribeiro Xavier

Secretário da Secretaria de Inovação e Negócios (SIN)

Prefácio

“Deu meia noite, a lua faz o claro
Eu assubo nos aro, vou brincar no vento leste
A aranha tece puxando o fio da teia
A ciência da abeia, da aranha e a minha
Muita gente desconhece
Muita gente desconhece, olará, viu?
Muita gente desconhece”
Na asa do vento (João do Vale)

Este livro tece as diversas experiências promovidas com jovens do campo pelas redes que compõem o Pedagroeco, unindo ancestralidade e futuro desejado, tradição oral com ferramentas modernas de comunicação e conhecimento científico com os saberes locais, para relatar os resultados obtidos.

Esta publicação tem como ponto de partida a construção de uma rede de interações e identidades que contribuiram com o desenvolvimento do projeto, e que é relatado no Capítulo 1 do livro. O método facilitador dos processos de aprendizagens sobre agroecologia e dos rituais de intercâmbio de conhecimentos entre gerações, promovidos no Pedagroeco, foi a Pedagogia Griô, apresentada no Capítulo 2 pela educadora Lillian Pacheco, consultora pedagógica do projeto. Nos territórios de Alagoas, o projeto ganhou novas vivências e aprendizados que possibilitaram aos jovens, organizados em grupos, construir peças de comunicação, usando uma linguagem lúdica que demonstrasse e socializasse a vida na comunidade, conforme apresentado no Capítulo 3, Pedagroeco em Alagoas: Ancestralidade, Identidade Juvenil e Fortalecimento Comunitário nos Territórios.

A aplicação prática da Pedagogia Griô para a construção de diálogos interculturais, com povos indígenas e com o movimento de mulheres negras, para a construção de história oral e para o ensino de etnobiologia com os jovens de Escola Família Agrícola resultou na realização de oficinas de produção partilhada com esses povos nos territórios Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano, como relatado no Capítulo 4 desta obra. Em seis territórios da Paraíba, o projeto Pedagógico funcionou como instrumento mobilizador para a ação da juventude camponesa do Semiárido, resultando em uma imersão cultural e comunicacional, conforme relatado no Capítulo 5, *Semiárido que Encanta, Juventude que Comunica sua História na Paraíba*.

O protagonismo do público jovem sobre suas próprias histórias de vida e de relação com a agroecologia foi a marca do projeto no Piauí, e o Capítulo 6 do livro, *Aquecendo com Ternura a Semente da Fartura no Piauí*, revela essa conquista. O Capítulo 7, último capítulo da publicação, *A Roda já Está Aberta pra Gente Compartilhar: o Tear da Ancestralidade, Identidade e Vida do Pedagógico em Sergipe*, conta a ação do Pedagógico em Sergipe, onde foram promovidas oficinas de linguagens diversas como fotografia, poesia, teatro e vídeo, sempre seguidas de debates, o que permitiu aos participantes maior entrelaçamento entre o sentimento, a tradição oral, o conhecimento acadêmico e as ferramentas de comunicação.

Embora tenha sido iniciado em 2017, o projeto *Metodologia de Produção Pedagógica de Materiais Multimídia com Enfoque Agroecológico para a Agricultura Familiar*, chamado Pedagógico, é fruto da ação mobilizadora da Embrapa com diversas organizações não governamentais que atuam no Semiárido nordestino, como a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). O projeto originou-se dos processos de inclusão social produtiva, executados entre 2014 e 2017, no âmbito do Plano

Brasil Sem Miséria (PBSM) – nos territórios Agreste Alagoano, AL, e Alto Sertão Sergipano, SE –, bem como nas ações das redes de agroecologia da região Nordeste.

Partindo das articulações já existentes, o Pedagroeco ampliou sua teia para mais três estados do Nordeste (Bahia, Piauí e Paraíba). Aglutinou por meio de redes, outras instituições públicas e organizações sociais do campo que atuam com educação e comunicação popular e, ainda, outros projetos da Embrapa na região como, por exemplo, a Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido (Refaisa) e o Projeto Bem Diverso, para responder ao desafio de formar jovens agricultores para a produção artística e autoral de materiais didáticos multimídia sobre agroecologia, a fim de compartilhar conhecimentos e valorizar os contextos socioeconômicos locais.

O olhar para as juventudes – sabiamente tratada nesta obra no plural, com o propósito de evitar o reducionismo do substantivo ao critério etário – é uma marca do Pedagroeco e o torna singular no conjunto dos projetos tradicionalmente aprovados pela Embrapa. Sua metodologia técnico-científica é possível de replicação em outros contextos – caso de agricultores familiares e dos povos e comunidades tradicionais – e regiões do País, com as devidas adequações às realidades locais. Isso é um resultado relevante para o processo da Embrapa de inovação social.

Essas juventudes, a quem o projeto se dedica, são diversas e possuem muitas faces: agricultores, quilombolas, indígenas, etc. São estudantes de diferentes modalidades de ensino em Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) – em processos de formação por alternância –, institutos federais de educação e escolas agrotécnicas. A formação por alternância¹ é uma proposta pedagógica, em que se articula períodos em dois tempos e em dois espaços:

¹ Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/mn_parecer_1_de_1_de_fevereiro_de_2006.pdf>.

o tempo-escola (momento de educação formal na escola) e o tempo-comunidade (momento de educação na comunidade, na vida diária) na perspectiva de manter o jovem no campo.

O objetivo do projeto é promover o protagonismo dessas juventudes em todas as práticas pedagógicas e as de comunicação popular, para que se transformem em agentes multiplicadores das iniciativas agroecológicas em suas comunidades e autores de fichários pedagógicos para uso no contexto escolar, capazes de avaliar criticamente sobre o seu modo atual de vida e de propor reflexões sobre o futuro desejado, na perspectiva de serem felizes com um modo de vida sustentável. Desse modo, o depoimento a seguir, da jovem Petrócia Nunes de Oliveira, da Escola Família Agrícola de Sobradinho, BA, resume bem esse sentimento:

Nós queremos um material pedagógico feito pela juventude e para juventude, que possa ser instrumento de sensibilização, formação e conscientização do que a juventude tem feito, para podermos convocar mais jovens para entrar na luta do fazer agroecológico e da convivência com o Semiárido.

O projeto Pedagroeco tem o diferencial de fundamentar sua metodologia nas práticas da Pedagogia Griô, cujo modelo se sustenta na tríade: tradição oral, ancestralidade das identidades locais e encantamento/celebração da vida. Com essa proposta, foi possível enriquecer a metodologia dialógica freiriana², prevista inicialmente na metodologia do projeto, e ampliá-la para além do caminho do diálogo, inserindo encantamento, vivência agroecológica e produção partilhada.

² O referencial teórico de Paulo Freire sobre o diálogo apresenta contribuições relevantes para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas críticas e reflexivas. De acordo com Paulo Freire, esse modelo de educação é caracterizado como uma pedagogia dialógica e crítico-reflexiva e deve envolver todos os protagonistas do processo educativo em uma pedagogia da pergunta, da problematização, em lugar da pedagogia da resposta, aquela que castra a curiosidade dos educandos.

A aplicação desse método pedagógico, que promove o diálogo dos saberes e fazeres de tradição oral com a educação formal, possibilitou às juventudes participantes resgatar, por meio da oralidade, a relação afetiva e cultural com os símbolos identitários de seus territórios, tendo como base as tradições e memórias da sua ancestralidade (avôs, bisavôs, etc.).

Como toda produção partilhada do conhecimento pressupõe restituição à comunidade do conhecimento vivenciado e acumulado, a culminância das oficinas promovidas, nos cinco estados do projeto, deu-se com a apresentação das produções multimídias elaboradas pelos jovens para a escola e a comunidade. Esses momentos em que os jovens apresentam os trabalhos de forma lúdica – com músicas, danças, teatro e contação de histórias –, contribuem para o fortalecimento dos vínculos afetivos e para a troca de saberes agroecológicos.

Esses resultados somente foram possíveis porque o Pedagroeco, por princípio, estimula a autonomia, os saberes e a liberdade de expressão de todos os envolvidos. “Saber” cantado na música *Na asa do vento*, de composição de João do Vale, lançada no disco *Jóia de Caetano Veloso*, em 1975, que fala do saber/da ciência que todos nós temos, mas que muitos até hoje desconhecem. Esse saber, que vem das mais diversas formas de letramento, foi revelado e muito bem trabalhado por esse projeto, e se vê refletido em cartilhas, vídeos, fichários, jornais, fotografias e páginas no Facebook e no Instagram. Todo esse material foi produzido e é mantido pelos jovens do projeto.

Esperamos que o Pedagroeco e suas redes sirvam de inspiração para novos projetos, a fim de que busquem valorizar as juventudes e o protagonismo dos atores locais.

Selma Lúcia Lira Beltrão
Analista da Embrapa

Sumário

- 26** **Capítulo 1**
Ponto de partida para a construção de uma rede de interações e identidades
- 42** **Capítulo 2**
Pedagogia Griô: conceito e metodologia para assessoria pedagógica ao projeto Pedagroeco
- 64** **Capítulo 3**
Pedagroeco em Alagoas: ancestralidade, identidade juvenil e fortalecimento comunitário nos territórios
- 86** **Capítulo 4**
Diálogos interculturais dos povos indígenas e comunidades tradicionais do Território Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano
- 120** **Capítulo 5**
Semiárido que encanta, juventude que comunica sua história na Paraíba
- 136** **Capítulo 6**
Aquecendo com ternura a semente da fartura no Piauí
- 150** **Capítulo 7**
A roda já está aberta para a gente compartilhar: o tear da ancestralidade, identidade e vida do Pedagroeco em Sergipe



CAPÍTULO 1

Ponto de partida
para a construção de
uma rede de interações
e identidades

Juliana Andréa Oliveira Batista
Maria Clara Guaraldo Notaroberto

No primeiro encontro, o maior desafio foi aprender a nos chamar pelo próprio nome: pe... dagro... quê? Pois é, parece trava-língua em brincadeira de criança; mas é isso mesmo, o projeto que nos impulsiona a conhecer, dizer, reconstruir, refazer, atende pelo nome de Pedagroeco.

Pedagogia Ecológica...

Pedagogia Agroecológica...

Pedagogia que Ecoa...¹

Pode significar tanta coisa... E quanto se pode redescobrir com esse novo nome que nos vem? Somos tantos e tantas de Alagoas, Sergipe, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Piauí, se juntando ao Planalto Central, nossa Brasília, para sair em movimento num processo de Educação Popular e Educomunicação, com a metodologia da Pedagogia Griô, e embalados pelas cirandas. E, falando em griô, como é bonita aquela música que mediou nossos diálogos durante três dias (Figura 1)! Como é mesmo?

“Ô marinheiro é hora, é hora de trabalhar...

É o céu, é a terra, e o mar!

Ô marinheiro olha o balanço do mar...”²

¹ Relato de Simone Lopes de Almeida, que faz parte do Comitê Gestor do Pedagroeco, no *I Fórum Presencial do Pedagroeco*, no Campo Experimental de Itaporanga D’Ajuda, da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE, em 2017.

² Cantiga aprendida com o Márcio Griô, que aprendeu com Mestre Formiga do Congado de Nossa Senhora do Rosário, DF.



Figura 1. Primeira etapa de formação em Pedagogia Griô – roda de chegada na comunidade quilombola do Remanso, em Lençóis, BA, entoando a canção.

Pedagroeco: o que é?

Pedagroeco é o nome-síntese do projeto Metodologia de Produção Pedagógica de Materiais Multimídia com Enfoque Agroecológico para a Agricultura Familiar, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), cujo objetivo principal era contribuir para a formação de jovens do campo em produção multimídia com enfoque agroecológico. A proposta buscou fortalecer a agroecologia, dando visibilidade às experiências da juventude (Apêndice 1) de seis estados do Nordeste: Alagoas, Bahia, Piauí, Paraíba, Pernambuco e Sergipe, por meio de narrativas elaboradas para divulgação em vídeos, programas de

rádio, cordel, teatro, contação de histórias, fotografia e pelo uso das mídias sociais. Com isso, o Pedagroeco ganhou até uma página no Facebook, e hoje também está presente no Instagram.

Aliar pesquisa e extensão com processos formativos e de comunicação popular³, como se propõe o Pedagroeco, é uma história que teve início antes mesmo da construção do projeto. Em 2012, a Embrapa aceitou o desafio do governo federal de participar do Plano Brasil Sem Miséria (PBSM). Pesquisadores e técnicos de diversos centros de pesquisa atuaram em projetos de inclusão produtiva rural em 14 territórios da cidadania no Nordeste e norte de Minas Gerais (Almeida; Fernandes, 2013). Foi a partir de então que a comunicação popular começou a fazer parte dos processos de interação entre a pesquisa, a extensão rural e o agricultor e a agricultora.

Assim, de uma pesquisa centrada apenas na ciência, nos últimos anos, a Embrapa passou a incluir em seus processos de construção do conhecimento a participação social e, por consequência, a comunicação popular. De acordo com Peruzzo (2006), a comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo. Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e de organizações populares e tem seus canais próprios de comunicação.

Em busca desse caráter mobilizador, nasceu, em 2014, o projeto Comunicação Comunitária para o Fortalecimento do

³ O conceito de comunicação popular adotado para este trabalho tem como referência os estudos de Puntel (1994) para quem a comunicação popular surgiu de grupos de camponeses ou de trabalhadores falando entre si e para si, é resultado de um processo, e realiza-se na própria dinâmica dos movimentos populares. Uma de suas características é a questão da participação voltada para a mudança social.

Desenvolvimento Local, liderado pela Embrapa e certificado, em 2017, pela Fundação Banco do Brasil como tecnologia social reaplicável. O referido projeto fortaleceu os vínculos entre as comunidades do PBSM, a Embrapa e permitiu que os seus integrantes refletissem sobre a importância da comunicação nos territórios.

O trabalho encontrou terreno fértil nos territórios Agreste Alagoano e Alto Sertão Sergipano, pois por ali já se desenvolviam, com apoio da Embrapa Tabuleiros Costeiros (Aracaju, SE) e liderança da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), processos formativos de comunicação popular que buscavam valorizar o Semiárido brasileiro como um espaço de convivência e de vida e, também, a agroecologia, como uma alternativa de produção agrícola e de garantia da soberania alimentar.

E assim chegamos ao Pedagroeco, um projeto que nasceu para dar continuidade ao que já vinha acontecendo no Agreste Alagoano e Alto Sertão Sergipano e também em outros ecossistemas, porém com foco na juventude rural e com o propósito maior de valorizar os processos de sistematização de experiências agroecológicas⁴ e ampliar as estratégias de comunicação pelos próprios jovens. E a Alagoas e Sergipe se somaram outros estados e Unidades da Embrapa dispostos a compartilharem dos mesmos sonhos e anseios. Na sua execução, o projeto Pedagroeco foi composto por um conjunto de organizações não governamentais (ONGs) vinculadas à ASA, bem como por representantes da Embrapa: Tabuleiros Costeiros, Meio-Norte, Semiárido e Algodão.

⁴ A sistematização das experiências nesse contexto pode ser compreendida a partir do que Elza Falkembach (2000) aponta: um instrumento, uma possibilidade, ferramenta apropriada e apropriável para a recuperação e reflexão do viver compartilhado, que faz deste viver objeto de investigação, espaço de discussão e aprendizagem, e produção de conhecimento que se apoia no confronto de argumentos que as experiências do viver sustentam e dialetizam.

Internamente, o projeto foi aprovado em 2017 pelo sistema da Embrapa de financiamento de projetos, na modalidade Comunicação e Transferência de Tecnologia. A proposta foi construída nos moldes do tradicional sistema de elaboração de projetos da Empresa.

O grande diferencial do Pedagroeco, no entanto, foi sua capacidade de dialogar com as organizações sociais e os atores convidados a integrar o projeto. Assim, em abril de 2017, um grande encontro foi realizado no Campo Experimental de Itaporanga D’Ajuda, em Sergipe, também denominado Reserva do Caju, com os parceiros da Embrapa Tabuleiros Costeiros e convidados (Figura 2). O objetivo desse primeiro evento foi apresentar o Pedagroeco, em sua concepção original, ou seja,



Fotos: Maria Clara Guaraldo

Figura 2. Momentos de trabalho coletivo que deram um novo significado ao Pedagroeco: primeiro encontro na Reserva do Caju, em Itaporanga D’Ajuda, SE, de 18 a 20/4/2017.

da forma como foi originalmente aprovado pela Embrapa para, a partir de então, despertar diálogos, interações e possibilidades de adequação da proposta às demandas e aos contextos locais das comunidades. Assim, o projeto ganhou um novo significado para seus participantes, e mais importante do que isso: o sentimento de pertencimento do grupo.

A rede Pedagroeco e a juventude rural

A experiência em rede dedicou-se especialmente à articulação e à formação de mediadores na produção multimídia, preferencialmente, os jovens agricultores nas diferentes modalidades de ensino (Escolas Famílias Agrícolas/centros de formação por alternância, escolas agrotécnicas, institutos federais) que, de alguma forma, estivessem inseridos em ações/projetos das Unidades da Embrapa e da rede Pedagroeco (Figura 3).

A base conceitual e metodológica foi constituída por autores como o interacionista Vigotsky (1996), cujo princípio da interação está na crença de que o sujeito constrói seu conhecimento na socialização dos saberes e dos bens culturais, tendo a linguagem como o instrumento dessa interação, e Freire (1989, 1996), com os princípios de autonomia, autoria e construção crítica do conhecimento. Desse modo, a proposta pedagógica buscou privilegiar a linguagem (escrita e audiovisual) como prática social, conforme abordagem dos letramentos⁵ múlti-

⁵ Letramentos – Podem ser um conjunto de práticas sociais mediadas por textos escritos; é historicamente situado. As práticas de letramento são padronizadas por instituições sociais e relações de poder. Alguns letramentos são mais dominantes e influenciam mais do que outros. “Novas práticas de letramento surgem por meio de processos de aprendizagem formal e informal” (Barton et al., 2000, p. 1).

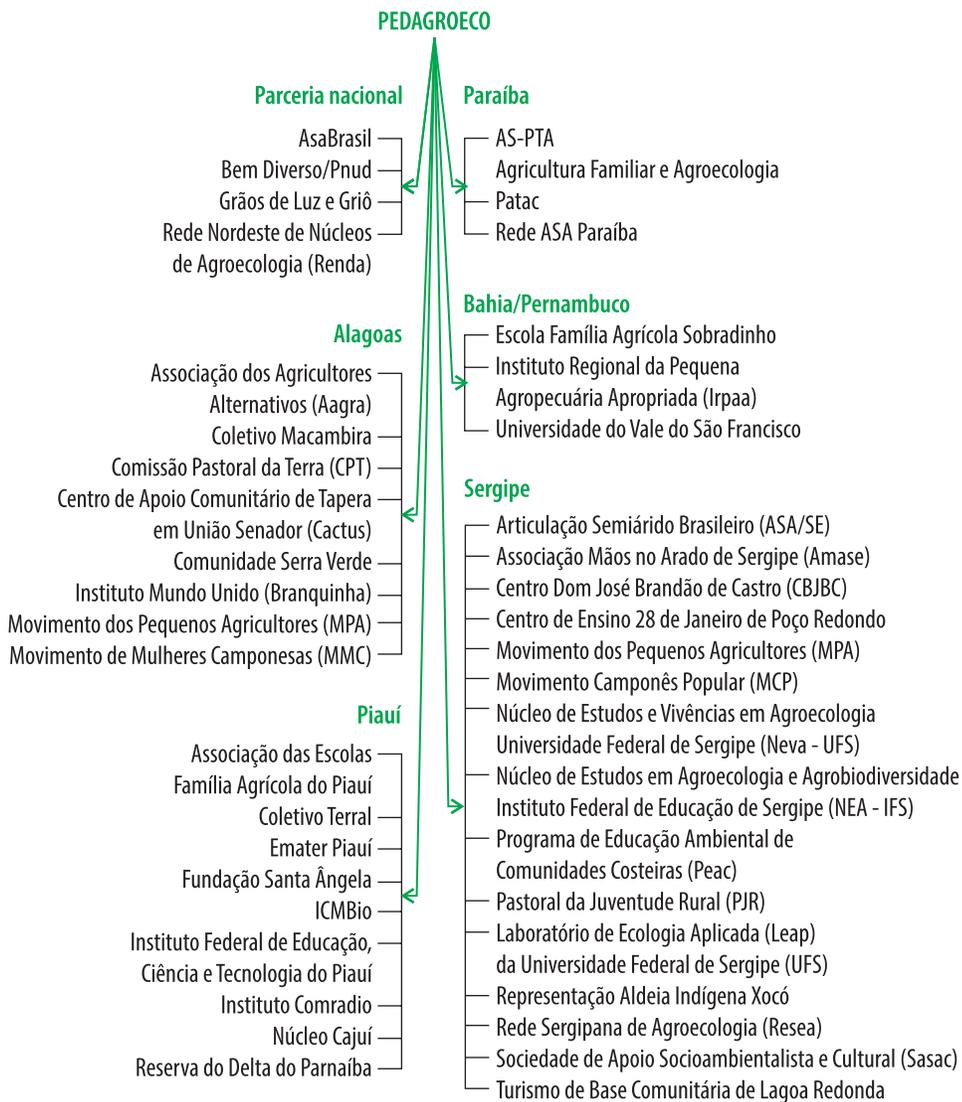


Figura 3. Rede Pedagógica no Nordeste brasileiro.

plos de Rojo⁶ (2009), que possibilita aos participantes, de forma autônoma, articular os saberes científicos da agroecologia com os saberes locais, contribuindo para a definição de uma agenda própria de formação e divulgação de suas práticas. Assim, buscou-se promover o intercâmbio dos conhecimentos sobre agroecologia, produção textual, multimídia e multicultural, considerando os valores, as práticas e os saberes locais, além do reconhecimento dos diferentes tipos de letramentos nas comunidades rurais: expressões locais (variações linguísticas) e aspectos culturais que compõem o vocabulário a ser adotado na produção multimídia.

Essa base conceitual e metodológica alcançou amplitude e novos significados a partir do alinhamento do projeto e da formação do Comitê Gestor nas estratégias metodológicas da Pedagogia Griô, representando inclusive o grande diferencial, de extrema importância para a consolidação da rede. A inserção da perspectiva de fortalecimento identitário, vínculo com a ancestralidade e celebração do direito à vida – tríade essencial do Modelo de Ação Pedagógica da Pedagogia Griô –, contribuiu para ressignificar a metodologia do projeto, especialmente sobre o processo de formação em produção multimídia para além das ferramentas de comunicação, tornando-se, assim, o coração do Pedagógico.

O processo de formação foi desenvolvido por meio de oficinas temáticas, progressivas e complementares, articulando teoria e prática. Cada etapa do processo de formação compreendeu as atividades: oficina de formação na Pedagogia Griô,

⁶ Letramentos múltiplos – O termo alfabetismo tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares, das quais são valorizadas a leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo letramento busca recobrir os usos e as práticas sociais da linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrimo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.) numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (Rojo, 2009, p. 98).

seguida de criação de planos das oficinas nas comunidades, acompanhamento pedagógico às práticas de campo e rodas de conversas. Em todas as atividades, buscou-se dar ênfase ao registro autoral dos participantes acerca dos momentos vivenciados. Esses registros constituíram fontes de informação para a produção multimídia (cartilhas, vídeos e outros) e para a avaliação do processo de formação e de validação da produção/metodologia do projeto.

Protagonistas do Pedagroeco

Os jovens participantes do Pedagroeco integram comunidades de agricultores familiares, quilombolas e indígenas (Tabela 1). Muitos são de EFAs, institutos federais e escolas técnicas e ainda de ONGs que atuam na produção agroecológica. As principais atividades formativas

Tabela 1. Número e distribuição dos participantes do Pedagroeco por estado, em Territórios e instituições.

Estado	Território/Instituição	Número de participantes
Alagoas	Agreste, Zona da Mata, Alto Sertão e Bacia Leiteira	52
Sergipe	Alto Sertão Sergipano e Baixo São Francisco	25
Paraíba	Cariri Oriental, Borborema, Agreste, Cariri/Curimatau e Seridó, Médio Sertão	28
Piauí	Baixo Parnaíba Piauiense, Centro-Norte Piauiense, Sudeste Piauiense	38
Bahia e Pernambuco	Rede das escolas famílias agrícolas integradas no Semiárido (Refaisa); Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)	371
Total		514

demandadas pelos jovens foram: oficinas de linguagens artísticas, produção de aula-espetáculo, produção de materiais didáticos, contação de histórias, produção de áudio e vídeos, produção de cordéis, fotografia, sistematização gráfica, diagnóstico rápido participativo (DRPA). Os processos formativos foram orientados pelas bases conceituais da comunicação popular, da educomunicação⁷ e da agroecologia.

Considerando a diversidade e as especificidades dos núcleos de formação do Pedagroeco, em cinco turmas/estados, a Pedagogia Griô foi adotada como fio condutor metodológico que buscou incentivar o diálogo entre tradição oral e educação formal e relacionou identidades locais e ancestralidades como ponto estruturante nos processos pedagógicos, articulando conhecimentos locais e científicos para a produção de novos conhecimentos.

O lugar da Pedagogia Griô no coração do Pedagroeco

Para liquidar os povos, começa-se por lhes tirar a memória. Destroem-se seus livros, sua cultura, sua história. E uma outra pessoa lhes escreve outros livros, lhes dá outra cultura e lhes inventa uma outra História. Em seguida, o povo começa lentamente a esquecer o que é e o que era. O mundo à sua volta o esquece ainda mais depressa (Kundera, 1976, p. 187).

⁷ Educomunicação – Conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer “ecossistemas comunicativos”, qualificados como abertos e participativos, garantidos por uma gestão democrática dos processos de comunicação nos diferentes ambientes de relacionamento humano (envolvendo, no caso, em igualdade de condições, a comunidade como um todo, seja ela educativa ou comunicativa); amplia o potencial comunicativo e as condições de expressividade dos indivíduos e grupos humanos, mediante práticas culturais e artísticas, assim como por meio do uso dos recursos disponibilizados pela era da informação; favorece referenciais e metodologias que permitem às comunidades humanas relacionarem-se, enquanto sujeitos sociais, com o sistema midiático (Soares, 2014, p. 17).

De acordo com a educadora Líllian Pacheco:

A Pedagogia Griô facilita rituais de vínculo e aprendizagem entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais e de gênero, entre territórios de identidade, saberes ancestrais de tradição oral, artes e as ciências e tecnologias universais, por meio de um método de encantamento, vivencial, dialógico e partilhado para a elaboração do conhecimento e de um projeto de comunidade/humanidade que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração do direito à vida. Na Pedagogia Griô, os facilitadores dos rituais afetivos e culturais são os educadores griôs e os griôs aprendizes comprometidos com o reconhecimento do lugar social, político, cultural e econômico dos mestres griôs na educação (Pacheco, 2015, p. 1).

Partindo desses princípios destacados pela educadora, buscou-se constituir uma metodologia alicerçada na diversidade cultural nos espaços de atuação do projeto (Figura 4), de forma a contribuir com: 1) uma produção multimídia que pudesse evidenciar e valorizar o conhecimento acumulado sobre as práticas agroecológicas nos sistemas de produção da diversidade de sujeitos do campo; 2) o protagonismo da juventude rural, estimulando a autonomia e autoria destes em seus contextos, e 3) a inserção desses jovens como agentes multiplicadores das iniciativas agroecológicas para agricultores familiares e comunidades tradicionais do Nordeste.

No primeiro fórum presencial, em abril de 2017, compreendeu-se que a primeira atividade formativa deveria contemplar as equipes estaduais, numa perspectiva metodológica que contribuísse com o alinhamento metodológico do projeto. A formação das equipes nas estratégias metodológicas da Pedagogia Griô foi definida como a primeira atividade da rede Pedagógico. As equipes estaduais sentiram a necessidade de

Foto: Egídio Xokó



Figura 4. Roda de chegada com o velho griô e o mestre griô Aurino Pereira, da comunidade quilombola do Remanso, em Lençóis, BA.

constituir um processo metodológico de formação que considerasse as especificidades locais e suas diversidades, mas que, ao mesmo tempo, garantisse um fio condutor para a rede Pedagógico, ampliando as premissas metodológicas inicialmente definidas na construção do projeto.

O processo de formação ocorreu em duas etapas, ambas na cidade de Lençóis, na Chapada Diamantina, BA, centro de origem da Pedagogia Griô. Participaram desses momentos de formação representantes das cinco equipes estaduais, a saber: Alagoas, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Piauí e Sergipe, além de representantes das Unidades da Embrapa localizadas no Nordeste (Figura 5).



Foto: Maria Clara Guaraldo

Figura 5. Lillian Pacheco coordenando a primeira etapa de formação em Pedagogia Griô: produção compartilhada.

Entre as atividades e os temas formativos, merecem destaque as vivências da trilha griô e o encantamento com produtos da mídia jovem griô, tais como jogos de trilha griô, vídeos da TiVi griô, cds, livros, aula espetáculo; encontros dialógicos com os conceitos e a tendência pedagógica da Pedagogia Griô; apresentação e vivência da metodologia e do modelo de ação pedagógica; construção de proposta de base curricular para a formação multimídia da juventude rural; experimentação e avaliação de propostas dos planos de oficinas Pedagogia Griô × Pedagogoeco com jovens; sistematização dos planos de oficinas Pedagogia Griô × Pedagogoeco, entre outros que compõem as proposições e estratégias dessa pedagogia.

Após a capacitação nas estratégias metodológicas da Pedagogia Griô, as equipes estaduais do Pedagroeco exercitaram pedagogicamente a execução dos planos de oficinas nos territórios dialogados com a formação em produção multimídia da juventude rural do Pedagroeco.

Considerações finais

O Pedagroeco inovou ao buscar a construção coletiva de uma proposta metodológica que articulasse uma rica e diversa rede de instituições públicas e organizações sociais com atuação no meio rural, em torno da formação em produção multimídia com enfoque agroecológico da juventude rural do Nordeste – a rede Pedagroeco.

A abordagem metodológica privilegiou processos participativos ancorados na perspectiva transformadora e de autonomia de Paulo Freire. Os processos dialógicos foram essenciais nessa caminhada, um exercício que exigiu de todos mais flexibilidade e compreensão no seu olhar sobre o outro. A coordenação do processo de formação e gestão do projeto foi descentralizada para as equipes estaduais, que decidiram sobre seus processos de formação, considerando contextos e suas diversidades locais. Foram compartilhadas estruturas, processos, recursos. Uma construção de responsabilidades e decisões coletivas.

A Pedagogia Griô, como percurso metodológico, contribuiu para ressignificar a proposta metodológica com novos olhares, sentidos e valores. Aguçou percepções e caminhos para a produção partilhada do conhecimento ancorada na tríade: identidade, ancestralidade e celebração do direito à vida.

Referências

- ALMEIDA, S. C. R. de; FERNANDES, T. A. G. (Ed.). **Embrapa no Plano Brasil Sem Miséria**. Brasília, DF: Embrapa, 2013.
- BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. **Situated literacies: reading and writing in context**. New York: Routledge, 2000.
- FALKEMBACH, E. M. F. Sistematizando: juntando cacos, construindo vitrais. In: O QUE é sistematização? Uma pergunta. Diversas respostas. São Paulo: CUT, 2000.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KUNDERA, M. **O livro do riso e do esquecimento**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- PACHECO, L. **Dossiê pedagogia griô: educação, tradição oral e política da diversidade**. São Paulo: Ed. da USP, 2015.
- PACHECO, L. **Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida**. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006. 176 p.
- PERUZZO, C. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: Intercom, 2006. p. 46-61.
- PUNTEL, J. T. **A igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994. 324 p.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009. 128 p.
- SOARES, I. de O. A Educomunicação na América Latina: apontamentos para uma história em construção. In: APARICI, R. (Org.). **Educomunicação para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 7-27.
- VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 135 p.

Apêndice 1 – Jovens participantes das atividades de Pedagogo

No estado de **Alagoas**, Ana Cláudia Lima da Silva, Ana Lúcia Lima da Silva, Alexandro Barbosa de Melo, Carlos Geovanio E. da Silva, Dayane Silva de Souza, Edilane Lima dos Santos, Edcláudia da Rocha Silva, Edcleide da Rocha Silva, Élide Fernanda Gonçalves Ferreira, Edna Costa Silva, Elisaina Santos de Souza, Francineide Brandão da Silva, Gleycianne Sayonara, Genilson Mendes da Silva C. da Silva, Geniele da Silva Oliveira, Isaac da Silva, Itanúzia Cleofas da Silva, Jadson Pedro do Nascimento Josefa, Jaqueline Silva de Oliveira, Jessica Amanda F. da Silva, José Edmilson dos Santos, José Charles de Lima Correa, José Cícero Maurício de Carvalho, João Vitor Soares Pereira, José David da Silva Araújo, Joseane do Nascimento Barros, Juliana Bispo da Silva, Letícia Vitória Machado Gama, Lenilson da Costa Veríssimo, Lucineide Rodrigues da Silva, Luiz César da Silva, Luzinete de Oliveira Lima, Mariele da Silva Brito, Maria dos Santos Rodrigues, Maria Paixão da Silva, Mayra Caetano da Silva, Nailza Santos da Silva, Naelson Florêncio de Paula, Naely Brito dos Santos, Pedro Henrique Soares Pereira, Tainá Rosendo Guedes, Tatiane Souza da Silva, Tamyres da Silva Farias, Thalles da Silva Gomes, Thiago Silva Maurício, Valdenice Raimunda da Silva, Valdiene Pereira da Silva, Viviane Maria dos Santos, Vitória Costa, Yasmim Ferreira Lima, Wellington Batista, Wellyca Porfírio da Silva Santos.

No estado da **Bahia**, Alef da Silva Rocha, Adelio França Ferreira Neto, Adriele Soares Sousa, Adrieli da Foncêca Oliveira, Adson França de Souza, Ailton da Silva Souza, Alan Carlos de

Souza, Alany Alves Barbosa, Alessandra Dias de Carvalho, Alex de Castro Oliveira, Alex Dias dos Santos, Alex Lopes de Queiroz, Alex Rodrigues Santos do Nascimento, Aline Dimas Rocha, Alisson Silva, Álix França e Silva, Almir Santos Barros, Amanda Rodrigues da Silva, Ana Carla Santos de Araújo, Ana Carolina de Jesus Lopes, Ana Carolina de Oliveira Santos, Ana Caroline da Silva, Ana Heloísa Anjos de Castro, Ana Karoline Cantor da Silva, Anderson Menezes de Jesus, André Luiz da Silva Cajuí, Ângela de Jesus Silva, Beatriz de Souza Tibúrcio, Bento da Silva Gonçalves, Breno Gomes da Silva, Bruna Gomes da Silva, Bruna Pereira de Castro, Bruno Gomes da Silva, Bruno Oliveira Barbosa, Caio Henrique F. dos Santos, Carla Miriam de Carvalho Rolim, Carlos Augusto de Souza Amaral, Carlos Cesar Gomes Ribeiro, Carlos Daniel Alves de França Santos, Carlos Eduardo Anjos de Castro, Carlos Eduardo de Andrade, Carlos Humberto da Silva Novaes, Caroline Evangelista de Queiroz, Cecilândia Batista Jorge, César dos Santos Souza, Cícera Ferreira de Almeida, Cleciane da Silva Santos, Cleison Ferreira Neres, Clesiane Martins Rodrigues dos Santos, Cristian Cauan Ramos Duarte, Cristiana Lima Vieira, Damião Jesus de Souza, Damião Teodózio dos Santos, Daniel Alves Santiago, Daniel Barbosa da Conceição, Daniel Magalhães da Silva, Daniela Soares Pereira, Danilo Coelho dos Santos, Darlan da Silva Souza, Darlei da Silva Rodrigues, Débora Barros da Silva, Deivid Santos de Oliveira, Denilson Soares Pereira, Diego Gama Bispo, Edileide Cordeiro Biá, Edinaelma dos Santos Brito, Edivan dos Santos, Edna Santiago Souza Lima, Edson Almeida Lima, Edvânia Rodrigues dos Santos, Elderson da Luz Pereira, Eleide Santos de Brito, Elem Ferreira de Carvalho, Eliel da Silva Oliveira, Elisabete Teodózio dos Santos, Elton Silva do Nascimento, Élveson Deld dos Santos Viana, Emily da Silva Gonçalves, Erinaldo Rodrigues dos Santos, Erivelton Rodrigues da Silva, Ester Conceição Costa Rocha, Fabrício de Jesus Santos, Felipe de Souza Silva, Felipe Evangelista dos Passos, Felipe Pacheco França da

Cruz, Fernando Nuno Silva Santos, Filipe de Souza Costa, Flávio Almeida de Souza, Franceilton Santos da Silva, Franciel Ramos de Souza, Francielle Ferreira do Nascimento, Francisco Pompeu Alves da Silva, Gabriel Melo de Sá Teles, Geovane de Souza Sá Teles, Geovane Santos Bertunes, Gessiane Santos da Silva, Giovanna dos Santos, Giselma de Castro Pacheco, Givanilda Silva Oliveira, Grazielle da Silva Oliveira, Guilherme Antony Dias da Silva, Guilherme Ribeiro Cardoso, Guilherme Vinícius dos Santos, Helen da Silva Santos, Henrique de Oliveira Barbosa, Ilane Fonseca Campos, Isa Conceição Costa Rocha, Isac Costa Rodrigues, Istefany Silva Santos, Iza da Silva Pinto, Izaías Vitor de Carvalho Souza, Jaelton da Cunha Rocha, Jaiane da Silva Bispo, Jaiane Souza Rodrigues, Jailton da Silva Bispo, Jaine Cardoso dos Santos, Jaine dos Santos Carvalho, Jair da Silva Costa, Jair Emanuel Gonçalves, Jamile Souza da Silva, Janaelson Santos Silva, Janderson Mendes dos Santos, Janiel Vieira de Lima, Janilton Fernandes de Almeida Serafim, Jeanderson Freitas da Silva Bruno, Jeferson Borges Ribeiro, Jeferson Cantor da Silva, Jeferson Willian P. Delmondes, Jefferson José dos Santos Queiroz, Jeson Dias Amorim Júnior, Jhon Herculy dos Santos Martins, Joabe Domingos de Souza, João Lucas Conceição da Silva, João Pedro de Almeida Sodré, Joelson Filgueiras de Sa-teles, Joice Caroline Bertunes de Souza, Joilma Alves de Souza, José Gabriel de Castro Pacheco, José Isaac Pereira Gomes, José Otávio dos Santos, José Ricardo F. do Rego Junior, Joseane de Souza Procópio, Joseph Luid de Oliveira Nascimento, Josiel de Jesus Paixão, Josimar Sales Bertunes, Josué Guirra dos Santos, Judite Vitória Conceição da Silva, Júlia Lima Costa, Kaianne Silva Rosa, Keiliane Silva dos Santos, Kaila Damasceno Oliveira, Kailane Jesus de Carvalho, Keila Alves de Oliveira, Kélvyn dos Santos Sá Teles, Kettly dos Santos Silva, Laerte Neves da Silva, Laiane dos Santos Araújo, Lairlane Grazielle de Jesus Oliveira, Letícia Aparecida de Jesus Oliveira, Letícia Araújo Belo Pereira, Letícia

da Silva Carvalho, Lidjane Miranda dos Santos, Livia Sthayner Teobaldo da Silva, Luanderson Miranda Cruz, Lucas Barreto de Castro, Lucas Borges de Carvalho, Lucas Cardoso Ramos, Lucas Carvalho de Barros, Lucas Cordeiro Biá, Lucas Ferreira dos Santos, Lucas Gabriel Felix da Silva, Lucas Macedo de Jesus, Lucas Mathias Oliveira Santos, Luciene de Oliveira Almeida, Lucimara Barbosa da Silva, Lucimara Oliveira dos Santos, Luís Henrique do Nascimento Silva, Luiz Carlos Alves Passos, Luiz Carlos Ferreira Soares, Luiz Felipe Silva dos Santos, Luiza Nunes dos Santos, Maciel Nascimento da Silva, Mádson Soares da Silva, Maiara Silva Almeida, Maiara Soares de Sousa, Mailza Santos Gonçalves, Maíra Fernanda de Souza Silva, Manuela Correia Araújo, Manuela Rocha Dimas, Marcelle da Silva Sousa, Marcelo Castro Ratico, Marcilon Rodrigues da Silva, Marcos Luam Pacheco Costa, Marcos Marcelino Carvalho dos Santos, Maria Assucena Silva dos Santos, Maria Dalva Cruz Oliveira, Maria Isabel Ferreira dos Santos, Marianne de Fátima Oliveira, Mário Gustavo de Souza Gonçalves, Marlieide de Assis Souza Silva, Marliene de Assis Souza Silva, Mateus Dias de Carvalho, Mateus Souza dos Santos Belo, Matias Fraga dos Santos, Maurício Mateus Dimas Rocha, Maurivan Batista de Souza, Mauro Adriano Pereira dos Santos, Mercia Calane Santos Cardoso, Michelle Conceição Ferreira, Michelle Farias dos Santos, Micael Santiago do Nascimento, Miguel Bartolomeu Lopes dos Santos, Milena dos Santos Cardoso, Mileni Dias da Gama Rodrigues, Miquéias Souza de Oliveira, Miquéias Teixeira Brandão, Miquele Borges de Souza Ramos, Moisés Bezerra dos Santos, Natan Ferreira de Souza, Natanael Cordeiro Biá, Natanael Guariroba Passos, Natanael Santana da Silva, Neilson dos Santos Ferreira, Odair Oliveira de Souza, Odeni do Nascimento Soares, Paulo Roberto Araújo de Souza, Pedro Kennedy Terencio Ribeiro de Araujo, Pedro Lucas Gomes dos Santos, Perycles de Souza Costa, Rafael Borges de Souza Ramos, Rafael Gomes dos Santos, Raiane de

Souza Carvalho, Ramon Ferreira dos Santos, Raniel Rocha dos Santos, Raylan Castro dos Santos, Raylma da Silva Araújo, Ray-san Castro dos Santos, Rayssa Almeida Barros, Regiane de Souza Sá Teles, Regina Farias de Sá, Reinilso da Silva Oliveira, Rhityelly Almeida de Sá, Rita de Kássia Teles de Jesus, Ricson Almeida de Sá, Rivaldo da Silva Barros, Roberta de Carvalho Soares, Rodrigo Ferreira de Souza, Romenil da Costa Silva, Ronaldo Soares Ferreira, Rozalvo Neris de Souza Júnior, Ryan Cardoso da Silva, Ryan Domingos de Souza, Samoel de Carvalho Soares, Shakira de Carvalho Rolim, Silvânia Maria de Souza, Suzana Rodrigues de Souza, Tainá Mariana Lopes da Silva, Tainara Silva Alves, Talita de Jesus Figueiredo da Silva, Tarcísio Oliveira Souza, Tereza Cristina da Costa Souza, Thais Braga de Carvalho, Thais Cardoso Silva, Thais Loranne Soares Carvalho, Thalisson de Souza Costa, Thaylon Cayke da Silva Lima, Thiago Rodrigues de Jesus, Tobias Prospero Leite, Uelson Mariano de Souza, Ueuler Dias dos Reis, Valdeir José da Silva, Valdenir Araújo Santos, Vanessa Soares Souza, Vinicius Ferreira Neres, Wanderley de Araújo Almeida, Wanderson Pinheiro dos Santos, Wanderson Radamesse Costa Lopes, Wendy da Silva Almeida, Wesley Francino da Silva, William Lino de Oliveira, Wilson da Silva Sousa, Yasmim Nunes da Silva, Ylana Raissa Vítor de Santana.

No estado do **Piauí**, Ana Paula da Silva Brito, Antoniel Barbosa Guimarães, Antônio de Sousa Silva, Antônio Felipe Cavalcante dos Santos, Antônio Francisco dos Santos Júnior, Edilene Lima de Sousa Carvalho, Eliane Pereira dos Santos, Elismar Siqueira da Silva Junior, Ellen Maria da Silva Sousa, Franciely Kailane de Sousa Silva, Francisco Anderson de Sousa Moura, Francisco das Chagas Pereira Cardoso, Honorielio Andrade Sales, Isaquiel Ferreira da Silva, Jaine Gomes da Silva, Jerfeson da Cruz, João Carlos Carvalho Aires, João Pedro de Sousa Barreto, João Vitor de Andrade Santos, Letícia Martins Silva, Luís Alberto da Cruz Silva, Marcelo Cleiton da Silva, Marcília Rodrigues de

Sousa (Chitara), Maria Eduarda de Oliveira Lima, Matheus Rocha da Silva, Maurício Marcon Rebelo da Silva, Nayara Carlos Viana, Nilciane Santos Costa, Raimundo Monteiro Leal, Raylton Leite Pereira, Roberio Gomes da Silva, Rosival Dias, Talisson Ítalo Coutinho Melo, Taynara Oliveira Rocha, Túlio de Giovanni Lima Viana (in memoriam), Valdir de Sousa (Kina), Vitória Lívia S. de Barros, Wesley Soares Santana, Vitória Livia Silva de Lavor.

No estado da **Paraíba**, Adellâny Sousa Barbosa, Bianca Burity Alves, Débora Cristina S. Barbosa, Enrique Gabriel Lopes Santos, Gabriel Gutierrez Correia, Gracilene Macedo Braz, Gisselle Almeida de Souza, Janoel Ramos, Jaiane Sousa Barbosa, José Raul Bezerra, Joab Luciano Rodrigues, João Aurélio dos Santos Lopes, Lays Milena A. Ferreira, Lucas da Silva Santos, Maria Fernanda N. da Silva, Maria Valdenice Sousa, Maria das Mercês S. Santos, Marcelo Barbosa Campos, Moab Fernandes de Araújo, Núbia Raiane F. Morais, Petrucia Nunes de Oliveira, Ramon Medeiros, Rebeca Pietra da S. Sousa, Renan Pedro Cabral Silva, Rute Maria Vitor de Albuquerque, Salvador Barbosa Sobrinho, Sidinéia Camilo Bezerra, Welliton Bernardo da Silva, Márcia Araújo dos Santos.

No estado de **Pernambuco**, Adeilson Santos de Amorim, Adnailma dos Santos Limoeiro, Airla Ohara Rodrigues Mororo, Airton Batista Rocha de Miranda, Alanna Torres de Araújo Mores, Alisson Willame Santos Silva, Allany Trajano Nascimento, Ana Kamila da Silva Freire, Anette Silva Viana Nascimento, Aurea Ariele Silva Lobo, Aurislania Suenia Barbosa Lima, Ayala Mutim Ferro Rodrigues, Barbara Cristina Vieira da Silva, Bianca Melo de Oliveira, Bruna Ianne dos Santos Ferreira, Bruna Sá Rodrigues de Souza, Cadmiel Oliveira Santos, Calebe Wallin de Brito Santos, Camila Silva de Lavor, Carlaise Freitas Gomes, Carleane Lima Caxias, Carlos Anderson Souza Soares, Danilo Lopes Guimaraes da Silva, Diego Cesar Alves Lima Verde, Elianderson Gomes de As, Ellen Karoline Carvalho Silva, Emanuela de Lima Souza,

Emmanuelle Victória de Franca Donato, Evelyn Anne Rodrigues Lima, Gabriel Sousa de Lima, Gabriela Leticia de Souza Matias, Gilson de Paiva Amorim Junior, Gleidson Felipe da Silva Vieira, Glicia Silva de Moraes, Inês de Almeida Vitor, Jefferson Brito de Castro, Jessica Camila dos Santos Cavalcante, Jessica Hellen Aguiar D' Albuquerque, Jéssica Valéria da Cruz Souza Silva, João Pedro Dourado Morato, João Vitor Jurema Segundo, Joyce Davilla Rodrigues de Moura, Laís de Paula Borges Santos, Lariane Elaine Lima Santos, Lariane Elaine Lima Santos, Larice de Amorim Rodrigues, Larissa de Souza Ribeiro, Laysla dos Santos Motta, Luanny Rainy de Almeida Silva, Lucas dos Santos Cruz, Luís Eduardo Carvalho Andrade Reis, Luzineide dos Santos, Maiane Rosine Lima Constantino, Maria Aparecida Pereira Ivo, Maria Carolina Alves da Silva, Maria Claudiane Ferreira, Maria Naiara Pereira da Silva, Mariane Barbosa Santos, Marina Coimbra Duarte, Matheus Eufrázio do Nascimento, Melissa Bezerra Neves Monteiro, Mirela Dedino Santos, Mirele Silva Moreira, Nata Henrique Silva Barbosa, Paula Fernanda Pereira Feitosa, Pedro Henrique Sobreira Bacelar, Priscila Helena Machado, Rafaela Oliveira Silva Souza, Ranielton de Macedo Moraes, Rebeca Freitas de Vasconcelos Araújo, Sarah Rejane dos Santos, Stephany Vitória Lima Costa, Tamiris de Souza Almeida, Tatiane Cristina Silva dos Santos, Thaimara de Araújo Souza, Thais Leal Teixeira, Thiago Pereira Neves, Tiago Teixeira da Paz, Uadson Dias de Freitas Oliveira, Uvagston Michael Santana Pimentel, Valdeuza Braga Rodrigues, Valéria de Sousa Araújo, Vitória Ferreira Amim, Vitória Melo de Araújo, Vladimir de Sales Nunes, Wanderly dos Santos Ferreira Alves, Weyde Estefany Leite Bandeira, Yure de Oliveira Alencar.

No estado de **Sergipe**, Alana Inês dos S. Carneiro, Ana Clara de Abreu Santana, Elvis Valentim Lisboa Santos, Fillipe Matheus, Elizeu Marques, Flaviana Ferreira da Silva, Gabriela Fabian Vieira Santos, Iris Brito Lopes, Itamar Santana Lima, Joel-

ma Alves Sales, José Davi Ferreira Lima, José Pedro Filho, Jaciele Alves Costa, Juliane Santos das Virgens, Jorge Edson Santos, Karoline Louise Lima Dias, Kauane Santos Batista, Mailson Acacio dos Santos Melo, Márcio Eric Figueira dos Santos, Marcos Arthur Brito Santos, Mirian Nascimento Catarino das Chagas Santos, Priscila de Souza Viana, Rafael Amorim dos Santos, Rafael de Souza, Ram Sashi Doria Duarte, Vitória Paixão da Silva.



CAPÍTULO 2

Pedagogia Griô
Conceito e metodologia
para assessoria pedagógica
ao projeto Pedagogoeço

Lílian Pacheco

O processo de formação dos participantes das oficinas incluiu um curso intensivo e introdutório da Pedagogia Griô, seu conceito, metodologia, currículo base, práticas pedagógicas, produtos didáticos e planos de oficinas de educomunicação e agroecologia com jovens em comunidades, em cinco territórios de identidade do Nordeste.

As oficinas receberam nosso acompanhamento pedagógico contextualizado para cada realidade. Este livro apresenta os relatos dos rituais de vínculo e aprendizagem nos caminhos propostos de encantamentos, vivências, diálogos e produções compartilhadas rumo à elaboração do conhecimento e à geração da consciência comunitária nas áreas da educomunicação e agroecologia, como nos conta a jovem participante do Pedagógico:

[...] o que vimos foi um espaço acolhedor com o conhecimento compartilhado através de rodas abertas, contando histórias e experiências vividas de cada um e de seus ancestrais. Foi uma (re)conexão com a nossa origem que muitas vezes esquecemos ou temos vergonha de assumir quem somos e de onde viemos. Isso me fez ter mais orgulho da minha origem indígena. Tenho pra mim, sem sombra de dúvidas, que me tornei uma pessoa melhor, mais consciente do mundo em que vivo, composto pela natureza e pessoas. Somos todos sementes! (comunicação pessoal)¹.

¹ Relato de Ellen Maria da Silva Sousa, participante do Pedagógico, em Delta do Parnaíba, em 2017.

Pedagogia Griô: definição

A Pedagogia Griô é uma pedagogia facilitadora de rituais de vínculo e aprendizagem entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais e de gênero, territórios de identidade, saberes ancestrais de tradição oral e as ciências, artes e tecnologias universais, por meio de um método de encantamento, vivencial, dialógico e partilhado para a elaboração do conhecimento e de um projeto de comunidade/humanidade que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração do direito à vida.

Na Pedagogia Griô, as(os) facilitadoras(es) dos rituais de vínculo e aprendizagem são educadoras(es) griôs e griôs aprendizes comprometidas(os) com o reconhecimento do lugar social, político, cultural e econômico das mestras e mestres griôs na educação. Os rituais de vínculo e aprendizagem propõem a revisão de cada ritual da escola. Todos os dias, crenças, valores e conhecimentos são mediados por meio da arquitetura e dos estímulos simbólicos, sonoros, míticos, gestuais, desde a entrada até a saída de estudante de uma instituição educativa. Cada categoria grifada no conceito da Pedagogia Griô é manifestada e assentada em sua sistematização; porém, convidamos as leitoras e os leitores para construírem o sentido deles no encantamento e na vivência dos rituais de vínculo e aprendizagem, único lugar onde podem ser transformados e incorporados.

Chamamos atenção para a palavra “entre”. Propomos uma pedagogia na fronteira, nos limites, na margem, no lugar da intersubjetividade, “entre” a identidade e a ancestralidade, entre as pautas de luta de todos os grupos identitários pelo direito à diversidade e celebração da vida e dos povos: a pauta

de luta de uma mulher indígena é diferente da pauta de luta de uma mulher negra ou branca; a de uma mulher do campo é diferente da de uma mulher urbana; a de uma mulher idosa é diferente da de uma mulher menina ou jovem. Os recortes dos grupos identitários nas lutas pelo direito à vida se assemelham ou se diferenciam por questões de território, geração, gênero, raça, escolaridade e classe. Um(a) educador(a) griô, entretanto, qualifica sua escuta e desloca-se para ocupar o lugar “entre” todos os grupos identitários.

Localizar-se “entre” também significa se colocar na margem da escola e da comunidade, numa perspectiva de compreender o espaço da escola como um lugar que traz em si os ensinamentos de um quintal, um rio, uma sombra de árvore, uma casa de farinha, a casa de uma mestra griô, uma praça, uma rua, uma estrada, uma serra, um parque, uma associação, todos os espaços culturais educativos criados no território identitário que é chamado de comunidade, seja ele quilombola, indígena, de assentamento, cigano, ribeirinho, fundo ou fecho de pasto, periférico urbano ou do campo. Estar “entre” significa considerar a escola um espaço cultural e comunitário onde mestras e mestres griôs e suas famílias estarão reconhecidas(os) ocupando seu lugar de poder.

Ocupar o lugar “entre” vai além, epistemologicamente, rumo à inversão e transgressão das estratégias de elaboração do conhecimento, em que a vivência e a oralidade precedem a consciência e a escrita, respectivamente. O conhecimento ocorre “entre” a tradição oral e as ciências, tecnologias e artes universais reconhecidas, e o processo de elaboração do conhecimento que se dá por meio da tradição oral é fundante. Assim, a tradição oral é compreendida como um sistema de elaboração de conhecimento que abarca uma diversidade de linguagens de expressão e manifestação, como uma categoria teórica de maior referência conceituada e vivenciada na Pedagogia Griô.

Na ciência, as referências principais e parceiras de vida na luta pela educação são a educação biocêntrica, de Ruth Cavalcante e Rolando Toro, a educação para as relações étnico-raciais positivas, de Vanda Machado, e a educação dialógica, de Paulo Freire. Há uma profunda identificação com a psicologia comunitária, de Cezar Góis, com a educação que marca o corpo, de Fátima Freire, a cultura viva comunitária, de Célio Turino, a produção partilhada do conhecimento, de Sérgio Bairon. Também há uma memória inesquecível da convivência com a arte-educação comunitária, de Carlos Petrovich.

A referência vital, todavia, se dá no encantamento, na vivência, na resistência político-cultural e na valorização à vida de todas as práticas de transmissão oral do Brasil, que convivemos e (re)conhecemos nas comunidades. A Pedagogia Griô se inspirou historicamente no lugar social do *griot africano* para buscar a referência na erudição das práticas culturais e educativas da gente, mestras(es) griôs do Brasil. Abrasileiramos o termo griô em 1998.

A palavra Griot tem origem e se inspira nos músicos, genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores e embaixadores, bibliotecas vivas das histórias, lutas e glórias do seu povo no noroeste da África – Império do Mali, onde Márcio Griô foi iniciado e onde aprendemos vivencialmente o conceito de Griô. O Griô aprende e ensina todos saberes e fazeres da tradição que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário. A família Griô de uma comunidade no noroeste da África tem a função de guardar no seu corpo, na sua pele, do seu inconsciente e consciente, a memória viva, a história e as ciências do povo de sua região e país, para caminhar entre as aldeias transmitindo-os às novas gerações (Pacheco, 2015, p. 4).

As raízes filosóficas, artísticas, mitológicas, tecnológicas e científicas vêm da leitura da sabedoria do povo que caminha e reinventa a roda todos os dias como um legado e promessa ancestral de humanidade e direito à vida:

- Na psicomotricidade e ritualística educativa da roda nas capoeiras de angola.
- Na força comunitária, guerreira e harmoniosa do vínculo com a terra no *toré*, *porancin* ou *auê*.
- Na sincronia, coordenação e variação rítmica, na beleza gestual e interativa dos movimentos integradores e cooperativos do *coco*, do *cacuriá*, da *catira*, do *carimbó*, do *siriri* e da *quadrilha*.
- No prazer extasiante, vital e expressivo dos sambas de roda, sambas de pareia, sambas xulas, sambas rurais.
- No vínculo e na luta sagrada pela terra, pela água, pela semente crioula e pelo plantio.
- Na convivência inteligente e biocêntrica com a floresta, o Semiárido, o Cerrado, a Caatinga, o Pantanal, o litoral e toda a biodiversidade.
- No palco da vida e conceito de arquétipos, personagens e dramaticidade mítica, reverente e colorida do *reisado*, *congado*, *boi*, *mulinha*, *cavalo marinho*, *negro fugido*, *pastoril*, *catupé cacunda*, *marujada*, *moçambique* e *maracatu*.
- Na energia viva do amor, do acolhimento e da espiritualidade encantada das divindades, dos elementos da natureza e de ancestrais em transe nos terreiros de *candomblé*, *umbanda*, *jarê*, *jurema*, *xangô*, *tambor de mina* e *batuques*.
- No caminho que se faz ao caminhar, do mundo que transcende fronteiras, das artes do circo, da cultura cigana e do artista de rua.

- Na economia solidária, na soberania alimentar e celebração do cotidiano dos ofícios tradicionais, dos cantos e danças de trabalho, das festas e feiras populares.
- Nos gêneros literários e no poder da palavra improvisada e poetizada de cordelistas, repentistas e jogadores(as).
- Na ciência da saúde e da cura das parteiras, benzedei-
ras, erveiras, pajés e xamãs.
- Na maestria geométrica e artística das rendeiras.
- Na antevisão e autoridade dos pais e mães de santo, bem como na proteção e orientação das makotas e mães pequenas.
- Na alegria, na psicomotricidade, na inteligência crítica e mágica das brincadeiras, dos jogos, dos palhaços, dos mamulengueiros e bonequeiros.
- No movimento fluido e rítmico da roda e do encontro, celebrados nas cirandas.
- Na matemática e soberania alimentar das feiras, casas de farinha, bancos de sementes crioulas e casas de produções comunitárias.
- Na diversidade de fonemas, significados humanizadores e troncos linguísticos indígenas e africanos dos principais povos que formaram o Brasil.
- No talento refinado e transformador do mundo nas artes e ofícios da madeira, das palhas, do barro, dos materiais reciclados, do ferro e dos demais minerais.
- Na mitologia dos orixás, mukise, caboclos e voduns.
- Na musicalidade erudita e emocionante dos forrós, sambas, reggaes, jongos, torés, *porancins*, cirandas, cantigas de embalo, capoeira, *xulas*, batuques e outros.

- Na arte-culinária e segurança nutricional do peixe, do cortadinho de mamão verde, de plama e de xique-xique, do godó de banana, do marí, do aguapé, da quenga de galinha de quintal, da carne de caça, do mel silvestre, das sementes de faveleira, das castanhas, da cuca de maniçoba, da cuca de umburuçu, da paçoca, do juá, da coroa de frade, do mandacaru, do araticum, do beiju, da canjica e do mingau de milho, do bolo de aipim, da puba e da batata-doce, das frutas da estação e de tantas outras comidas.
- Na biblioteca viva da história e geografia de contadores de histórias, assim como na história de vida de cada pessoa da roda.

Educadoras(es) griôs e griôs aprendizes formados na Pedagogia Griô recebem o legado e a missão do parto mítico da identidade e ancestralidade do povo brasileiro, quando convivem e assumem conviver, citar e redescobrir tantos substantivos e derivados de nossa língua nacional de tradição oral para reinventar os rituais de vínculo e aprendizagem da escola. Em toda comunidade brasileira, existem mestras e mestres griôs responsáveis pela tradição oral viva, trabalhando espontaneamente e informalmente pela resistência e erudição de suas tradições com a comunidade, educando crianças e adolescentes, produzindo uma economia de partilha, uma política cultural e, acima de tudo, uma educação comunitária. São atores e autores sociais vivos da cultura brasileira, que inspiram uma pedagogia criada no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô² a partir da inteligência pedagógica que se dá sem a escrita, que tem transmitido saberes de geração em geração, atravessando séculos de exclusão social e perseguição do povo negro, indí-

² O Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô é uma associação comunitária fundada em 2001, em Lençóis, Bahia, por Lillian Pacheco e Marcio Caires, com histórico e missão segundo consta no site: <graosdeluzgriô.org.br>.

gena, cigano, quilombola, ribeirinho, fundo e fecho de pasto, periférico, do campo, do Semiárido, da floresta, que luta pela identidade, ancestralidade e celebração do direito à vida.

Os rituais são práticas de encantamento vivenciais, dialógicas e partilhadas que celebram e sacralizam a vida por meio de suas atividades comunitárias. Todas as espécies vivas guardam e transmitem comportamentos que garantem a sua continuidade. Todo ser humano e todas as instituições ritualizam seu dia a dia. A escola ritualiza seu cotidiano por meio de rotinas pedagógicas que, em sua grande maioria, aprisionam e tornam a consciência dependente e alienada.

Na maior parte do tempo, nas escolas, nos vemos sentados de costas uns para os outros, em filas. Sirenes de polícia chamando para a merenda, cores sem vitalidade, livros sem heróis de nossa cultura, sem arte e significado da vida; a imobilidade de horas sentados nas cadeiras com a caneta em punho ouvindo monólogos de sobrevôo sobre uma realidade abstrata e estranha; nomes chamados para registros de presenças em cadernetas com notas que não falam da identidade de ninguém, em grupos por idade, por sexo, estereotipados e estigmatizados entre quem é “o inteligente” ou “o esforçado”, entre quem obedece e quem será bandido, subempregado ou patrão; o conhecimento quebrado em disciplinas, preso em grades curriculares, decorado entre quatro paredes, dissociado da cultura local, e os saberes da comunidade folclorizados. São com esses rituais e símbolos que boa parte das escolas pretendem ensinar a ser gente na sul América, a ser gente no Brasil, ou somente reprodução da falta de sentido de viver, da doença humana institucionalizada (Pacheco, 2006, p. 76)

As práticas pedagógicas da Pedagogia Griô integram todos os elementos do modelo de ação pedagógica e são fundadas na tradição oral a fim de gerar a consciência comunitária.

Nasceram originalmente e foram reelaboradas ao longo de mais de 20 anos de prática pedagógica em educação griô, popular e biocêntrica, em parceria com Márcio Caires, em sua iniciação com mestras e mestres griôs da Chapada Diamantina, do Brasil, e os griôs da África, durante atividades educativas e culturais dos projetos idealizados e coordenados pedagogicamente: Grãos de Luz e Griô, em Lençóis; Ação Griô Nacional; Trilha Griô; Prêmio Griô na Escola, na Internet e na TV; Universidade Griô; TiVi Griô; Curso de Extensão e Pós-Graduação de Pedagogia Griô e Produção Partilhada do Conhecimento na Universidade de São Paulo (USP), entre outros.

Os rituais de vínculo e aprendizagem fundamentam-se na oralidade, não nas demais linguagens, sejam escritas ou audiovisuais, enraízam-se na memória oral e afetiva da corporeidade por meio de cantigas, danças, rituais, mitos, símbolos, histórias de vida, saberes e fazeres das diversas culturas e comunidades tradicionais. E só se incorporam às práticas de educadoras(es) griôs e griôs aprendizes que as vivenciam. O que é aprendido na rede de transmissão oral é traduzido como rituais de vínculo e aprendizagem no sentido de potencializar suas qualidades arquetípicas, pedagógicas e culturais, geradoras de encantamentos, vivências, diálogos e partilhas que facilitam a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade, o projeto de humanidade/comunidade, a elaboração do conhecimento e a celebração do direito à vida.

A inspiração nas linguagens pelas quais griôs africanas(os), mestras e mestres griôs brasileiras(os), sábios da oralidade, transmitem seus conhecimentos nos faz pensar num modelo de ação pedagógica enraizado no processo de humanização, a saber: o modo de criação e aprendizagem pelo canto, versos e poesias; pela dança, brincadeiras, dramas e lutas; pela contação das histórias de vida, mitos, símbolos e arquétipos; pelos saberes e fazeres, as artes e ofícios; pela história de vida,

sentimentos identitários e de pertencimento à comunidade, a um povo ou território de identidade.

Esses elementos são reflexos íntimos da atividade vivencial, psíquica, solidária e cooperativa dos sujeitos comunitários e, ao serem organizados de forma integrada, constituem o modelo de ação pedagógica da Pedagogia Griô. Desse modo, propõe-se a sistematização da aprendizagem afetiva-cultural dos estudantes num repertório de rituais de vínculo e aprendizagem que integram todos esses elementos e possuem o potencial pedagógico de facilitação de processos geradores da consciência comunitária³.

Ao vivenciar e incorporar na Pedagogia Griô uma cantiga ou uma dança, uma história, um ofício tradicional ou um mito, estuda-se e potencializa-se seu conteúdo filosófico-existencial, sua psicomotricidade, seu conteúdo científico, sua musicalidade, para transformá-lo num repertório pedagógico. O desafio é compreender os conceitos, princípios e modelo de ação pedagógica e o processo de elaboração do conhecimento propostos pela Pedagogia Griô que se refletem nos rituais de vínculo e aprendizagem. Esse é o campo de pesquisa vivencial e oral da caminhada do(a) griô aprendiz e dos projetos pedagógicos do(a) educador(a) griô. Repertórios novos podem e devem ser incluídos, desde que sejam analisados e traduzidos pelo seu potencial pedagógico, problematizando seus conteúdos, reverenciando e contextualizando sua origem em grupos culturais, comunidades e regiões diversas do Brasil. Assim, diante dos princípios da Pedagogia Griô, por exemplo, os valores sociais conservadores reproduzidos nas práticas de tradição oral ou de

³ Conceito desenvolvido por Lillian Pacheco na Pedagogia Griô, a partir das qualidades dos tipos de consciência intransitiva, transitiva ingênua e crítica paulofreiriana. No tipo consciência comunitária, a consciência é guardiã e representante da memória de seu povo e do seu território de identidade. Transcende a consciência individual. É coletiva, vinculada com a sua ancestralidade, reconhece e representa os grupos identitários do qual faz parte.

educação formal são problematizados e não são transmitidos desde que sejam lidos, interpretados e ressignificados como práticas pedagógicas. Repetindo reflexões anteriores: não se trata de trazer mestras e mestres griôs ou transmitir saberes e fazeres das tradições orais para o ambiente da educação formal ou informal, essa é uma missão diferente que possui seus princípios e objetivos culturais e científicos. Aqui se trata de sistematizar uma pedagogia que reconhece, afirma e atualiza o poder do sistema de elaboração do conhecimento da tradição oral.

Ritual de vínculo e aprendizagem

Na Pedagogia Griô, o convite para cada ritual de vínculo e aprendizagem reflete os objetivos de uma aula ou atividade e cultivam sentimentos, emoções, sensações e sentidos que vão se transformando em significados, reflexões e palavras que elaboram conhecimento. É expresso oralmente em quatro níveis filosófico-poético-existencial; técnico-operatório e psicomotor; histórico-cultural; e científico.

Momento 1

Rituais griôs de encantamento

São rituais facilitados por educadores(as) griôs e griôs aprendizes com o objetivo de encantar o grupo, sacralizar o instante vivido, apresentar o tema na abertura de uma aula, oficina, palestra, curso, reunião ou encontro, ao tempo em que reconhecem afetivamente o lugar social, político e econômico das mestras e mestres griôs de uma comunidade na sua escola ou em espaços de educação. São mobilizados como forças con-

templativas nos grupos de escola e instituições formais e informais de educação. Expressam um jeito de chegar num grupo, numa comunidade ou numa instituição com o encantamento de um(a) aprendiz. Contrapõem-se à chegada com reuniões, projetos, palestras, entrevistas, pesquisas e propostas diversas de tradição escrita ou relações racionalistas, salvacionistas, capitalistas ou colonizadoras.

Os rituais de encantamento têm uma linguagem simbólica e artística que convida o grupo pelo poder da oralidade da(o) griô aprendiz e do(a) educador(a) griô e com princípios do encontro afetivo-cultural, para garantir a troca de saberes com equidade entre todas as diferenças de idade, gênero, raça, escolaridade e território de identidade.

São rituais de chegada, abertura, licença, permissão, salve e bênção em que utilizam símbolos e instrumentos da tradição oral que abordam o conteúdo proposto, como: um maracá, uma semente, o *worô* (semente do *worô* – semente ritual que um griô no Mali África oferece a seu mestre, segundo a tradição oral da aldeia de Kitá, para marcar o seu vínculo de aprendiz), um óleo essencial, um perfume, um jogo, uma planta, um tambor, um copo d'água, uma vela acesa, uma cuia de terra, um incenso, um cachimbo, uma pedra, uma flor, uma mão de pilão, um anel e uma comida. Os rituais griôs de encantamento podem ser organizados como o cortejo griô, a chegada e bandeira, a louvação griô, a roda de bênção, o pedido de permissão ou licença; a roda de meditação com defumação, o banho de cheiro; a partilha de flores ou símbolos sacralizados, a saudação ao sol, a serenata, o cortejo com ocupação griô de escolas, eventos e mesas de palestras; roda de símbolos; roda de jogos de versos, ladainhas, improvisações, cordéis, desafios, raps e repentes; as rodas em volta da fogueira para fazer comida e se alimentar em grupo, família e comunidade. Também são constituídos pela apresentação e pelas produções partilhadas do conhecimento

(ver exemplos a seguir), que se tornaram encantadoras pelo seu potencial brincante, sagrado e de sensibilização estética.

Momento 2

Rituais griôs vivenciais

São rituais facilitados por griôs aprendizes ou educadoras(es) griôs com convites que possuem o objetivo principal de deflagrar vivências potencializadoras de memórias, expressões orgânicas e psicossociais da identidade, vínculo com a ancestralidade e celebração da vida. São compostos principalmente pelos elementos do primeiro triângulo da estrela do modelo de ação pedagógica – cantos tradicionais, danças, emoções e/ou sentimentos identitários. São mobilizados como forças ativas e interativas da corporeidade vivida dos grupos, na escola e nas instituições formais e informais de educação, realizados em uma curva cíclica entre ativação e relaxação do impulso vital, entre a consciência e o inconsciente, cuidando da autorregulação orgânica, da psicomotricidade e da progressividade do encontro, referenciados nos princípios da educação biocêntrica e da biodança (Cavalcante, 2004). Integram e reorganizam uma diversidade infinita de cantigas, instrumentos musicais, danças de mestras(es) griôs de tradição oral que fazem parte da formação do corpo, da corporeidade e do povo de uma comunidade, região e país.

Os rituais vivenciais estão organizados na curva de vivência em sequência de rodas, jogos e exercícios que priorizam as linguagens afetivo-motoras sem o uso da palavra. Cada parte da sequência traz no seu nome o objetivo a que se propõe: rodas de abertura e celebração do encontro, rodas e brincadeiras de integração e ativação, rodas de expressão da identidade, rodas e exercícios de harmonização, rodas de embalo, olhar e ninar, rodas de memórias ou contação de

histórias, histórias de vida, mitos e lendas (deitados ou sentados), rodas e brincadeiras de despedida.

Momento 3

Rituais griôs dialógicos

São práticas dialógicas com o objetivo de potencializar o fluxo entre vivência e consciência, para elaborar a palavra que emerge dos rituais de encantamento e vivências e que possuem relação com o tema e objetivo da aula ou atividade. São compostas pelos elementos do hexágono e espiral do modelo de ação pedagógica, sistematizados nos currículos em temas científicos e temas geradores transversais. Têm referências em aprendizagens e reinvenções a partir das rodas de conversa das comunidades, das práticas da educação dialógica paulofreiriana e da educação biocêntrica. Problematizam temas geradores do conteúdo da aula e potencializam a transição da consciência intransitiva para a ingênua, depois para a consciência crítica e consciência comunitária. Os rituais dialógicos facilitam a ligação da identidade, da ancestralidade e da celebração do direito à vida, que está no centro do modelo de ação pedagógica, aos pontos de seu hexágono, a assuntos e temas universais das artes e das ciências, à leitura do mundo e de sua história, preparando o grupo para relacionar o conhecimento ao projeto de vida da comunidade e humanidade que será facilitado no momento seguinte: a produção partilhada.

Os rituais dialógicos se utilizam de palavras e frases geradoras, textos, imagens, símbolos, histórias, mitos, materiais didáticos, artísticos e de comunicação, materiais diversos relacionados ao tema como comidas, folhas, objetos e outros. Esses materiais são utilizados em práticas como rodas, encontros dialógicos, mesa e seminários dialógicos, círculo de cultura, rodas concêntricas de diálogo; roda e caminhada de conversa; roda

da vida e das idades, rodas de contação de histórias e mitos (individuais e coletivos); painel integrado; encontros dialógicos com dramatização dos níveis de consciência; roda ou rede de qualificação; conversa na feira, roda dos sentidos e sensações; leitura criativa de textos (com coros, sarais literários, cantigas, memórias caminhadas, encontros e conversas).

Momento 4

Rituais griôs de produção partilhada do conhecimento

São práticas cooperativas e comunitárias em diversas áreas e linguagens científicas, tecnológicas, artísticas, culturais, econômicas e políticas. Integram ciência, arte, mito e tecnologia na elaboração do conhecimento com o objetivo de sistematizar, registrar e avaliar os processos educativos entre encantamento, vivência, diálogo e seus fluxos para a geração da consciência comunitária dos participantes.

Esses rituais fazem parte de um processo educativo cultural de um projeto pedagógico de um(a) educador(a) griô que está relacionado ao projeto político pedagógico da escola e projeto de vida em comunidade. O projeto pedagógico se inicia com a invenção coletiva de um currículo, segundo modelo de ação pedagógica que propomos, em que os temas geradores nascem de rituais de encantamento e vivência na comunidade, estudo e problematização de sua realidade, relacionada a direitos humanos e temas geradores da cidadania, tais como terra, água, alimento, moradia, produção econômica, identidade, ancestralidade, saneamento, educação, saúde, equidade étnica e de gênero, diversidade religiosa, território de identidade, mobilidade urbana, orientação sexual e outros. Esses temas geradores se encontram

na espiral que gira em torno do modelo de ação pedagógica e apontam para um projeto de comunidade/humanidade.

Um dos objetivos é a realização de pesquisas e produtos artístico-culturais didáticos de forma partilhada, observando princípios de uma economia solidária, que expressam todo o processo de elaboração do conhecimento entre estudantes, educadores, mestres e mestras griôs, comunidade em geral, empoderando, instrumentalizando e reconhecendo todas as pessoas como autoras. Esses rituais de vínculo e aprendizagem confrontam e transformam princípios e práticas de pesquisas para facilitar a apropriação por estudantes e comunidades de ferramentas e meios de produção escrita, legais, artísticas e tecnológica, de forma que sejam sujeitos coletivos de pesquisa, e não objetos delas.

São exemplos de produções partilhadas: aulas-espetáculo, ação civil pública, passeata, feira, clip de música, vídeo griô (formatos propostos pela TiVi Griô em vídeo celular ou curtas), livro coletivo, varal, jornal escolar e comunitário, TV escolar-comunitária, web rádio escolar-comunitário, jogos cooperativos, produções artísticas e artesanais em geral, cine-roteiro, texto-imagem-ação e texto coletivo, jogo de trilha griô e a trilha griô.

Em seguida, tem-se relatos das oficinas do Pedagogo, em que se vivenciam o caminho dos rituais de encantamento, vivência, diálogo e produção partilhada da Pedagogia Griô com a autoria dos facilitadores das oficinas e jovens das comunidades. Assim, redescobrem-se como elaborar conhecimento entre o universo da tradição oral, as artes, ciências e tecnologias universais em torno do tema Educomunicação e Agroecologia, tendo como foco central o fortalecimento da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração do direito à vida.

Considerações finais

A pergunta sempre se repete, como nós educadoras(es) sociais devemos chegar e apresentar projetos de agroecologia e comunicação para jovens de uma comunidade do campo, em que as culturas tradicionais se reinventam diante do conflito contemporâneo com o projeto civilizatório agroalimentar neoliberal, dominado por corporações do agronegócio? Sendo esse um projeto individualista e capitalista que destrói a coletividade e a soberania alimentar dos povos; um projeto racista e patriarcalista que privilegia o poder do homem, branco e adulto, oprimindo, explorando o trabalho ou matando a pessoa negra, indígena, a mulher e os LGBTs; um projeto de intolerância religiosa e desumanizador que devasta a espiritualidade e a sacralidade da vida, transformando as pessoas e a natureza em mercadoria; o projeto no qual fomos colonizados que dissocia ciência, arte, culturas tradicionais, tecnologia, política, ética e ecologia desde nossa corporeidade?

O primeiro passo foi encantar com a poética do encontro. A juventude e nós educadoras(es) aspiramos o encantamento como resistência primordial. Despedimos da exposição de teorias, de tendências positivistas e racionalistas da educação e da comunicação sobre o futuro que sonhamos, para abrir a roda em rituais de vínculo e aprendizagem de encantamento entre jovens e educadoras(es), juntando de novo o conhecimento com a beleza, a sacralidade da vida, a arte do viver:

Conhecer a Pedagogia Griô através do Pedagogoeco foi, com certeza, a maior experiência dentro da agroecologia por que passei. Sua poética através da musicalidade, cordéis, teatro, bordado, fotografia e cinema fundamenta ainda mais a relação da agroecologia com a arte e cultura. Afinal, a poesia é assim. Ela não morre.

Pois, mesmo sem saber, todo mundo tem um pouco de poeta (comunicação pessoal)⁴.

O segundo passo foi despertar nossa corporeidade para a utopia da vivência e existência aqui e agora de outro projeto civilizatório. Mas como juntar fios dissociados por tanto tempo? Estamos diante de uma juventude que não conhece sua história, que foi educada nas instituições formais para hierarquizar o conhecimento da ciência racionalista que desqualifica seu modo de vida, o conhecimento de si mesma e de seu povo, para roubar seu território. Essa razão controla a corporeidade impondo valores dos dominadores, dos opressores, que excluem a juventude de sua própria terra, moradia e alimento para ser explorada pelo capitalismo. Aprendemos, porém, na Pedagogia Griô, que na memória viva de sua corporeidade, o cheiro, a imagem, os fazeres, as cantigas, as danças, os mitos, as cores dos vestidos, os símbolos de suas avós e ancestrais lutam e resistem. Com esses elementos, facilitamos rituais de vínculo e aprendizagem vivenciais de pertencimento e valorização da identidade que convocam a raiz da ancestralidade da juventude. Ela emerge para além do racionalismo iluminista europeu colonizador, para além das estruturas da memória oprimida, para o lugar vasto da emoção que ilumina e liberta sentidos e significados de um lugar que geramos, a consciência comunitária e o território identitário.

O que mais me chamou atenção nesta vivência foi enxergar o rosto de minha saudosa avó Arinete, lembrar de seu cheiro, voz, do quanto ela foi importante para minha pessoa, assim como de nos apegarmos a nossa ancestralidade para não apenas preservarmos a memória, mas, sim, para compreendermos quem somos. Nas apresentações foi perceptível a entrega

⁴ Relato de Márcio Eric Figueira dos Santos, jovem participante da *II Oficina do Pedagogo*, em Pirambu, SE, em 2019.

dos participantes e a carga de emoção posta em suas atividades, mostrando, assim, que o conhecimento pode ser construído neste território de afeto e respeito ao diálogo de saberes, desconstruindo o paradigma de centralização e verticalização do conhecimento. Ali nos sentimos pertencidos e valorizados” (comunicação pessoal)⁵.

Ora, com a vivência, a juventude se engravidou de palavras geradoras. Assim, chegamos em rituais de vínculo e aprendizagem que cuidam da expressão do diálogo empoderado, democrático, afetivo, formando princípios éticos para a interação entre a diversidade de lugares sociais de todas as pessoas, entre a prática, o modo de vida, a ciência e a política. No diálogo, mediamos o estudo e a problematização da juventude na busca da construção de materiais de comunicação que falem da soberania alimentar, da sustentabilidade socioecológica, dos sistemas agroalimentares, de temas da agroecologia em disputa na sociedade; textos e formatos de comunicação que possam garantir o respeito ao lugar da juventude e de suas famílias, agricultores e agricultoras, na construção do conhecimento. Ora, a juventude é um fio que reconecta a geração que traz a ideia de que o conhecimento se dá exclusivamente na produção científica acadêmica e, portanto, escrita, com a geração que garantiu, em sistemas de tradição oral, a prática concreta de uma agricultura sustentável, com sementes crioulas, feiras, mutirões, danças e cantos coletivos do trabalho, ofícios tradicionais e convivência comunitária, elementos e conceitos fundantes para a Pedagogia Griô e também para a agroecologia. Assim, a juventude é a idade em disputa pela democracia, seja na pedagogia, seja na agroecologia, na verdade em algo anterior, na epistemologia. Buscamos facilitar a expressão do

⁵ Relato de Márcio Eric Figueira dos Santos, jovem participante da *II Oficina do Pedagogoeco*, em Pirambu, SE, em 2019.

seu discurso, de sua autoria e fala reintegrada a sua história, ao seu coletivo, quando o olhar ao mundo de dentro volta a dialogar com o olhar ao mundo de fora e ao outro para que sua comunicação denuncie outro mundo possível.

O local escolhido também favoreceu para esse sentimento. Vivi muitas experiências novas; os diálogos em roda, que possibilitaram um olhar mais atento para a fala do outro, a atividade de regressão, o chamado a refletir sobre ancestralidade e o entendimento do papel dos nossos antepassados como referência na nossa vida. Através das atividades, pude reconhecer a importância do me entender de dentro para fora e me perceber como parte de algo muito maior que é o coletivo. Nesse ambiente, várias histórias foram compartilhadas e foi muito importante o chamado a ter um olhar atento para as experiências do outro. Posso afirmar que ter participado do *Pedagroeco* me mudou muito, que saí uma pessoa diferente de como entrei. Cada experiência vivida ali me fez pensar em coisas nas quais não estava acostumada a prestar atenção, me fez praticar o exercício de me conhecer melhor, buscar entender o outro e o mundo ao meu redor. No agitado da vida, muitas vezes perdemos a sensibilidade de observar a importância desse olhar 'para dentro', do diálogo com o outro e das ações que podemos promover em conjunto para melhorar o ambiente ao nosso redor e como consequência o mundo onde vivemos (comunicação pessoal)⁶.

O último passo do processo que facilitamos, depois das palavras e dos conteúdos que emergiram no diálogo, foram as oficinas da produção partilhada do conhecimento em diversas linguagens. Esse livro é a flor viva que brota das diversas experiências de juntar os conteúdos que vieram do encantamento, da vivência e do diálogo com arte, ciência, agroecologia, juven-

⁶ Relato de Alana Inês dos S. Carneiro, jovem participante da *II Oficina do Pedagroeco*, em Pirambu, SE, em 2019.

tude e comunicação. De juntar Pedagroeco e Pedagogia Griô, encontros da caminhada da vida. Nas oficinas, aprendemos com a juventude, juntamos outras metodologias, desconstruímos hierarquias, compartilhamos saberes e vimos a criação e autoria partilhada de vídeos, projetos de vida, cordéis, espetáculos, jornais, notícias e músicas, os quais encantaram as comunidades no enfrentamento das relações de poder no contexto político atual, principalmente em defesa da democratização dos sistemas agroalimentares.

A caminhada é longa, é de enfrentamento, mas caminhamos como os griôs, resistindo e reexistindo com encantamento pelo direito à diversidade da vida dos povos e da mãe terra.

Referências

CAVALCANTE, R. (Org.). **Educaciónbiocéntrica**: um movimiento de construcción dialógica. 3. ed. Fortaleza: Edições CDH, 2004.

PACHECO, L. **Pedagogia Griô**: a reinvenção da roda da vida. Lençóis, BA: Grãos de Luz e Griô, 2006.

Literatura recomendada

CAIRES, M. D. **Conceito Griô**. Disponível em: <<http://diversitas.fflch.usp.br/node/3661>>.

CAIRES, M. D. **Iniciação de um griô na África do Oeste**. São Paulo: Núcleo Diversidade USP, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PACHECO, L. **O que é Griô?** Lençóis, BA: Escola de Formação na Pedagogia Griô, 2015. Apostila.

PACHECO, L. **Dossiê pedagogia griô**: educação, tradição oral e política da diversidade. São Paulo: Núcleo Diversitas USP, 2015.

CAPÍTULO 3

Pedagogo em Alagoas
Ancestralidade, identidade
juvenil e fortalecimento
comunitário nos territórios

Bruna Fernandes da Silva
Cristianlex Soares da Silva
Fernando Fleury Curado
Gleice Mary Gomes da Silva
José Moisés de Oliveira Silva
Leandro Benatto
Maria Clara Guaraldo Notaroberto
Simone Lopes de Almeida
Vitória Paixão da Silva

“A terra deu, a terra dá, a terra cria...”
(Mestre Verdellino)

Do universo das encantarias surgem iniciativas cujo lugar escolhido para brotar os sons, as brincadeiras de rodas e as danças que desafiam o espaço é a terra. Conforme cantou o poeta Mestre Verdellino, a terra, que no passado e presente tudo nos dá, assegura as gerações vindouras. Assim, é possível fazer uma escolha pela vida, a partir dos nossos territórios de afeto e memória ancestral, pois “ali vai se criando aquela obra positiva”, cuja fé se alimenta com o suor do trabalho e das lutas camponesa, indígena, quilombola, ribeirinha, e tantas outras formas de lidar com a natureza.

Essa história já tem um tempo de estrada, pois nasce primeiro no encontro de pessoas e organizações que pensam processos coletivos ancorados na agroecologia. Não importa a área do conhecimento e o trabalho desenvolvido, quando é a diversidade que prevalece nesse grupo: Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) Alagoas, Rede Mutum, Articulação Alagoana de Agroecologia, Associação dos Agricultores Alternativos (Aagra) e Coletivo Macambira.

Foram esses atores que deram os primeiros passos de uma rede que cresceu em número e ações com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), o Centro de Apoio Comunitário de Tapera em União Senador (Cactus), a Cáritas Diocesana de Palmeira dos Índios (CDPI) e o Instituto Mundo Unido (IMU): Desenvolvimento Socioambiental Solidário, organizações presentes nos territórios da Mata, no Agreste, na Bacia Leiteira, nos Médio e Alto Sertão Alagoano.

No começo, em 2015, apenas Alagoas e Sergipe caminhavam juntos, com momentos de formação em Comunicação Comunitária para a Convivência com o Semiárido, uma iniciati-

va da Embrapa que reunia lideranças comunitárias, comunicadores e educadores populares, técnicos agrícolas, agrônomos, artistas e agricultores, em parceria com as organizações do Agreste Semiárido desses dois estados.

Prosas ritmadas em cordel, teatro do oprimido, história oral, antropologia visual, rádio e intercâmbios socioculturais ganharam força, trazendo linhas novas com a resposta que emergia de um novo projeto, cujo objetivo era fortalecer o que estava sendo gerado até aquele momento. Esse projeto – Metodologia de Produção Pedagógica de Materiais Multimídia com Enfoque Agroecológico para a Agricultura Familiar –, abreviadamente denominado Pedagroeco, surgiu na Embrapa, em 2017, e estabeleceu-se como rede de organizações com um olhar para as juventudes, resultado de uma ampla mobilização social que celebrou o encontro e o diálogo.

Desde então, Alagoas tem caminhado com algumas organizações de outros estados nesse processo de construção com as juventudes. Assim, além da parceria com Sergipe, juntaram-se ao projeto organizações da Bahia, do Piauí e da Paraíba e, em alguns momentos, do Acre, do Pará e de Pernambuco como parceiros para pensar e construir um processo de formação a partir da Pedagogia Griô.

Desse modo, o Pedagroeco Alagoas buscou o diálogo com a vida camponesa, centrado na identidade, ancestralidade e tradição oral, tendo como fio condutor as manifestações culturais presentes nas comunidades envolvidas no projeto. Assim, a cultura estabelece conexões profundas com a agroecologia, pautadas nas lutas por terra e território, alimentos saudáveis, educação, comunicação e demais direitos.

Em 2017 e 2018, foram realizadas oficinas com encantamentos, vivências, diálogos e produção partilhada de conhecimentos, quando as juventudes de diversas comunidades do

Agreste, do Sertão e da Zona da Mata aprenderam e ensinaram ofícios (produção e edição de áudios e vídeos, produção textual, sistematização de experiências, entre outros) relacionados com produção multimídia e comunicação. Esses momentos permitiram a visualização das experiências coletivas e individuais dessas juventudes, assim como a realização de diagnósticos participativos em algumas comunidades que fortaleceram o protagonismo juvenil nesses territórios – histórias que serão contadas apenas superficialmente nas linhas deste capítulo, diante dos limites desta publicação, e que são marcadas por depoimentos como o da jovem mulher da Zona da Mata que, antes de ser assentada da Reforma Agrária, viu a terra plantada ser engolida pelo trator do patrão, ou ainda, da menina quilombola que sonhava com uma boneca no final do ano.

Em suas narrativas, jovens camponeses e camponesas escrevem a história da sua comunidade, a memória dos/as mais velhos/as para as futuras gerações e fazem da agroecologia uma escola de cuidados com a terra e com a formação de lideranças comunitárias.

Tendo como referência o caminho didático rumo à produção partilhada do conhecimento com a espiral evolutiva do modelo de ação pedagógica da Pedagogia Griô, o Pedagroeco em Alagoas se movimentou e se articulou didaticamente a partir de 3 momentos: 1) *Intercâmbio e vivência da juventude camponesa*, realizado no Quilombo Serra Verde – momento de integração, encantamento e celebração, momento de anunciar o Pedagroeco e construir sentimentos identitários do grupo; 2) *Pedagroeco Alagoas: um passo lá e outro cá!*, realizado na sede da Aagra em Igaci, com o objetivo de aprimorar as artes e ofícios, num diálogo entre a tradição, as ciências e as artes universais e contemporâneas; 3) *A vida em comunidade* – momento que se constituiu pelo esforço laboral e criativo coletivo de coleta, estudo e produção dos materiais multimídia, a partir

da imersão na vida e no cotidiano da comunidade. Momento de fortalecimento dos vínculos e aprendizagens dos/as jovens com a comunidade, de empoderamento de sua identidade, ancestralidade e práticas culturais com um olhar atento para as questões ambientais e a sustentabilidade dos sistemas agrícola a partir da agroecologia.

Os jovens foram instrumentalizados na produção de matérias multimídias e em ferramentas de diagnóstico da unidade produtiva e da comunidade como instrumento para sistematizar, problematizar e recriar suas histórias e trajetórias de vida individual e coletiva.

Nesses momentos vivenciados, percebeu-se a necessidade de escutar as juventudes e suas histórias de dores e delícias da idade em rodas sobre a vida. As linhas que se seguem, longe de configurarem em resultados de um estudo etnográfico, direcionam-se principalmente no relato do plano da oficina criado e acompanhado pedagogicamente no curso da Pedagogia Griô para implementação do projeto Pedagógico, a partir da interação com juventudes no estado de Alagoas.

Encantamento e vivência: intercâmbio da juventude camponesa

Ôh, Serra Verde (refrão)
A farinhada na serra
Era uma festa animada
Onde a rapaziada
Trabalhava em mutirão
Esse é meu chão de povo trabalhador
De gente que tem valor
Boniteza e tradição.
Ôh, Serra Verde (refrão)
Tem batata doce, tem beiju
Tem macaxeira
Tem cocada de primeira
Tem gente hospitaleira
Tem suas festas de santo de cavalhada
Tem quadrilha animada
Pelo brilho da fogueira
Ôh, Serra Verde! (refrão)¹

O som do coco², composto pela jovem Vitória Paixão (Figura 1), foi o canto de acolhimento ao grupo formado por

¹ Trecho da música *Ôh, Serra Verde*, de autoria de Vitória Paixão.

² Dança típica conhecida em todo o Norte e Nordeste brasileiro, nascida nos engenhos. Folcloristas afirmam que o coco teve origem no canto dos tiradores de coco e que, só depois, transformou-se em ritmo dançado (Gaspar, 2019).



Figura 1. Vitória Paixão entoando coco que saúda o Quilombo Serra Verde, em Iragi, AL, em 9/12/2017.

15 jovens de diferentes localidades de Alagoas, que se reuniram no *I Intercâmbio e Vivência da Juventude Camponesa*, cujo tema foi o encantamento no Quilombo Serra Verde. Vitória é filha da terra e recebeu os convidados com uma bonita roda, quando todos e todas foram estimulados a dançar ciranda³. Em seguida, Bruna Fernandes, do Coletivo Macambira, convidou o grupo para a roda de bênçãos, em que cada jovem, com o maracá⁴ na mão, se apresentou na roda, saudando os seus ancestrais e os seus lugares de pertencimento.

³ É uma dança extremamente comum no Brasil, em especial, no Nordeste, sendo conhecida como uma dança circular. Os participantes podem ser de várias faixas etárias. É uma dança comunitária que não tem preconceito contra sexo, cor, status social ou econômico dos participantes, e não há limite para o número de pessoas que pode participar. Começa com um pequeno círculo que cresce, em razão da chegada de pessoas que vêm dançar, abrindo o círculo, e segurando as mãos daqueles que já dançam (Gaspar, 2019).

⁴ O maracá, assim chamado em tupi-guarani, é o instrumento musical mais difundido entre as etnias indígenas no Brasil. Disponível em: <<http://musicabrasilis.org.br/instrumentos/maraca>>.

Música e dança favoreceram os rituais que mobilizavam sentimentos por meio dos vínculos acionados e fortalecidos na reverência ao Quilombo Serra Verde e dos sentimentos identitários que emergiram da busca e da valorização da ancestralidade, ou seja, da saudação aos homens e às mulheres negros e negras, avôs e avós, mestres(as) griôs da comunidade, antigos moradores que permaneceram presentes na memória dos participantes. Alguns elementos dessa ancestralidade, mantidos pela tradição oral, preencheram o ambiente de realização do intercâmbio e foram dispostos no centro da roda, o que estabeleceu, simbolicamente, o convite ao diálogo dos participantes com sua comunidade, sua história e sua cultura.

Os rituais que propiciaram a abertura daquele momento coletivo permaneceram durante todo o intercâmbio e eram intercalados pelos diálogos, em que todos e todas se percebiam ao mesmo tempo em que cada participante percebia a si mesmo, numa integração com a comunidade, mediada pela ancestralidade. Foi como expressou Moisés, do Coletivo Macambira:

Que nossas batalhas não virem sofrimento, mas que nos fortaleçam na nossa caminhada. Que possamos olhar o outro e não perder a nossa capacidade de nos olhar no outro (comunicação pessoal)⁵.

Esse processo de tomada de consciência se ampliava dos jovens do quilombo para os demais, oriundos de outros povoados e municípios de Alagoas.

Graças ao suor do meu pai e minha mãe, derramados no cabo da enxada, que eu consegui me formar. Foram quatro anos de muita luta, com o dinheiro contado, com a roupa pouca que tinha e os cadernos e os livros

⁵ Relato de José Moisés de Oliveira Silva, antropólogo e membro do Coletivo Macambira, em Palmeira dos Índios, AL, em 2017.

como companheiros. Consegui me formar (comunicação pessoal)⁶.

Sou filha de pai negro com descendência indígena. Minha mãe é branca e filha do dono do armazém local. Desde pequena a gente era renegada pela própria família, por preconceito. Além de sofrer o preconceito do meu avô por causa da cor do meu pai, sofremos a brutalidade do latifúndio na pele. A gente tinha uma lavoura nas terras de um fazendeiro, mas, após o seu falecimento, seus filhos expulsaram todos os trabalhadores e ainda passaram o trator por cima da nossa lavoura, tirando-nos da terra e nos colocando pra viver na cidade, sem nenhuma condição, nem direito. Mas o que fiz com isso? Nunca pensei em desistir, pelo contrário, a vida me ensinou a persistir (comunicação pessoal)⁷.

Tenho orgulho de dizer que sou agricultor agroecológico. Meu pai e eu trabalhamos na terra, produzimos sem agrotóxico e queremos disseminar o nosso conhecimento para o maior número de agricultores possível. Nunca havia me dado conta da importância da agroecologia para a vida das pessoas (comunicação pessoal)⁸.

A integração de todos e todas a partir das vivências da Pedagogia Griô com a tríade – cantigas tradicionais, danças e sentimentos identitários – permitiu que a contação de histórias, com a escuta sensível, favorecesse o encantamento do grupo.

É o conhecimento de geração em geração que a gente vai contando. É importante a gente olhar para

⁶ Relato de Vitória Paixão da Silva, educadora popular e historiadora, moradora do Quilombo Serra Verde, AL, em 2017.

⁷ Relato de Edcleide da Rocha Silva, jovem do Assentamento Padre Emílio April, em União dos Palmares, AL, em 2017.

⁸ Relato de Thalles da Silva Gomes, jovem, técnico em agropecuária e sócio da Associação dos Agricultores Alternativos - Aagra, de Igaci, AL, em 2017.

o chão onde a gente nasceu. Essa história no centro, a nossa ancestralidade no centro da vida (comunicação pessoal)⁹.

No começo de tudo, quando não havia tempo ainda, havia Yamandu. Yamandu é “o silêncio que tudo ilumina”, é o ancestral de todos os ancestrais. Num determinado dia, dentro da própria luminosidade, Yamandu, que é mais que qualquer sol, Yamandu quis conhecer a dimensão de si mesmo. Foi quando ele se encolheu, dentro do Grande Início, se recolheu dentro de si mesmo e viu que era vasto. Yamandu quis conhecer toda a dimensão de si, então se transformou numa coruja. Não essa coruja que nós vemos agora, mas a coruja primordial. E, como coruja, Yamandu se viu dentro da Grande Noite e viu que era vasto. Yamandu queria conhecer a sua altura, o seu comprimento, então se transformou num colibri: Mainu, na língua guarani. E como Mainu, o colibri, Yamandu conseguiu voar velozmente em todas as dimensões de si: voou acima, abaixo e ao centro. E viu que era vasto. Então Yamandu, o silêncio sagrado, luminoso, quis conhecer a totalidade de si, foi quando se recolheu dentro de si mesmo e se transformou num gavião real, Macauã. E com Macauã ele voou na mais longe das alturas e viu a totalidade de si. Então ele pensou: precisamos criar mundos (Oficina Escola de Arte Granada).

Na expressão da produção partilhada do conhecimento, o senhor José Oliveira, benzedor e agricultor familiar, apresentou um breve relato da história do Quilombo Serra Verde. Essa história também foi vivenciada pelo grupo com a exibição do documentário *História e memória de Serra Verde*, produzido pelos alunos da Escola São Vicente de Paula, localizada na comunidade. A oralidade possibilitou a construção de narrativas sobre o ambiente, sobre os modos de vida, sobre as tradições

⁹ Relato da facilitadora Simone Lopes, do Coletivo Macambira e assessora da Articulação do Semiárido em Alagoas, em 2017.

locais, os saberes e os fazeres locais dessas pessoas, mas, por exigir mais dedicação na escrita, serão pouco detalhadas neste documento.

A produção partilhada do conhecimento foi igualmente refletida pelos jovens que discutiram e apresentaram suas trajetórias de vida e suas experiências, suas identidades e as perspectivas de diálogo entre o projeto Pedagroeco e os processos locais em que estiveram envolvidos, ou seja, a vida em comunidade (Figura 2).

A juventude está presente nos espaços de formação e de luta. As crianças também fazem parte da formação, pois é uma forma de elas irem se constituindo enquanto camponesas. Desde 2009, estamos tentando trazer para

Foto: Maria Clara Guaraldo



Figura 2. Roda com Edcláudia e Edcleide da Rocha Silva, em Igaci, AL, em 9/12/2017.

os espaços de luta a juventude em todos os processos. A gente sempre diz: nós não somos menores e nem minorias, somos mulheres e camponesas e temos de fortalecer esse pensamento (comunicação pessoal)¹⁰.

Nossos pais participam do movimento, e estamos entrando nessa jornada para aprender e compreender o porquê da luta pela agricultura, o porquê produzir alimentos sem uso de agrotóxicos. [Agora] os jovens participam do trabalho na agroindústria de polpa de frutas, pelo menos duas vezes por semana. Essa produção de polpa vai para a merenda escolar de Igaci (comunicação pessoal)¹¹.

O MJPOP se reúne uma vez por mês na comunidade para debater os problemas locais. O movimento completou 10 anos em junho. Surgiu como metodologia, hoje é um movimento, já existem 16 grupos. Em cada grupo, há em torno de 18 jovens (comunicação pessoal)¹².

Tendo como cenário o Quilombo Serra Verde, o grupo, já integrado, ganhou mais força e animação com a subida até a Serra Verde, em vivência de caminhada, que permitiu a percepção coletiva dos elementos da natureza, a introspecção, o estímulo aos sentimentos afetivos por todos os participantes, além de uma bela vista da comunidade (Figura 3).

Finalmente, no exercício da produção partilhada do conhecimento, os grupos puderam refletir sobre o projeto e as possibilidades de envolvimento dos jovens nessa construção,

¹⁰ Relato de Edcláudia e Edcleide da Rocha Silva, jovens do Movimento de Mulheres Camponesas, moradoras do Assentamento Padre Emílio April, em União dos Palmares, AL, em 2017.

¹¹ Relato de Mariele da Silva Brito, Letícia Vitória Machado Gama e Jaqueline Silva de Oliveira, militantes do Movimento dos Pequenos Agricultores de Alagoas.

¹² Relato de Luiz César da Silva, jovem ligado ao Movimento Jovem de Monitoramento de Políticas Públicas (MJPOP), em 2017.

Foto: Fernando Curado



Figura 3. Vista do Quilombo Serra Verde do alto da serra, em Igaci, AL, em 10/12/2017.

destacando-se os seguintes aspectos e demandas que estimulam a vida na comunidade:

- Resgate e fortalecimento da arte e da cultura local (realização de levantamentos sobre as manifestações artístico-culturais nas comunidades).
- Produção textual (para produção de roteiros, cartazes, boletins, etc.).
- Capacitações dos jovens (diversos temas, desde técnico-produtivos àqueles sociopolíticos e organizacionais).
- Engajamento nas comunidades (participação e diálogo com grupos informais, associações, sindicatos, etc.).

- Produção audiovisual (técnicas de elaboração e edição de vídeos e áudios a partir de diferentes equipamentos).
- Comunicação pelas mídias e outros instrumentos (estratégias de comunicação para o desenvolvimento comunitário).

A produção partilhada de conhecimentos: Pedagogo em Alagoas – Um passo lá e outro cá!

Então, Yamandu, o silêncio sagrado luminoso, quis conhecer a totalidade de si, foi quando se recolheu dentro de si mesmo e se transformou num gavião real. Ele voou na mais longe das alturas e viu a totalidade de si. Então pensou: precisamos criar mundos (Oficina Escola de Arte Granada).

Antes mesmo de conhecer a extensão do nosso corpo, é preciso mergulhar dentro do corpo. Perceber o que habita dentro, as histórias herdadas, as angústias, os desejos, os sofrimentos e a força, que fazem mover o corpo¹³.

Nessa perspectiva, a construção do processo formativo com as juventudes rurais para a produção multimídia em agroecologia faz, justamente, esse caminho inverso, ou seja, coloca a vida no centro da roda. Os elementos centrais que orientam esse caminho são a identidade da juventude, com

¹³ Relato de Bruna Fernandes, pedagoga e educadora popular do Coletivo Macambira, AL, em 2017.

sua ancestralidade constitutiva, e as tradições, sustentáculos da vida comunitária.

A edificação do projeto de vida em comunidade emerge, portanto, da própria juventude, que se percebe protagonista e, ao se perceber assim, se torna mais propensa a compreender quais são as ferramentas (técnicas) e extensões do corpo que podem recorrer na comunicação, auxiliando na disseminação da voz, da imagem, da vivência e do trabalho comunitário.

A II Oficina Pedagogoeco Alagoas – Um passo lá, outro cá! teve o objetivo de fortalecer os vínculos e as aprendizagens dos/as jovens com a comunidade a partir da identidade, ancestralidade, tradição oral e suas histórias de vida, contribuindo ainda com o fortalecimento da agroecologia e o incentivo à produção de multimídias pelos/as jovens dos territórios Zona da Mata, Agreste, Bacia da Leiteira e Sertão de Alagoas (Figura 4).

Foto: Pedro Henrique Soares Pereira



Figura 4. Roda de encantamento com símbolos, participantes da *II Oficina Pedagogoeco Alagoas – Um passo lá, outro cá!*, em Igaci, AL, em 19/10/2018.

Foi concebida a partir da compreensão de que os/as jovens devem estar instrumentalizados/as e munidos da liberdade criativa para mostrarem o lugar que ocupam no mundo, dialogando, intercambiando e conseguindo fazer as conexões dos pontos que ligam a sua vida/história comunitária com todos os outros conhecimentos construídos pela humanidade.

Nesse sentido, a produção de multimídias deixa de ser a ideia central, o produto final, transformando-se no meio que as juventudes têm para comunicar e expressar, de forma popular e democrática, as práticas agroecológicas que estão intrínsecas às suas histórias de vida, vínculos e aprendizagens herdados dos seus ancestrais.

O vídeo não é mais somente um vídeo, mas uma narrativa do seu povo. O texto não é mais somente um texto, mas uma sistematização da experiência vivenciada. E a arte não é mais coadjuvante, ela é o fio que costura a vida com tudo que produzem, aprendem e emanam, com a força divina criativa.

As oficinas temáticas, realizadas durante a *II Oficina para a instrumentalização de ferramentas de comunicação popular com as juventudes de Alagoas*, mostraram o quanto são diversas as estradas da comunicação que se materializam com a presença do corpo e dos sentimentos, no intercâmbio de experiências de forma sinérgica, pois se estabelecem em conexão entre um e o outro.

A oficina de contação de histórias, utilizando-se da metodologia da Pedagogia Griô, realizou uma vivência com cantigas e danças tradicionais, tendo como base a curva da vivência que detém a tríade: canto tradicional, dança tradicional, sentimentos identitários. Após a regressão, os participantes tiveram a oportunidade de escrever as suas memórias.

Em seguida, foram compartilhadas histórias em círculos dialógicos e prosseguiu-se com a produção partilhada de conhecimentos reunidos nessas experiências vividas. Cada pessoa escolheu um fragmento de sua história que desejava expor no formato de narrativa e os participantes juntaram os fragmentos, para construir uma única história em jogral:

Era uma vez uma criança que morava em um estado muito longe e, depois de um tempo, foi morar no Nordeste. Ela e sua família foram morar com sua bisavó que era muito legal. Quando ela e seu irmão faziam travessura sua mãe queria bater neles, que corriam para o colo da bisavó, pois ela sempre os defendia. As brincadeiras eram as melhores: pega-pega, esconde-esconde, futebol, mas a melhor brincadeira era subir nas árvores e aproveitar seus frutos, porém nunca sozinho, sempre com os irmãos e amigos. Era simplesmente incrível. O mais interessante era quando chegava o tempo das lavouras e os bois iam arar a terra para a plantação. Gostava mais ainda de correr e brincar nas terras aradas, dos bois do meu pai que se chamavam Gerente e Decente. Era uma sensação maravilhosa sentir a terra que era bem fofinha e tinha aquele cheirinho de terra molhada [humm...] Gostava de brincar, ainda, em umas pedras grandes que ficavam atrás de casa. Quando os pais iam pra roça, às vezes, levavam ela ou deixavam-na na casa da avó, conversando com o cachorro Cheveti. Hoje tem muitas lembranças e todo dia agradece por cada sorriso que recebe de sua família, pelas culturas e hábitos diferentes, pois seu objetivo é sempre lutar pelos direitos iguais mostrando suas raízes ancestrais (comunicação pessoal)¹⁴.

A oficina de cordel buscou conhecer a história e os autores da Literatura de Cordel e sua origem na tradição oral, com o intuito de construir vínculos e aprendizagens dos jovens com

¹⁴ Trecho da história construída coletivamente durante a *II Oficina do Pedagogo*, em Igaci, AL, em 2018.

a comunidade a partir da identidade, ancestralidade, tradição oral e suas histórias de vida. Isso contribuiu para o fortalecimento da agroecologia e deu incentivo à produção de multimídias.

Com o tema *Valorize a sua comunidade: ouvindo, sentindo, poetizando e transformando*, a oficina favoreceu a reflexão sobre a importância do cordel entendido como uma poesia popular de cunho social e sobre as expressões culturais das comunidades de origem de cada jovem, a partir dos vínculos, identidade e histórias de vida, numa perspectiva agroecológica, cuja base estrutural é a ancestralidade (Figura 5).

A oficina de audiovisual seguiu a perspectiva da comunicação popular e democrática, juntou o conhecimento técnico relacionado com a produção e edição de vídeos, áudios e textos, e a prática da utilização de celulares para produção audio-



Foto: Pedro Henrique Soares Pereira

Figura 5. Participantes da II Oficina do Pedagogo, em Igaci, AL, em 20/10/2018.

visual. As atividades se aproximaram da Pedagogia Griô e do Diagnóstico Rápido Participativo (DRPA)¹⁵ como metodologia e conteúdo comunicacional de peças audiovisuais elaboradas por cada jovem, levando em consideração a sua experiência no seu território. Houve diálogos e troca de experiências entre as práticas e os saberes da juventude alagoana como forma de estimular a produção em rede e o desenvolvimento de estratégias e planejamentos na perspectiva do projeto Pedagógico.

A vida em comunidade: o diagnóstico participativo como ferramenta de inserção juvenil

No intuito de se favorecer a compreensão coletiva acerca das raízes culturais das comunidades e, ao mesmo tempo, fortalecer a inserção dos jovens nesses espaços, utilizou-se a metodologia denominada DRPA. O DRPA tem sido um instrumento capaz de provocar a reflexão dos jovens sobre as potencialidades e problemáticas das comunidades, levando-os a atuarem como agentes de transformação social no desenvolvimento comunitário, preservando e fortalecendo a identidade e a cultura local. A metodologia permitiu aos jovens a realização do diagnóstico e, como consequência, o planejamento, o autogerenciamento e a proposição de atividades em suas comunidades, a partir dos resultados apontados pelo estudo.

¹⁵ O DRPA, desenvolvido pela ONG AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia, é uma abordagem metodológica mais sensível ao envolvimento dos agricultores e agricultoras no processo de estudo, reflexão e experimentação sobre as realidades das comunidades e territórios, superando a rapidez nas técnicas de levantamento e buscando aproximações sucessivas a tais realidades (Von der Weid, 2001).

Na experiência do Pedagogo Alagoas, os jovens participantes receberam um roteiro para o desenvolvimento das etapas de investigação, quais sejam: a análise documental comunitária, a leitura da paisagem, a construção de uma linha do tempo, as entrevistas históricas que deram conta da produção da história da comunidade, além do levantamento de aspectos relacionados à saúde, educação, cultura, geração de renda e meio ambiente. As pesquisas foram realizadas com as lideranças nos espaços coletivos, bem como com as pessoas mais experientes em razão do tempo de vivência na comunidade. Os resultados alcançados nesses levantamentos e o maior detalhamento das ações realizadas pelas juventudes e educadoras nas comunidades a partir do Pedagogo são conteúdos que excedem os limites de apresentação neste documento, mas certamente serão divulgados em publicações futuras.

O coletivo de educadores envolvidos no Pedagogo considerou que o DRPA foi um instrumento eficaz na busca pela consolidação dos resultados esperados com a formação da juventude rural, pois possibilitou a realização de uma pesquisa aprofundada, mas não tecnicista, sendo, sobretudo, lúdica e prazerosa. Além disso, a metodologia favoreceu a aproximação do jovem em relação à sua história, sua gente e sua cultura, e proporcionou, ao mesmo tempo, o fortalecimento da luta pela preservação dos costumes e tradições.

Com o resultado das pesquisas e vivências comunitárias, os jovens, organizados em grupos afins, poderiam construir peças de comunicação, usando uma linguagem lúdica que demonstrasse e socializasse a vida na comunidade.

Diante da ausência de aporte financeiro suficiente, a estratégia para devolutiva foi revista, de modo que não houve um grande encontro entre os territórios, pensado inicialmente, mas outra estratégia que culminou em resultado ainda mais

significante. Assim, as educadoras se dividiram nos territórios (Alto Sertão, Agreste, Bacia Leiteira e Mata Alagoana) para acompanhar as devoluções com os jovens e as comunidades. Os momentos de devolução, em cada território, ocorreram com uma linguagem lúdica por meio da dança, da música, do teatro e da contação de histórias. A população envolvida percebia o poder do vínculo com suas raízes quando os jovens apresentavam os elementos da história de vida das pessoas e da comunidade em geral, a partir da pesquisa realizada.

Considerações finais

Percebe-se que o Pedagroeco em Alagoas não foi apenas um projeto que envolveu o universo jovem na proposição de transformações locais, mas uma construção coletiva fundamentada na identificação de mecanismos para se pensar as subjetividades inerentes às juventudes em toda a sua diversidade e que, por isso, permitiu a referência no plural, ou seja, “juventudes”, evitando rótulos e o reducionismo com a utilização exclusiva do critério etário. Assim, o jovem camponês, indígena, quilombola, ribeirinho, vaqueiro, professor de matemática, poeta, artesã e contador de história, que rosto têm?

O diálogo com pessoas mais experientes da comunidade, as quais sofreram com as dificuldades da vida, mas também se alegraram com coisas simples, como a chuva que chega para criar as lavouras, mostrou-se como algo surpreendente diante de um contexto em que a juventude se vê fortemente influenciada a buscar a felicidade em elementos superficiais.

Essa cartografia em sua maioria é desenhada de maneira sinuosa, com tinta intangível aos olhos nus, mas que se abre

em pequenas fendas por meio de movimentos educativos, sensíveis aos seus projetos de vida.

As sementes semeadas no Quilombo da Serra Verde e as plantas cuidadas ao longo dessa pequena experiência nas diversas comunidades, nos territórios envolvidos, no projeto se transformaram numa farta seara: o Pedagogo Alagoas – uma ciranda de mãos dadas e pé no chão, construindo novos aprendizados que foram aqui partilhados com aqueles e aquelas que buscam nos processos coletivos uma forma de se (re)encantar e de se permitir esperar, porque, como diz Mestre Verdinho, “[...] nascendo em cima da terra, nessa terra há de viver [...]”.

Referências

- GASPAR, L. C. **Pesquisa Escolar**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<https://www.fundaj.gov.br/>>. Acesso em: 19 maio 2019.
- VON DER WEID, J. M. A Trajetória das abordagens participativas para o desenvolvimento na prática das ONGs no Brasil. In: BROSE, M. **Metodologia participativa**: uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001. p. 103-112.

Literatura recomendada

- ALAGOAS (Estado). Secretaria de Estado da Cultura. **Mestre Verdinho**. Disp. e Griô, 2006.
- OFICINA ESCOLA DE ARTE GRANADA. **Mito Tupi Guarani de Criação do Mundo**. 2019. Disponível em: <<http://www.escolagranada.com.br/mito-de-criao-tupi-guarani>>. Acesso em: 25 abr.2019.
- PACHECO, L. **Pedagogia Griô**: a reinvenção da roda da vida. Lençóis, BA: Grãos de Luz e Griô, 2006.

CAPÍTULO 4

Diálogos interculturais
dos povos indígenas e
comunidades tradicionais
do Território Sertão do
São Francisco Baiano e
Pernambucano

Fabrizio Bianchini
Paola Cortez Bianchini
Priscila Helena Machado
Tiago Pereira da Costa
Sônia Ribeiro Abike
Rebeca Mascarenhas Fonseca Barreto

A Pedagogia Griô foi a corrente pedagógica adotada pelo projeto Pedagógico para o trabalho de construção de materiais multimídias com enfoque na agroecologia. Jovens de vários estados e territórios do Nordeste mergulharam nos seus conceitos e práticas, que trazem a ancestralidade e a identidade local como um de seus mais importantes elementos para a revitalização de saberes e conhecimentos tradicionais que garantam a consciência comunitária e um projeto de vida em comunidade, além do reconhecimento e da sustentabilidade dos modos de vida dos povos e comunidades tradicionais.

Neste capítulo, as quatro experiências descritas – 1) a construção coletiva do plano de vida do povo indígena Atikum da Terra Indígena Jurema, em Petrolina, PE; 2) oficina de comunicação popular Arte&Cultura&Educação da Escola Família Agrícola de Sobradinho, BA; 3) novembro negro: mês de reflexão e desconstrução do preconceito e o racismo; e 4) a Pedagogia Griô como estratégia educacional no ensino e extensão da etnobiologia – representam a aplicação prática da Pedagogia Griô para a construção de diálogos interculturais, da diversidade sociocultural do Território Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano (TSSF). Elas fazem parte das ações e dos projetos executados pelo Núcleo de Agroecologia da Embrapa Semiárido em parceria com o Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão, pela Escola Família Agrícola de Sobradinho, BA, Prefeitura Municipal de Santa Maria da Boa Vista, PE, e Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Os trabalhos, descritos a seguir, têm como público participante as comunidades tradicionais do TSSF, como o povo indígena Atikum, da Terra Indígena Jurema, localizada no município de Petrolina, PE; os jovens das comunidades tradicionais Fundo e Fecho de Pasto, que são estudantes da Escola Família Agrícola de Sobradinho, BA; e as comunidades quilombolas do município de Santa Maria da Boa Vista, PE. Os agroecossistemas

manejados nos territórios historicamente ocupados por essas comunidades representam modelos bioculturais distintos, que preservam, estrategicamente, extensas áreas de Caatinga, a partir de acordos de uso coletivo dos recursos naturais e da biodiversidade pelas famílias.

A construção coletiva do plano de vida do povo indígena Atikum da Terra Indígena Jurema, em Petrolina, PE

Com a extinção de cada grupo indígena, o mundo perde milhares de anos de conhecimento acumulado sobre a vida e a adaptação em ecossistemas tropicais. [...] A marcha do desenvolvimento não pode esperar muito tempo para descobrir o que se está prestes a destruir (Ribeiro, 1987, p. 15-16).

O povo indígena Atikum, da Terra Indígena Jurema, tem aproximadamente 30 famílias, em torno de 150 pessoas, entre jovens, adultos e idosos. Essa comunidade vive, desde 1919, em uma área de sequeiro de 225 hectares, às margens do Rio Pontal em Petrolina, PE; e seu território tradicional foi reconhecido pelo estado brasileiro, por meio da autodeclaração da comunidade, apenas no ano de 2017. As principais atividades agropecuárias manejadas no seu agroecossistema são: a) a criação de pequenos animais como caprinos, ovinos, suínos e aves; b) o policultivo em roçados (milho, feijão, abóbora e melancia); c) os quintais produtivos, com hortaliças, plantas frutíferas, medicinais e ornamentais; e d) o extrativismo de espécies

nativas da Caatinga, como o umbuzeiro (*Spondias tuberosa* L.), o maracujá da Caatinga (*Passiflora cincinnata*), a faveleira (*Cnidocolus phyllacanthus* (Mart.) Pax et K. Hoffm.), o xique-xique (*Pilocereus gounellei* (A. Weber ex K. Schum.) Bly. ex Rowl.) e as abelhas melíponas. Essas atividades representam a segurança alimentar e nutricional das famílias e a geração de renda com a comercialização do excedente em uma feira agroecológica realizada no município de Lagoa Grande, PE. Outras fontes de renda econômica das famílias são a produção de artesanatos, os benefícios sociais da aposentadoria rural e do Bolsa Família e trabalhos esporádicos na construção civil e nas fazendas de fruticultura irrigada da região.

Com o objetivo de apoiar o processo de organização do povo indígena Atikum, foi realizado um curso de formação para as lideranças da comunidade sobre metodologias para a construção coletiva de planos de vida comunitários. O curso foi moderado pelo pesquisador José de Souza Silva, do Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão, durante o período de 23 a 30 de novembro de 2018.

Historicamente, projetos de “desenvolvimento de comunidades” são “tecnicamente” impostos, sem que as comunidades rurais participem de sua concepção, para influenciar aspectos do futuro que lhes interessa. No Semiárido Brasileiro, um experimento social metodológico foi realizado pelo Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão (2015–2018) para desenvolver uma metodologia promotora da autonomia de comunidades rurais na reconstrução histórica de seu Modo de Vida Rural, avaliação crítica do estado atual desse modo de vida e proposição prospectiva do futuro desejado. No processo, a comunidade constrói o seu Bem Viver rural, imaginando-se, em 2030, uma comunidade feliz com um modo de vida comunitário sustentável. (Silva, 2018, p. 3).

O percurso metodológico do curso foi conduzido em diferentes momentos de aprendizagem; estes são destinados inicialmente à construção e afirmação da identidade da comunidade, até que sejam estabelecidos os valores e as atitudes estratégicas para a elaboração do plano de vida comunitário. Durante a realização do curso, foram aplicados diversos elementos da Pedagogia Griô, como a apresentação simbólica da cultura material e imaterial da comunidade, por meio de peças de artesanato e utensílios do seu passado e presente, da apresentação do toré, que foi conduzido pelas pajés e lideranças. E, ao final da oficina, houve a consagração da Jurema e a apresentação de cantos e danças tradicionais do toré, congo e reisado.

O momento inicial da oficina aconteceu com a apresentação das memórias do processo histórico da comunidade, seguida de uma reflexão e abordagem oral sobre o seu passado, a partir da seguinte questão: De onde viemos como comunidade?

Essa reconstrução histórica da origem da comunidade foi relatada pela anciã Priscila Pereira da Silva:

Nossos avós, tios e tias, mãe e pai já faleceram nessa terra, nós somos bisnetos, netos e filhos dos Atikuns, nossas famílias levam os nomes dos Anjos, Conceição, Silva e Pereira. Nossa tradição é o toré e a jurema, fomos criados comendo peixe, xique-xique, marí, aguapé, umbu, carne de caça, mel silvestre, sementes de faveleira, cuca de maniçoba, cuca de umburuçu, paçoca de umbu, juá, coroa de frade, mandacaru, araticum, beiju... a água era dos lajedos, a luz era murrão de cera de abelha nativa ou banha de peixe. Na minha infância não vestia roupas, apenas fibra de caroá e dormíamos em esteiras. Nossas ancestrais viveram por muito tempo fugindo para não serem estupradas e mortas por nada. Hoje vivemos em 30 famílias, aproximadamente 150 índios na terra herdada de nossas avós (comunicação pessoal)¹.

¹ Relato de Priscila Pereira da Silva, pajé Atikum, na oficina de plano de vida comunitário, em 26 de nov. de 2018.

O segundo momento foi dedicado à representação crítica do presente comunitário, a partir de reflexões suscitadas pela questão: Quem somos como comunidade? A cacique e liderança da comunidade, Gracilda Pereira, apresentou uma síntese das conquistas mais importantes da comunidade nos últimos anos e os principais desafios que ainda devem ser alcançados.

Como foi apresentado pela nossa pajé Priscila, a história de nossos antepassados foi de muita dificuldade, mal tínhamos o que comer, nossas casas eram todas de taipa, não tínhamos sequer acesso à água. Mas nos últimos anos comecei a reivindicar apoio junto ao poder público, como o acesso à água potável para consumo doméstico nas casas das famílias, à eletrificação rural, estruturas de água para produção (cisternas e barreiros para captação e armazenamento da água da chuva), transporte escolar, assistência técnica [...] felizmente estamos conseguindo avançar com as parcerias junto aos poderes públicos municipais, estaduais e federais, além do apoio das universidades e organizações de Ater. Hoje nossa associação é convidada para participar de diferentes colegiados e câmaras temáticas para planejamento e execução das políticas públicas, onde apresentamos as principais demandas e necessidades da nossa comunidade, seja na área de saúde, educação ou produção e recentemente iniciamos o processo de identificação de nossa terra indígena tradicionalmente ocupada junto a Funai (comunicação pessoal)².

O terceiro momento foi destinado para a representação prospectiva do futuro comunitário, que surge como um esforço coletivo comprometido com a felicidade e a sustentabilidade do seu modo de vida. Para onde vamos (como queremos ser/estar, o que queremos ser/ter) como comunidade? A reflexão sobre o futuro da comunidade foi apresentada por Rosely

² Relato de Gracilda Pereira, cacique Atikum, na oficina de plano de vida comunitário, em 26 de nov. de 2018.

Camila Pereira Silva, uma jovem que ressaltou a importância de envolver a juventude e dar a ela oportunidade tanto no acesso à educação e como na realização de intercâmbios para que os jovens se preparem para as responsabilidades do futuro, também reforçou a importância da valorização da cultura e dos conhecimentos tradicionais dos mais antigos da comunidade.

Os momentos seguintes do percurso metodológico abordaram o conceito do presente como futuro do passado e o conceito do presente como o passado do futuro, a partir dos quais se verifica que não é possível alterar o presente porque não se pode modificar o passado, mas que é possível alterar o futuro pelas escolhas e decisões tomadas no presente. Essa reflexão resultou na identificação do processo histórico da transformação comunitária, por meio do qual o presente emergiu como consequência de um conjunto de ações cometidas no passado e que, na sua maioria, foram conflitantes com os valores, interesses, direitos e sonhos locais. Os processos futuros da transformação comunitária podem e devem emergir dos princípios e valores orientadores do atual presente, capazes de superar os problemas atuais e preparar para os desafios futuros. Dessa forma, a comunidade é capaz de conduzir e protagonizar ações previstas em um plano de vida comunitário.

Os resultados finais da oficina indicaram as ações e estratégias que devem fazer parte do plano de vida comunitário da comunidade indígena Atikum. Entre os pontos sistematizados estão: a) o fortalecimento das atividades e ações já desempenhadas comunitariamente, como o respeito entre as famílias e a gestão coletiva e familiar do território; b) a representatividade da associação como espaço de união da comunidade; c) a agroecologia como princípio para garantir a autonomia da segurança alimentar e nutricional das famílias; d) a revitalização cultural por meio das festas, artesanato, culinária, sementes e raças crioulas e a valorização dos conhecimentos e saberes dos antigos; e

e) fortalecimento das parcerias e garantia do acesso às políticas públicas de segurança hídrica, Ater, habitação, saúde e educação, principalmente do acesso dos jovens ao ensino superior.

Oficina de comunicação popular Arte&Cultura&Educação da Escola Família Agrícola de Sobradinho, BA

A realização da oficina Arte&Cultura&Educação para a juventude rural da Escola Família Agrícola de Sobradinho mobilizou e integrou ações de três diferentes projetos da Embrapa: Refaisa, Pedagroeco e Bem Diverso³. Aliando as bases conceituais e científicas interdisciplinares que constituem o escopo de cada um dos projetos aos princípios e práticas da Pedagogia da Alternância e da Pedagogia Griô, a oficina buscou inspirar os jovens estudantes da Escola Família Agrícola de Sobradinho a narrarem suas histórias e evidenciar sua cultura a partir do seu olhar enquanto sujeito coletivo; e a elaborarem materiais didáticos artísticos e autorais cujos temas foram trabalhados no plano de estudos da escola e nas atividades em parceria com a Embrapa Semiárido, tais como fruticultura de sequeiro, agrobiodiversidade, agroecologia e convivência com o Semiárido.

³ O projeto Refaisa é um projeto do Sistema Embrapa de Gestão (SEG) em parceria com a Rede de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido. O projeto Pedagroeco também é um projeto SEG que mobilizou uma grande rede de parceiros da Embrapa no Nordeste. O projeto Bem Diverso é um projeto da Embrapa financiado pelo Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF) e implementado no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), focado na conservação pelo uso da biodiversidade nos biomas Caatinga, Cerrado e Amazônia.

Com duração total de 24 horas divididas em dois módulos, sendo o primeiro com 16 horas e o segundo com 8 horas de duração, a oficina apresentou e trabalhou dez diferentes linguagens artísticas e de comunicação popular com os estudantes da escola: desenho, hip hop, facilitação gráfica, xilogravura, cordel, grafite, fotografia, produção de vídeo, produção textual e contação de histórias. Cada linguagem foi trabalhada por um artista e/ou comunicador popular (facilitador). A culminância da oficina se deu com a *Mostra Arte&Cultura&Educação*, na própria escola, onde todas as produções foram apresentadas.

A Escola Família Agrícola de Sobradinho (Efas) surgiu em 1990, após a construção da barragem do lago de Sobradinho, como forma de organização das comunidades rurais que viviam em situações precárias e sem acesso a direitos básicos, como saúde e educação, em um contexto caótico. A escola, em seus 29 anos de existência, vem ofertando a educação contextualizada no/do campo, por meio da Pedagogia da Alternância nas modalidades da Educação Básica do Fundamental II (6º ao 9º ano) e da Educação Profissional, com o curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio (1º ao 4º ano), com gestão comunitária via associação de famílias⁴ e fomento público, com recursos estaduais. A Pedagogia da Alternância possui quatro pilares fundamentais que se articulam para a formação humana: formação integral (projeto de vida humanístico); desenvolvimento do meio (das comunidades como um todo); alternância (tempo escola e tempo comunidade com instrumentos pedagógicos específicos); e associação local (organização social e autogestão). Essa pedagogia valoriza o trabalho para contextualizar a teoria e, necessariamente, envolve as famílias e as comunidades no processo educativo.

⁴ Associação Mantenedora da Escola Família Agrícola de Sobradinho (Amefas).

Provenientes dos dez municípios do Território Sertão São Francisco, os jovens rurais que estudam na Efas são filhos e filhas de agricultores familiares indicados pelas comunidades para receber essa formação. Parte dos estudantes da escola é composta por jovens de comunidades tradicionais Fundo de Pasto, modo de vida típico do Semiárido baiano, que alia o uso e a conservação da biodiversidade com manejo de áreas coletivas e individuais, preservando extensas áreas de Caatinga para o extrativismo de umbu e maracujá da Caatinga e a criação de caprinos e ovinos.

O processo de criação e o olhar desde o local

Desde a concepção da oficina foi-se construindo, entre equipe e facilitadores, as bases para um trabalho com jovens que proporcionasse um olhar para dentro, para as origens, para o local, para a cultura, para as relações familiares, sociais e as memórias afetivas. Esse olhar para dentro deveria colocar em perspectiva a formação recebida na escola, mais especificamente os temas técnicos, em conjunção com o meio real, isto é, com a comunidade, suas demandas, sua história e trajetória para estabelecer a necessária ligação entre teoria e prática, entre tradição e novidade, entre elementos das ciências humanas e sociais e das agrárias.

Para responder ao desafio de elaborar materiais didáticos artísticos e autorais, isto é, produzidos pelos próprios estudantes e que pudessem ser utilizados com diferentes finalidades e públicos (na escola, em outras escolas da rede e nas comunidades), abordando os temas técnico-agronômicos do plano de estudos e da parceria com a Embrapa, a oficina foi se desenrolando processualmente para que os estudantes dispusessem das condições

necessárias para a escolha e o desenvolvimento da linguagem artística e/ou de comunicação popular mais adequada.

Assim, no primeiro momento da oficina, dedicado a familiarizar os estudantes às linguagens, a seus potenciais e aplicações e, para subsidiar sua escolha no desenvolvimento da atividade, buscou-se a apresentação de cada linguagem, pelos facilitadores, por meio da metodologia participativa conhecida como Carrossel, em instalações pedagógicas construídas com elementos que configurassem a linguagem de forma atrativa, colorida e inspiradora. Os estudantes da escola puderam conhecer cada uma das linguagens, optando, por ordem de preferência, por até três delas. As turmas de cada oficina foram definidas pela distribuição dos estudantes de acordo com sua ordem de preferência e quantidade de vagas. Cada oficina recebeu cerca de dez estudantes, entre 13 e 29 anos.

Os facilitadores foram orientados, com base na Pedagogia Griô, a iniciar as atividades fortalecendo o vínculo afetivo e cultural, e reconhecendo os símbolos identitários do território, com base em elementos do local de origem e nas tradições orais que remetessem à memória da sua ancestralidade (avô, bisavô). Após essa etapa de encantamento, vivência e diálogo, foram realizadas produções partilhadas abordando os conteúdos em linguagens diversas propostas em cada oficina, inicialmente os temas relacionados à linguagem (técnicas e materiais, entre outros) e, posteriormente, os temas técnicos que compõem o plano de estudo da escola e a parceria com a Embrapa Semiárido, por meio do núcleo de agroecologia, tais como: biodiversidade da Caatinga, fruticultura de sequeiro (cultivo de umbuzeiro e maracujá da Caatinga), uso e conservação da agrobiodiversidade, agroecologia e convivência com o Semiárido. Cada linguagem adotou metodologia própria que envolveu teoria e prática. Esse segundo momento da oficina teve duração de 12 horas.

Entre os dois módulos da oficina houve um “tempo comunidade”, que contribuiu para enriquecer as pesquisas dos estudantes sobre os temas técnicos e sobre as linguagens e para ampliar o acervo de materiais finalizados no segundo módulo, de culminância. Nesse “tempo comunidade”, os estudantes foram orientados a buscar os elementos comunitários para completar as informações e produções que estavam em curso nas oficinas.

O trabalho de produção partilhada nas oficinas

A oficina de desenho produziu peças artísticas (Figura 1) utilizando técnicas de aquarela, das espécies-chaves do bioma Caatinga, como maracujá da Caatinga, mandacaru e umbuzeiro. A manifestação musical do movimento hip hop foi inspiração para criação de um rap sobre agrobiodiversidade, gênero, injustiças com o jovem de escola rural. Uma das inscrites fez questão de apresentar-se (Figura 2) como rapper no momento da mostra cultural, levando sua mensagem a todos da escola e comunidades. Com letra e música produzidas durante a oficina, contagiou os demais estudantes da escola e virou hit logo na primeira apresentação.

A oficina de grafite (Figura 3) discutiu a comunidade dos sonhos, com todas as tecnologias necessárias para manter a Caatinga em pé, com foco não intencional, mais compreendido na leitura final da produção, em que se demonstra uma comunidade tradicional de Fundo de Pasto que guarda valores de sustentabilidade e companheirismo. Grafitaram um muro da escola e um pano de algodão cru de 2 m x 2 m, para ser utilizado em outros locais, durante as aulas de campo.

Foto: Carlaise Freitas Gomes



Figura 1. Painel com os desenhos produzidos na oficina de desenho.

Foto: Carlaise Freitas Gomes



Figura 2. Momento da apresentação de Thais Cardoso Silva, jovem da Escola Família Agrícola de Sobradinho.



Foto: Carlaise Freitas Gomes

Figura 3. Oficina de grafite: arte estampada no muro da escola.

A oficina de fotografia buscou olhar para as práticas agroecológicas que são realizadas na escola, como cultivo de hortas, preservação de plantas nativas, conservação de banco de sementes, valorizando o bioma e a relação com pessoas (Figuras 4A e 4B). Na produção de vídeo, registrou-se o processo de produção de uma muda do umbuzeiro (enxertia), planta tão estimada no sertão e de difícil germinação por semente. A oficina de cordel e xilogravura produziu cordéis e desenhos com foco na agrobiodiversidade e enfatizou o banco de sementes crioulas da escola (Figura 5).

A oficina de facilitação gráfica produziu painéis com anúncios e denúncias da escola, a partir das metáforas visuais, utilizando desenhos e palavras combinadas. A oficina de produção de texto produziu transcrições de textos técnicos para uma linguagem mais acessível a diferentes públicos. Os textos produzidos vão compor o produto final, com todas as práticas agroecológicas trabalhadas. A oficina de contação de histórias

Foto: Adrielle Soares



Foto: Ester Costa



Figura 4. Oficina de fotografia: relação do bioma Caatinga com as pessoas (A);
palmatória do viveiro da escola (B).



Foto: Ester Costa

Figura 5. Oficina de cordel e xilogravura na mostra final de resultados.

foi um dos momentos mais emocionantes, pois, por meio da oralidade tradicional e da criação de cenas inspiradas nos modos de vida, nos trouxe um pouco da história das comunidades representadas nas Efas. Com música e figurino, os jovens puderam despertar toda a emoção de fazer parte de uma comunidade tradicional no Semiárido brasileiro.

O que podemos aprender e vivenciar

Todo o processo da oficina teve sua culminância na *Mostra Arte&Cultura&Educação*, em que os estudantes apresentaram as produções de cada uma das oficinas. Todos os momentos da oficina foram filmados para produção de um vídeo. Os/as estudantes demonstraram gratidão em ter vivenciado esses momentos e apresentaram seus produtos, com um nível bem elevado de motivação e compromisso, e muita habilidade no uso das linguagens trabalhadas.

O protagonismo da juventude esteve presente em todas as linguagens artísticas e de comunicação popular. O interesse

dos estudantes os dispôs ao envolvimento nas atividades, o que proporcionou dias intensos e motivadores para a vida e laços tradicionais entre escola e comunidade. Toda a comunidade da Escola Família Agrícola de Sobradinho se aprofundou nas atividades, os/as professores e monitores/as acompanharam todas as oficinas. Ao todo, havia cerca de cem pessoas envolvidas ativamente nessa bela construção.

Os frutos das oficinas vão compor um fichário didático, pedagógico e autoral, com o olhar partindo da juventude rural por meio da Pedagogia Griô e da educação contextualizada no campo, de modo a serem referência e instrumento pedagógico no processo de escolarização e formação para e na vida.

Novembro negro: mês de reflexão e desconstrução de preconceito e racismo

Eu queria cantar como negro
Eu queria dançar como negro
Eu queria rezar como negra
Eu queria que a minha cultura fosse a negra
Eu queria ter conhecido a história da África
Mas me ensinaram a história dos brancos
A rezar como Branco
Cantar como Branco
Me vestir como Branco
E AGORA!!!!
Quem sou eu nem branca nem preta.
Quem sou eu não sou culpada de ser assim.
Me ensinaram assim.

*Maria do Serrote, setembro/2011
(Quilombola e Dançante do Reisado no Quilombo do Serrote).*

Este tópico do capítulo apresenta os caminhos que as populações negras de Santa Maria da Boa Vista, PE, percorreram e ainda percorrem a fim de auto-organizar suas vidas, rebuscar a autoestima e suas identidades, negadas no período da escravização e subtraídas após abolição, bem como enxergar o processo de organização dos negros(as), para revitalizar suas culturas e o sagrado como elementos de agregação e recriação dos territórios. Essa busca é importante para discutir a tradição, a memória e a história social, cultural, política e econômica, reelaborar a memória coletiva para além do espaço geográfico, espaços esses que chamaremos de microterritórios negros (quilombos, terreiros, irmandades, clubes sociais). Esses caminhos são revisitados e apresentados no espaço de formação e conhecimento organizado no mês de novembro, intitulado *Novembro negro*.

Contexto

A cidade de Santa Maria da Boa Vista, situada no sertão de Pernambuco, conta com uma população de aproximadamente 44 mil habitantes, divididos em áreas rurais e urbanas. Toda essa população vive basicamente da agropecuária, do serviço público, do pequeno comércio e da pesca. A população é composta por negros e mestiços. Os mais claros, autodeclarados brancos, definem a vida socioeconômica e política do município, deixando nítidos os lugares das negras e dos negros (chamados morenos e morenas) no cenário social da cidade.

O município tem índices de desigualdade social nos diferentes aspectos, seja de informação, cultura e lazer, seja de trabalho e renda. As dificuldades de geração de renda levam inúmeros jovens a migrarem para o Sul do País em busca de outras oportunidades. A zona rural e os bairros mais pobres da

cidade têm uma forte presença de negritude, que vive em abandono social e com a constante negação de suas identidades.

Atualmente, o município possui quatro comunidades quilombolas com certificação, e outras cinco em processo de reconhecimento. Esse processo de auto-organização e promoção de identidade territorial e étnica tem despertado nas populações negras um sentimento de pertencimento ao local.

Dentro desse cenário de busca de autonomia da população negra estão os movimentos culturais, que trabalham a valorização da cultura viva e popular e buscam incluir essa população marginalizada do município. Novembro é o mês de reflexão sociorracial, quando acontecem as atividades em alusão ao mês da Consciência Negra em todas as regiões do País, momento de debate sobre a cultura negra, por meio de palestras e de valoração da estética negra em teatro de rua e apresentação da cultura local (batuque, reisado e São Gonçalo). Além dessas atividades, realiza-se o concurso da Miss Consciência Negra, que traz a beleza das meninas negras como potência estética, e os figurinos afros e as cores como reafirmação identitária, acompanhados pelas cantigas dos orixás que têm desmitificado o processo de demonização impostos aos orixás femininos e masculinos, pela forte presença das igrejas neopentecostais na região.

O *Novembro negro*, em Santa Maria da Boa Vista, foi organizado a partir dos diferentes olhares culturais no município e movimentou-se num contexto fragmentado pelo preconceito e pelo racismo, que permitiu reaprender a luta antirracista, reconhecendo os potenciais organizativos históricos presentes nas memórias coletivas das comunidades negras e, assim, re- lendo as manifestações culturais negras como uma potência de sobrevivência e reorganização comunitária.

As forças culturais dentro dos territórios negros, recriados pela oralidade, trouxeram até os dias de hoje um legado de resistência e permanência no local. As ancestralidades dentro dos terreiros de umbanda e candomblé, as culturas dos reisados, batuques, São Gonçalo, as cantorias, as rezas, os contos orais formaram focos de preservação da negritude boavistana.

Diante desses contextos, foi organizado um movimento intelectual e cultural de mulheres negras em parceria com as comunidades quilombolas e outras culturas populares, que incluiu a proposta de cultura viva do Movimento Armorial Catraia do Cari (Catraia Barco Velho), que surgiu em 2005, enquanto coletivo que se propõe a discutir e suprir a falta de expressões culturais e de lazer no município da região do sertão do São Francisco.

Em articulação, enquanto coletivo, as (os) artistas, produtores e intelectuais do município passaram a pensar e possibilitar alternativas socioculturais, que visem suprir a falta de expressões culturais e de lazer, o que ocasiona a jovens e adultos a via da marginalidade. O grave quadro social despertou os olhares dos (as) artistas, que pensaram na integração das culturas populares e na transformação das praças e de outros espaços públicos de lazer em palcos livres para a realização de show de calouros nas diversas linguagens, para dar voz a expressões dos grupos marginalizados e expulsos das culturas socialmente aceitas do município. A ideia do coletivo de aliar os conhecimentos e as expressões artísticas aos espaços públicos para dar vida sociocultural a esses locais faz surgir, dessa forma, a iniciativa musical popular Catraia do Cari.

A interpretação e utilização do termo Catraia pelos artistas têm como objetivo rememorar as manifestações das culturas afro, indígenas e sertanejas, esquecidas pelos poderes públicos locais. O termo retoma o Acari/Cari, peixe negro lendário do Rio

São Francisco, lembrado pelo seu extermínio, traz também o ideário de preservação retratado nas poesias que possibilitam o respeito à fauna e flora, a discussão acerca da devastação da calha do Velho Chico e as relações com o bioma Caatinga.

O palco cultural negro da Catraia torna-se espaço de discussões sobre temas recorrentes das culturas vivas e de produção das atividades decorrentes do mês da Consciência Negra, que agrega o concurso da Miss Consciência Negra do município. Esse concurso tem o objetivo de promover a autoestima e identidade das mulheres e das populações negras em geral. Diante desse contexto, a municipalização dos conhecimentos afro-brasileiros recria uma multiplicidade de símbolos. E, assim, as ancestralidades pretas estão sendo recuperadas e reconhecidas, e o poder público municipal em 2012 reconhece a luta e institui o dia 20 de novembro como feriado municipal.

O movimento negro social e cultural da Catraia contribui com palestras para auto-organização comunitária e geração de renda complementar nas comunidades negras urbanas e rurais. Além disso, possibilita os debates, promove atividades para o Dia Internacional da Mulher e Dia das Mulheres Afro-caribenhas, e também ações que visam ao reconhecimento da sociedade acerca da diversidade religiosa e do meio ambiente.

Por meio das ações sociais, culturais e antirracistas, o movimento foi indicado, em 2007, para o Prêmio Cultura Viva e Popular do Ministério da Cultura, e foi agraciado com o Selo Cultura Viva, estando entre as dez iniciativas populares premiadas do País. Contando com a parceria de organismos institucionais como a Fundação Cultural Palmares, Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (Seppir), secretarias municipais, Univasf, Embrapa, ampliamos os debates e fortalecemos a nossa rede para a promoção da igualdade racial e social.

Com as vitórias alcançadas ao longo dos anos de trabalho e reconhecimento da população, o processo de luta continua, o que leva à realização, durante todo o ano, da luta antirracista que culmina no *Novembro negro*. Nesse mês, foi proporcionado um diálogo entre cultura viva popular e questões de violência física, simbólica e psicológica, com as mulheres negras. Foram realizadas palestras acerca das leis nº 10.639/2003 (Brasil, 2003) e nº 11.635/2007 (Brasil, 2007) nas escolas municipais e estaduais. A discussão também adentrou na questão do meio ambiente e da preservação do Rio São Francisco. O evento gera renda para a juventude e as mulheres negras em virtude da comercialização de produtos artesanais afros e de hortaliças orgânicas. Todos os produtos são expostos em uma feira popular que denominamos Feira Preta.

Promover e realizar o mês da Consciência Negra, no município de Santa Maria da Boa Vista, tem como objetivo valorizar as histórias de luta e organização do povo negro e suas diferentes civilizações e cosmovisões. Além disso, pretende expor a organização dos escravizados sertanejos que criaram espaços de resistência, como quilombos, terreiros, clubes sociais e irmandades, para enfrentamento dos séculos de colonização das mentes, saberes, fazeres, crenças, gostos e afetos e de cárcere dos corpos para o trabalho escravo, que promoveram o enriquecimento ilícito dos colonizadores portugueses e suas gerações. E esses até hoje promovem o extermínio em massa do povo preto, por meio de estratégias alienadoras, classistas, racistas, eurocêtricas e etnocêtricas, que aprisionam a subjetividade dos descendentes de africanos.

Após 132 anos da fictícia abolição, o preconceito e o racismo ainda definem o lugar de pretos e brancos na sociedade brasileira, sobretudo em Santa Maria da Boa Vista. Compreender a escravização e suas consequências é de suma importância para a descolonização das mentes do povo negro,

no sentido de buscar o enfrentamento dentro dos campos de poder em que o racismo estrutural atua como agente ativo na produção de estratégias para sua permanência. No entanto, revisar a história do Brasil implica mostrar a verdadeira história do povo preto e obrigar o Estado, em suas diferentes dimensões, reconhecer o papel social, político, econômico e cultural que os descendentes de africanos construíram para o Brasil.

A ausência de um debate profundo sobre a produção histórica das desigualdades na sociedade brasileira demonstra as estratégias dos campos de poder de invisibilizar as perversidades que o racismo provoca e de promover as violações de direitos da população negra. Para adotarmos políticas públicas e políticas afirmativas específicas, precisamos compreender o papel das instituições na reprodução do preconceito e do racismo.

A revisão da nossa história cobra das instituições de ensino a aplicação da Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003). Assim, será contada a história dos povos africanos e afro-brasileiros e suas manifestações, em diferentes dimensões, como costumes e crenças, aliados à cultura, religiosidade, educação e geração de renda como projeto de promoção social, econômico e cultural.

Recontando a história

O projeto do movimento de negras e negros objetiva recontar, por meio de conversas, palestras, seminários e oficinas, as lutas organizadas do povo negro no período escravista e pós-abolição. Esse recontar está presente no cotidiano de lutas das comunidades de quilombos, terreiros e organizações negras, que, durante o ano todo, trabalham em escolas e comunidades a luta antirracista e trazem para o *Novembro negro* a culminância de todo o trabalho realizado durante o ano.

Os movimentos entendem que o racismo estrutural legitima sua permanência pelo racismo institucional. Assim, é preciso enfrentar, em todos os espaços institucionais e sociais, o preconceito e o racismo, principais agentes de desigualdades entre negros e brancos. Sabemos que o ritmo da redução das desigualdades é muito lento, por isso, criar espaços propositivos é de suma importância. A Semana da Consciência Negra se constitui como um projeto de reintegração das identidades negras no contexto sociocultural, econômico e religioso do município de Santa Maria da Boa Vista, e embasa a implementação de políticas públicas específicas em todas as áreas sociais, seja na saúde, na assistência social e na cultura, seja na agricultura e meio ambiente. Promove também discussões sobre educação afro-brasileira, no sentido de incluir, nos currículos das escolas municipais, estaduais e privadas, as leis nº 10.639/2003 (Brasil, 2003) e nº 11.645/2008 (Brasil, 2008).

A inclusão dessas leis trabalha a memória, a tradição e a história como autoconhecimento, promove a autoestima, revaloriza os costumes, as crenças, as culturas populares e vivas, os saberes, os fazeres e os falares como patrimônio material e imaterial. Dá relevância às culturas afros do local, como demarcação territorial, organizacional, geracional e educacional. Já, o desfile da Miss Consciência Negra trabalha a estética afro, com a reconstrução da identidade, valorando a corporeidade como projeto de autovalorização e promoção de saúde social e mental.

A Pedagogia Griô como estratégia educacional no ensino e extensão da etnobiologia

O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente. (Bâ, 2010, p. 174).

Diante do cenário de desigualdades sociais, torna-se central contrapor e questionar o pensamento dominante de uma educação hegemônica e colonizadora, arena em que a ideia central do dominado se insere. Antes das invasões ao continente africano e americano, a maioria dos povos fazia uso da oralidade como forma de registro e difusão de conhecimentos, heranças, histórias, mitos e cosmologias deixados pelos antepassados. Assim, filósofos e intelectuais ocidentais, tais como Hegel e Kant, utilizaram da ausência da escrita, a forma hegemônica de registro, como justificativa para as invasões, a dominação e todas as demais formas de violência contra esses povos, uma vez que esses eram considerados ágrafos, atrasados e sem história. Ainda que os povos dominados, ricos em cultura, tecnologias e tradições, tenham criado estratégias de sobrevivência à extinção e exploração, eles foram não apenas dizimados, mas silenciados, criminalizados e, sobretudo, colocados à margem da sociedade para o esquecimento (Lima; Costa, 2016).

O silenciamento trouxe, como consequência, para seus descendentes, entre outros males, a vergonha de seu local de origem, o horror à tradição e o desconhecimento dos seus an-

tepassados. Nesse contexto, utilizar estratégias educacionais, formais ou não formais, que resgatem a ancestralidade, faz com que gerações de povos e comunidades tradicionais se empoderem de suas raízes, do seu lugar de fala e de sua representatividade na sociedade. Entre essas pedagogias, a Pedagogia Griô (Pacheco, 2006, 2016) traz o resgate do ancestral, da figura do mais velho e da valorização da vida em comunidade como seus pilares centrais, reconfigurando os saberes formais a partir da inserção, nessa construção, do conhecimento dos saberes tradicionais. Esse resgate, então, faz com que as novas gerações de jovens e crianças (re)conheçam sua história, se empoderem e se orgulhem dela.

Essa abordagem pedagógica torna-se fundamental no contexto de um país onde as comunidades e povos tradicionais, que apresentam uma diversidade biocultural alicerçada em modos não hegemônicos de conhecimento, ainda precisam lutar por reconhecimento e valorização. Desse modo, este relato traz uma descrição do uso da Pedagogia Griô no ensino e na extensão em experiências realizadas durante quatro semestres na Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), na Bahia, pelo Grupo de Estudos em Análise de Modelagem, Etnobiologia, Ecologia e Ecofeminismos (Geames). A ideia de utilizar esta forma de ensino foi tomada a partir do curso de formação em Pedagogia Griô, apoiado pelo Pedagógico, a fim de aplicar os métodos aprendidos durante o curso. Os temas da aula modelo foram ancestralidade e história de vida, os quais são abordados de modo simultâneo dentro da aula griô.

¹⁶ O que é o método história de vida

As histórias de vida representam ferramentas de historicidade em que o indivíduo trabalha sua vida ao oralizá-la (Gaulejac, 1996). Assim, a metodologia de história de vida parte

da premissa de que o conhecimento sobre o sujeito só pode ser interpretado e contado por ele, a partir da reconstrução de fatos passados. Nesse processo metodológico, pesquisadores e extensionistas escutam trajetórias de vida e descrevem-nas, anotando e pontuando partes principais ou gravando toda oralidade com uso de gravador de voz e/ou vídeo. Depois desse momento, cabe então ao ouvinte interpretar a memória que foi ali exposta pela oralidade. Histórias de vida permitem recuperar o passado, reconstruindo-o a partir da história oral, a fim de reencontrar um tempo/momento perdido e reestruturar memórias que estavam guardadas nas profundezas do ser (Gaulejac, 1996). Além disso, fazem com que o sujeito sustente o presente pela história incorporada, pela forma com a qual esse passado atua sobre ele hoje, compreendendo que o presente é o futuro do passado e que o passado é o futuro do presente nele (Silva, 2013). Assim, as histórias de vida podem possibilitar a abertura de novas interpretações e elaborações, tanto do vivido quanto do vivido pelas gerações anteriores, ou do não vivido (Gaulejac, 1996).

Assim, é importante que pesquisadores e extensionistas em etnobiologia conheçam, trabalhem e oralizem as suas próprias histórias de vida, a fim de compreender as memórias de vida de outrem. Por isso, essa vivência de entender nossa história de vida, oralizá-la e apresentá-la se torna fundamental em nossas práticas de pesquisa e de extensão, pois, como vou entender histórias de vidas que me são desconhecidas se eu não sei contar a minha própria história?

¹⁶ O contexto da disciplina etnobiologia

As aulas na disciplina de etnobiologia da Univasf foram realizadas durante os semestres de 2017 e 2018. O planejamento didático da disciplina foi reformulado, colocando a Pedago-

gia Griô como método de ensino, a fim de estimular o jovem a entrar em contato com reflexões sobre sua ancestralidade por meio de músicas, brincadeiras e danças.

Etnobiologia é o estudo das relações e saberes de povos com relação ao meio ambiente (Posey, 1987). Muito do conhecimento tradicional se faz a partir das observações do meio natural e de testes não formais. Esses saberes são passados entre gerações pela tradição oral, e os mais velhos são os principais responsáveis por essa passagem (Diegues; Arruda, 2001). Entretanto, a educação formal não coloca a ancestralidade e o saber tradicional como centro em sua pedagogia, e, com isso, faz com que uma disciplina com viés contra-hegemônico, como a etnobiologia, seja inserida dentro da educação formal de forma mecânica e limitadora.

Para propor uma estratégia diferente de construção dos conteúdos disciplinares da etnobiologia, no contexto do Semiárido do Nordeste, este relato inclui os temas ancestralidade e saber tradicional como elementos fundamentais para suprir a lacuna da disciplina ministrada.

Plano de aula – modelo utilizado pela Pedagogia Griô

A seguir, descrevemos um exemplo de plano de aula, que tem como temas centrais os processos dialógicos, a história de vida e saberes tradicionais, construídos a partir da Pedagogia Griô. Esse plano de aula, especificamente, foi utilizado na disciplina de etnobiologia do curso de Ciências Biológicas na Univasf, durante os quatro semestres dos anos de 2017 e 2018. Ao todo, foram 62 jovens discentes dos cursos de Ciências Biológicas, Engenharia Agrônômica e Zootecnia, matriculados na disciplina durante os 2 anos. Durante o início das atividades pedagógicas, houve um estranhamento por parte dos jovens, então acostumados a uma rotina mais cartesiana e não

participativa de aula. Entretanto, ao longo do curso, os jovens passaram a acolher a Pedagogia Griô e entender o processo pedagógico de encantamento, vivência, diálogo e construção partilhada do conhecimento que se insere nesse método. Foram gerados, como produtos dessa formação, documentários que abordam temas dos saberes tradicionais dentro de uma perspectiva etnobiológica.

Síntese de vivência facilitada por Lillian Pacheco no curso da Pedagogia Griô para ser multiplicada nas oficinas do Pedagroeco

Título da aula – Saberes, ancestralidade e a transferência do conhecimento tradicional pelas gerações: histórias de vida.

Objetivo da aula – Reconhecer a identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração do direito à vida dos alunos de etnobiologia, por meio da vivência e contação de histórias de vida e da problematização do antagonismo entre o saber científico e o tradicional.

Momento 1 – Encantamento

Roda de bênção

Convite: convido vocês a trazerem à memória uma mais velha ou mais velho que tem um lugar de proteção, de cuidado, de sabedoria, de ensinamento, uma referência em sua vida. Convido que fechem os olhos e tragam a sua imagem, suas palavras, seus gestos, o seu lugar no mundo.

Cheiro da mata: vou circular a roda com um cheiro da mata, que eu mesma fiz, lembrando do cheiro das minhas mais velhas, minhas pretas e minhas índias ancestrais.

Maracá: este é o maracá que recebi dos Kiriris, um instrumento sagrado para os povos originários. As sementes tocando dentro da cabaça

materializam o mesmo som de comunicação com guias de proteção da mata, com nossas ancestrais, com nossas mais velhas e nossos mais velhos. Com esse maracá, vamos pedir a benção a essa pessoa que trouxemos à nossa memória e afirmar nossa identidade com nosso nome, de peito aberto, dizendo, por exemplo, “Eu sou Rebeca Barreto”, olhando as pessoas da roda. Depois, o maracá é circulado pela roda. Pedimos bênção e expressamos nosso nome.

(Se alguém desejar não falar, cuidar para que o grupo respeite.)

Aula espetáculo: o arquétipo do griô aprendiz

Neste momento, é contada a história de vida de quem está facilitando, chamado aqui de griô aprendiz. Este deve trazer referências sobre sua ancestralidade, as mais velhas, os mais velhos e histórias contadas por eles. Essa etapa é importante na medida em que a prática de contação de histórias de vida da Pedagogia Griô integra os temas ancestralidade e conhecimento tradicional, de modo lúdico e didático.

Durante a contação da história de vida, o griô aprendiz usa símbolos, músicas, bonecos e outros elementos que desejar. No caso específico dessa aula, foi usada a preparação da tintura corporal de urucum como um conector do conhecimento tradicional. Assim, o facilitador foi contando sua história preparando uma tintura de urucum e pintando os alunos que já estavam sentados em círculo.

Momento 2 – Vivência

1) Roda de abertura

Convite: convido vocês a entrarem numa ciranda. Numa população tradicional, os cantos e as danças fazem parte de várias práticas, que vão desde a colheita dos alimentos, passando pela lavagem de roupas, à preparação da comida. A ciranda é uma prática que está permeada de significados, pois nela o movimento é semelhante ao movimento das ondas do mar, que vão e voltam pela maré.

Aqui, vamos cantar a Ciranda da Índia, que eu aprendi com Márcio Griô, também chamado de velho griô, que conheci em Lençóis. Ele aprendeu com Mãe Rosa na comunidade quilombola do Remanso.

2) Roda de harmonização

Convite: vamos agora dançar um toré, com o maracá. O toré é uma dança ritual da maior parte dos índios da América do Sul, na verdade cada povo tem um nome para esse ritual, principalmente os que ocupam áreas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. O toré chama a conexão com o chão e a ancestralidade pelo ritmo das pisadas, harmoniza o grupo com a vivência de ser coletivo, de ser um corpo só.

3) Roda de embalo

Convite: vocês agora vão se abraçar pela cintura. Numa comunidade, as crianças são geralmente cuidadas por todas as mulheres. Essa música que vou cantar é uma canção de ninar que aprendi com Lílian Pacheco, em Lençóis, que aprendeu com a griô aprendiz Luciana Meireles, que aprendeu com Val, parteira da comunidade. A música será quatro vezes cantada lentamente, e todos vão se separando da roda de embalo e deitando, vagarosamente, no chão.

Eee mamãe, embala eu, mamãe

Abraça eu, mamãe, cuida de mim

4) Visualização criativa de memórias das histórias de vida

Convite: convido vocês a deitarem no chão e fecharem os olhos. Papel e lápis são distribuídos aos alunos enquanto estão fazendo a regressão. Durante a visualização, é importante que o facilitador retorne a eventos de antes do nascimento dos estudantes, de modo a se conectarem com seus ancestrais e refletirem como eles viviam.

Momento 3 – Diálogo

Convite: convido vocês a acordarem com calma, devagar. Na frente de vocês, há um papel e um lápis para escreverem suas histórias de vida (20 minutos).

Diálogo das histórias de vida em dupla (10 minutos): depois que todos tiverem escrito suas histórias de vida, devem partilhar as histórias em duplas.

Convite: convido vocês a compartilharem suas histórias de vida com o colega. Caso sintam a necessidade de não partilhar alguma parte da história, pode selecionar.

Diálogo das histórias de vida em quatro ou cinco pessoas (20 minutos): nesta parte, os estudantes vão unir suas histórias de vida e construir uma só.

Convite: convido vocês a identificarem pontos semelhantes em suas histórias de vida e elaborarem uma peça de teatro (ou apresentação) para contar essa história.

Nesse momento, o facilitador deve explicar o que é a metodologia de história de vida e como ela é aplicada na etnobiologia.

Diálogo coletivo (20 minutos): cada grupo vai apresentar o teatro da sua história de vida coletiva e, posteriormente, explicar quais pontos eles identificaram de semelhantes nas histórias de vida.

Fechamento da aula: sentados em círculo, cada um deve olhar nos olhos do colega ao lado e dizer uma palavra que invoque sua ancestralidade. Após isso, os estudantes são convidados a se abraçarem, no encerramento da aula.

O plano de aula, aqui proposto, pode ser replicado, com as comunidades, em atividades que envolvam o resgate da ancestralidade como ponto de partida para as ações pedagógicas. É importante frisar o papel dos mais velhos nessas atividades. Ainda que, nesse plano de aula, a figura dos mestres griôs, pessoas mais velhas detentoras de conhecimento tradicional, não esteja presente, ela pode ser inserida no lugar do professor, fazendo com que este seja apenas o intermediador da aula proposta.

Nessa proposta de reformulação do ensino em etno-biologia, utilizando a Pedagogia Griô, os estudantes passam a entender e valorizar a ancestralidade e a história oral como pilares para o entendimento das relações homem-natureza, reconhecendo, assim, a importância dos povos e das comunidades tradicionais, na construção dos saberes e da sociedade.

Referências

BÂ, A. H. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Coord.). **Metodologia e pré-história da África**: história geral da África. Brasília, DF: Unesco, 2010. v. 1. p. 174.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007. Institui o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 dez. 2007.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e

Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2003.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Org.). **Os saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente. São Paulo: USP, 2001. (Ministério do Meio Ambiente. Biodiversidade, 4).

GAULEJAC, V. de. Histórias de vida e escolhas teóricas. In: LES CACHIERs du Laboratoire de Changement Social. Paris: Université de Paris, 1996. p. 32-45.

LIMA, M. A. de; COSTA, A. C. F. de. Dos griots aos Griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil. **Revista Diversitas**, n. 3, p. 216-245, 2016.

PACHECO, L. **Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida**. 2. ed. 2006.

PACHECO, L. Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Revista Diversitas**, n. 3, p. 22-99, 2016.

POSEY, D. A. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (kayapó). In: RIBEIRO, R. G. (Coord.). **Suma etnológica brasileira: etnobiologia**. Rio de Janeiro: Vozes: Finep, 1987. p. 173-188.

RIBEIRO, B. G. **O índio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1987.

SILVA, J. de S. **A construção social da convivência com o semiárido brasileiro: experimento metodológico para a construção coletiva de Projetos de Vida Comunitários**. Campina Grande: Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão, 2018.

SILVA, J. de S. La pedagogía de la felicidad en una educación para la vida: el paradigma del 'Buen Vivir'/'Vivir Bien' y la construcción del 'día después del desarrollo'. In: WALSH, C. (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Aby-Yala, 2013. Tomo I. 553 p.



CAPÍTULO 5

*Semiárido que
encanta, juventude
que comunica sua
história na Paraíba*

Ana Patrícia Sampaio de Almeida
Camilla Souza de Oliveira Di Stefano
Claviano Nascimento de Sousa
Edna Maria Cosme dos Santos
Edson Possidonio da Silva
Maria Amélia da Silva Marques
Maria Valdenice Silva
Petruçia Nunes de Oliveira
Rejane Alves de Lima

A juventude está mesmo deixando o Semiárido? A pergunta pode inquietar diversos agentes envolvidos nas ações de convivência com o bioma Caatinga, entretanto, evidencia o encantamento de parte considerável da juventude camponesa pelo lugar em que vive, suas diversas práticas solidárias, tradições culturais e avanços resultantes da luta popular por direitos e suas conquistas.

A Articulação do Semiárido Paraibano (ASA/Paraíba) – fórum que compreende as ações desenvolvidas por organizações sociais em sete territórios espalhados pelo estado da Paraíba – é o cenário de uma juventude disposta a compartilhar, por meio da comunicação, as experiências e ações que fazem do lugar em que vive o espaço onde pulsa amor e vida. Essa juventude se articula por meio do grupo de trabalho Juventude e Agroecologia da ASA/Paraíba, que nasceu durante a *VII Festa das Sementes da Paixão*, em outubro de 2017. Na época, um grupo de jovens, durante uma atividade, afirmou que precisava de um espaço para debater as questões específicas da juventude camponesa do Semiárido. Desde então, esse grupo de trabalho tem sido o fórum onde se desenvolvem debates e ações que buscam refletir e dar visibilidade ao que há de melhor na vida camponesa e no Semiárido paraibano.

É nesse contexto que o projeto Metodologia de Produção Pedagógica de Materiais Multimídia com Enfoque Agroecológico para a Agricultura Familiar, chamado Pedagógico, se insere como um dos instrumentos mobilizadores para a ação da juventude camponesa, que já se organizava em seus territórios e, ansiosa, demandava por um espaço de reflexão no âmbito estadual. Dos sete territórios que compõem a ASA/Paraíba, seis deles se inseriram nas ações do projeto, envolvendo a participação de 30 jovens de comunidades rurais, comunidades quilombolas e assentamentos da reforma agrária de 11 municípios paraibanos. Jovens com grande potencial e ricas

experiências de trabalho que ganharam ainda mais destaque com o Pedagroeco.

Para ajudar essa turma, foi constituída uma equipe mediadora que se dividiu para desbravar, com a juventude, os universos da produção textual, audiovisual, e da identidade e cultura camponesa, tendo como metodologia a Pedagogia Griô. Representantes da ASA/Paraíba, Embrapa Algodão (Campina Grande, PB) e demais parceiros se dedicaram à realização de oficinas, reuniões e encontros, em um espaço de alegrias e encantos da juventude camponesa: o Semiárido paraibano. O processo e os resultados desse grande projeto de imersão cultural e comunicacional serão apresentados, a seguir, em formato de um cordel coletivo criado por jovens que fizeram parte dessa rica experiência.

Primeiros passos do Pedagroeco na Paraíba

*Foi na Festa das Sementes
Em Boqueirão que surgiu
O grupo de Juventude
Que por espaço interviu
Articular na Paraíba
A experiência Juvenil*

*Nosso primeiro encontro
Teve muita diversidade
A troca de experiências
Resultou na quantidade
De jovens com autonomia
Na busca por igualdade*

*Mobilizar as juventudes
É pra nós uma missão
Comunicar e produzir
Foi luz e inspiração
Veio o Pedagogoeco
Tornou realização*

*(Petrucia Nunes, Gabriel Gutierrez,
Valdenice Silva, Adelane Sousa e Lucas Silva)*

O primeiro encontro

Com o objetivo de entender como a juventude camponesa se organiza em seus territórios, compartilhar as suas experiências e dar visibilidade a elas e contribuir para sua auto-organização, foi realizado o *Primeiro Encontro do GT Juventude e Agroecologia*, em Lagoa Seca, no mês de dezembro de 2017, reunindo 30 jovens de 11 municípios de seis territórios onde a ASA/Paraíba atua. O encontro foi marcado pelo encantamento e pela leveza das práticas inspiradas na Pedagogia Griô, em que a juventude envolvida foi convidada a refletir sobre as energias da natureza, do viver e do fazer camponês e senti-las, relembrando e pedindo a bênção às suas ancestralidades e se conectando com suas raízes e identidade territorial.

Nesse contexto, houve intensas práticas dialógicas com troca de experiências que evidenciaram os principais desafios da juventude camponesa, diante de seu desejo de permanecer no campo e se dispor a mobilizar mais jovens. Ao final desse primeiro encontro, a juventude camponesa da Paraíba afirmou:

Nós queremos um material pedagógico, feito pela juventude e para juventude, que possa ser instrumento de sensibilização, formação e conscientização do que a juventude tem feito, para podermos convocar mais

jovens para entrar na luta do fazer agroecológico e da convivência com o Semiárido (comunicação pessoal)¹.

Nesse sentido, o Pedagroeco adentra no universo dessa juventude camponesa com a Pedagogia Griô como uma tecnologia capaz de facilitar a construção de conhecimentos, a partilha de histórias e saberes da juventude, bem como os processos de reconhecimento de sua identidade e sua relação com o campo por meio do audiovisual.

**Pedagroeco e Pedagogia Griô:
nossa ancestralidade é nossa identidade**

*Das veias do nosso povo
Nutrimos em sabedoria
Se mantendo em roda
Entramos em sintonia
Para que a nossa voz
Tenha poder e ousadia*

*Regredindo para infância
A procura de identidade
A juventude camponesa
Mostra sua habilidade
Revivendo as histórias
Da nossa ancestralidade*

*(Lays Milena, Rute Maria, Jaiana Sousa,
Maria Fernanda e Débora Sousa)*

Após muitos encontros para compreender a metodologia da Pedagogia Griô e planejar as ações do Pedagroeco na Paraíba, no segundo semestre de 2018, aconteceram as oficinas de formação com a juventude. A *I Oficina – Retratos da Juventude Camponesa no Semiárido Paraibano* foi realizada na comunidade Sussuarana, no município de Juazeirinho, PB. Essa

¹ Relato de Petrucia Nunes de Oliveira, no *Encontro do GT Juventude e Agroecologia*, em Lagoa Seca, PB, em 2017.

primeira oficina teve como objetivo facilitar o processo de reconhecimento da identidade e da ancestralidade das juventudes do Semiárido paraibano. Também buscou discutir, por meio da roda de contação de histórias de vida, as práticas de convivência com o Semiárido que estão sendo desenvolvidas por elas.

Em um ritual de roda de bênçãos, a juventude foi chamada a trazer para o presente a memória das pessoas mais antigas que caminharam consigo em algum momento de suas vidas, seja na infância, seja na juventude e na vida adulta, que são referências de amor, cuidado, proteção e sabedoria. Para encantamento e invocação da memória, foram utilizados dois elementos da natureza: as sementes da paixão² (fava, feijão e milho), frutos do trabalho e da resistência das famílias agricultoras do Semiárido paraibano, e os ensinamentos passados de geração a geração por avós, avôs, mães, pais, tios e tias, no cultivar e guardar as sementes da vida da Mãe Terra e, assim, garantir a permanência da agrobiodiversidade. Também foram evocados os cheiros da terra e, nesse caso, foi usado o aroma de alfazema, para auxiliar no resgate das pessoas guardadas na memória.

Com o chamado da Cantiga da Índia, aprendida com Márcio Griô que aprendeu com Mãe Rosa da comunidade quilombola do Remanso, em Lençóis, BA, Dona Maria Clarindo (77 anos), da comunidade Sussuarana, chegou à roda da juventude para partilhar sua história como mulher, mãe, agricultora e líder comunitária e, também, a história da sua comunidade. Ela relembrou as lutas das primeiras lideranças, na década de 1980, para organizar a comunidade, a filiação ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Juazeirinho, PB, com Zé Pequeno (tam-

² São assim chamadas as sementes crioulas adaptadas às características da região semiárida que são cultivadas pelas famílias agricultoras da Paraíba. São “da paixão” porque são valiosa herança deixada por antepassados. Então, ao semear as sementes da paixão, as famílias também plantam sua história e conservam patrimônio genético e cultural para garantia da soberania e segurança alimentar das gerações presentes e futuras.

bém liderança da comunidade), e a criação dos Fundos Rotativos Solidários, como forma de acessar benefícios: as cisternas, os banco de sementes, as primeiras mudas de plantas nativas e adaptadas para a região, além da criação de animais.

Dona Maria Clarindo também lembrou a luta da mulher por espaço no campo e deixou um ensinamento: que a juventude não desista dos seus sonhos, nem da luta pela agricultura familiar de base agroecológica, “A agricultura é o eixo do mundo. Dela vem tudo. Do quê adianta o dinheiro se não tiver o que comprar?”. Ela finalizou sua intervenção abençoando todo o grupo e entregando, a cada jovem, as “sementes da paixão”, como símbolo de renovação da mobilização e organização comunitária por parte da juventude (Figura 1).

A vivência da Pedagogia Griô, com cirandas e cantigas de roda³ (Figura 2), as danças tradicionais de integração, a harmonização, a energização e o embalo fortaleceram os vínculos afetivos da juventude, deixando-a motivada a conectar com a sua memória e contar sua trajetória de vida, guiada por um ritual de visualização criativa.

Em pleno relaxamento do corpo e da mente, o grupo foi convidado a buscar, na memória, os momentos do seu nascimento, traquinagens, sonhos e desafios enfrentados.

Por meio de desenho (Figura 3), o grupo sistematizou sua trajetória de vida, em seguida, compartilhou suas histórias em encontros dialógicos em grupos de duas, três e quatro pessoas, respeitando os princípios do diálogo e da oralidade cultivados na Pedagogia Griô, por meio do olhar, da escuta e da distribuição justa do tempo e do poder de fala de cada integrante da

³ As cantigas e danças tradicionais fazem parte da celebração da vida em comunidade e são vivenciadas nas práticas dos ofícios tradicionais. Durante as oficinas do Pedagroeco, realizadas na Paraíba, essas cantigas foram relembradas em vários momentos, sempre estimulando a juventude a analisá-las criticamente e a resgatar onde, quando e com quem as aprenderam.



Foto: Claviano Nascimento de Sousa

Figura 1. Roda de conversa com Dona Maria Clarindo na comunidade Sussuarana, em Juazeirinho, PB, em 24/8/2018.



Foto: Sergio Cabel

Figura 2. Grupo de jovens reunidos em vivência a partir da cantiga de roda na comunidade Sussuarana, em Juazeirinho, PB, em 24/8/2018.

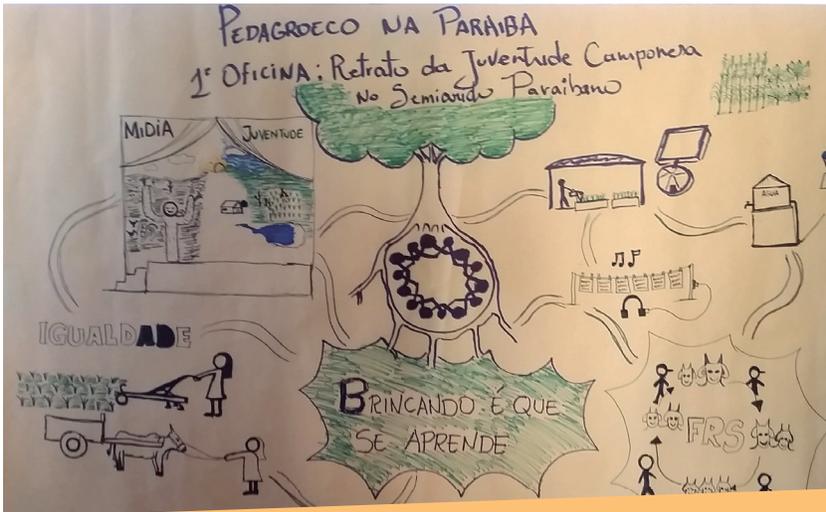


Figura 3. Sistematização gráfica dos principais pontos apresentados em atividade de grupo, feita por Welliton Silva, jovem participante da 1ª Oficina do Pedagroeco, na comunidade Sussuarana, em Juazeirinho, PB, em 25/8/2018.

roda, sem análise ou julgamentos, apenas ouvindo, aceitando e acolhendo. E, assim, os grupos colocaram no centro da grande roda suas histórias, intimidades e particularidades, como também a vida em comunidade.

Nesse contexto, ganharam destaque as memórias de luta pelo acesso à água e à terra, momentos que marcaram profundamente a vida na infância, assim como as brincadeiras e as cantigas de roda, os grupos da igreja que conduziram os processos de mobilização e organização comunitária, a importância dos Fundos Rotativos Solidários que contribuíram no repensar o modo de produção e a comercialização da agricultura familiar de base agroecológica, bem como a inclusão da juventude nos processos de produção, como estratégia para geração de trabalho e renda, que possibilita a autonomia e permanência no campo.

Durante as práticas dialógicas, o grupo evidenciou a problemática das desigualdades de gênero que afetam diretamente a valorização do trabalho e, conseqüentemente, o empoderamento das meninas, jovens/mulheres, e também o racismo que criminaliza, explora e condena a juventude negra.

Depois do diálogo, no momento de produção partilhada, a Comissão de Juventude do Coletivo apresentou dois curtas-metragens *Logo ali* e *Cumade Fulôzinha – a volta do filho da terra*.

A partir da afirmação da importância das suas histórias, a juventude saiu da oficina sensibilizada e instigada pensando em estratégias criativas e linguagens para contar suas histórias por meio da música, teatro, vídeo, dança e poesia, elementos que deram horizontes para o próximo encontro.

**Da narrativa ao audiovisual:
transformando histórias em filmes**

*Do papel até a tela
Faz bonito a juventude
Com a Pedagogia Griô
Revela a inquietude
São jovens camponeses
Que lutam com atitude*

*Diversidade cultural
Conta assim a nossa história
Os saberes populares
São guardados na memória
A negritude na telinha
É uma grande vitória*

(Gisele Almeida, Marcelo Barbosa, Sidnéia Camilo e Bianca Buriti)

A II Oficina – Juventude, Comunicação e Agroecologia aconteceu em Campina Grande, PB, com o objetivo de compartilhar

e aprimorar os conhecimentos sobre a construção de narrativas e noções básicas para registros de audiovisual com mídia de bolso (vídeos gravados com celulares). A ideia era favorecer um processo de aprendizado para gravação de imagens com celular visando motivar a juventude para fazer registros de suas histórias de vida e da vida da sua comunidade.

Por meio de cine debate e histórias em quadrinhos, construiu-se um diálogo sobre as diversas formas de se contar uma história, numa sequência lógica e atrativa ao público espectador. Também foram discutidas as diferenças entre curtas e documentários, realidade e ficção.

Assim, surgiu a proposta de construção de um roteiro por território, para a produção coletiva de um vídeo que representasse as realidades da juventude camponesa do Semiárido paraibano, para o qual o grupo definiu os seguintes temas: acesso à água, à terra e aos mercados, Fundos Rotativos Solidários, bancos de sementes, produção de forragem, feiras agroecológicas, cultura, gênero e diversidade, educação do campo e criação animal. Cada temática apresentada correspondeu especificamente à realidade dos territórios envolvidos. E como fazer? Por meio de músicas, brincadeiras da infância, linha do tempo da juventude, teatro, dança e contação de histórias.

Ao final dessa segunda oficina, os grupos de cada território assumiram a missão de refletir coletivamente sobre suas histórias e registrá-las em vídeo. De volta às suas comunidades, eles se reuniram para planejamento e gravação dos vídeos que deveriam retratar o conjunto de suas diversas realidades.

Na terceira e última oficina (Figura 4), compartilharam, por meio de encontros dialógicos, um pouco das experiências nas comunidades, as imagens captadas e entrevistas feitas, seus sentimentos, desafios encontrados e aprendizados.



Foto: Sergio Cobel

Figura 4. Jovens reunidos em momento de partilha das experiências de produção de vídeo, em Campina Grande, PB, em 4/10/2018.

Nossa história nos cinemas

*Adquirindo experiência
Gravando e sendo gravado
Mesmo com dificuldade
Buscando aprendizado
Pela própria juventude
Tudo gravado e editado*

*Corta, cola, põe imagem
Faz também a transição
O jovem faz seu trabalho
Buscando afirmação
Lapidando como pedra
É assim a edição*

(Wellington Lima, Gabriel Lopes, Maria das Mercês e Renan Pedro)

Foi em Lagoa Seca, PB, a *III Oficina – Juventude, Comunicação e Agroecologia: Construindo História e Partilhando Conhecimentos*, e teve como objetivo acolher o material registrado

pela juventude e trabalhar exercícios de edição, o que se deu por meio de uma exposição dialogada sobre as ferramentas necessárias para edição de mídias audiovisuais, especificamente as alternativas mais acessíveis às juventudes.

Também se fez uma discussão sobre as três etapas principais da produção de um vídeo: pré-produção (concepção da ideia e elaboração do roteiro), produção (gravação de imagens e áudios) e pós-produção (edição e finalização) (Figura 5). O processo de edição foi realizado por território, a partir de duas ferramentas de edição, o MovieMaker⁴ (para edição em computador) e o KineMaster⁵ (para edição em smartphone). Os exercícios de edição resultaram num momento intenso de atividade e muita colaboração entre a juventude. O Pedagrocine foi o mecanismo utilizado para socialização dos trabalhos e avaliação da necessidade de melhorias nos processos de produção.

*[...]O saber que nos conduz
Com empirismo ou ciência,
Foto, vídeo, texto ou áudio
Mostra a nossa resistência,
Pois todo e qualquer campônio
Tem sua resiliência.*

[...]

*Se no cabo da enxada,
Na força da ventania,
No poder que vem das mãos,
Na mente que pensa e cria
Pra mostrar que tudo tem
Um toque de poesia.*

[...]

(Janoel Ramos e Ramon Medeiros)

⁴ Windows MovieMaker é um software de edição de vídeos da Microsoft.

⁵ KineMaster é um editor de vídeo para o sistema Android criado por KineMaster.



Foto: Ana Patrícia Sampaio de Almeida

Figura 5. Rodas concêntricas de diálogos, momento de reflexão e partilha sobre as experiências de captação das imagens para produção dos vídeos, em Lagoa Seca, PB, em 23/11/2018.

Considerações finais

A experiência do Pedagococo, na Paraíba, trouxe muitos aprendizados que se somaram às práticas da juventude camponesa inserida no grupo de trabalho Juventude e Agroecologia da ASA/Paraíba. Entre esses aprendizados, a recuperação da agrobiodiversidade, considerando a participação da juventude rural e fazendo uso da produção multimídia para compartilhar conhecimentos e valorizar os contextos socioeconômicos locais.

A Pedagogia Griô permitiu a busca de referências e estratégias para a construção de uma educação afetiva, cultural e comunitária, que valoriza a identidade e a ancestralidade. Desse modo, foi possível impulsionar ações que já estavam sendo desenvolvidas pelas juventudes em suas comunidades e em seus territórios de atuação, protagonizando troca de saberes, ressignificando e fortalecendo sua identidade enquanto juven-

tude camponesa. Essa experiência também ajudou a mobilizar mais jovens, unindo forças na luta por autonomia e igualdade, em defesa da agroecologia e do Semiárido. A jovem Petrucia Nunes relata na avaliação do processo:

Esse projeto foi um instrumento de mobilização, articulação, encontro de saberes e partilha de histórias das juventudes camponesas advindas de seis territórios onde a ASA/Paraíba está presente. Aceitamos o desafio e durante esses quase 2 anos tivemos a oportunidade de olhar para as experiências e histórias de vida das juventudes, registrar essas histórias em vídeos, editá-las. As formações do projeto foram essenciais para que isso acontecesse (comunicação pessoal)⁶.

Dessa forma, o Pedagroeco trouxe inovações ao processo de formação das juventudes e propiciou o uso de técnicas de produção de materiais audiovisuais de forma diferenciada, com o resgate e a valorização de cantigas de roda e ciranda, exposições dialogadas, literatura de cordel, ampliando a participação do grupo no processo de aprendizagem a partir da construção do conhecimento coletivo, o que ajudou no processo de auto-organização, e também deu mais visibilidade às experiências da juventude camponesa, pelo uso de mídias digitais acessíveis à juventude do campo.

O projeto também ajudou a aprofundar o reconhecimento das identidades dos jovens por meio do resgate de suas ancestralidades, histórias e tradições, a exemplo da valorização das “sementes da paixão”, como prática ancestral que sempre esteve presente nos territórios. A produção de material escrito de forma coletiva, a exemplo dos cordéis, foi estimulada e trabalhada de forma lúdica e contextualizada. Esse processo possibilitou ao grupo de trabalho Juventude e Agroecologia da ASA/Paraíba se enxergar enquanto sujeito político e se inserir nas dinâmicas

⁶ Relato de Petrucia Nunes de Oliveira, no *Encontro do GT Juventude e Agroecologia*, em Lagoa Seca, PB, em 2017.

estaduais e noutras articulações como o grupo de trabalho Juventude da Articulação Nacional de Agroecologia.

Ressalta-se ainda que, no transcorrer do projeto, houve o estreitamento dos laços entre as organizações envolvidas, por meio da ASA/Paraíba e Embrapa, em um processo de construção mútua, que obteve múltiplos e significativos resultados para a juventude camponesa envolvida, sendo o Pedagroeco e a Pedagogia Griô de fundamental importância para voltar o olhar para as histórias de vida de cada jovem e seguir adiante.

Literatura recomendada

AGÊNCIA FAPESP. **Entre documentário e ficção**: o cinema de Arne Sucksdorff. 2018. (7m52s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pRubZdxTRsw>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

BROS. J. **Como montar um estúdio de gravação de vídeos em casa (e dicas sobre os equipamentos essenciais)**. 2018. 9 min. 23 seg. Canal Gambiacine. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3NL1LfphJdE>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

MASCELLI, J. V. **Os cinco Cs da cinematografia**: técnicas de filmagem. São Paulo: Summus, 2010.

MOLETTA, A. **Criação de curta metragem em vídeo digital**: uma proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus, 2009.

MULTICULTURA. **Uma conversa sobre documentários**: formatos, linguagens e estilos. 2012. 11 min. 26 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SQVkz22Sr_Y>. Acesso em: 23 ago. 2018.

PACHECO, L. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Revista Diversitas**, n. 3, p. 22-46, 2016.

PERUZZO, C. M. K. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Lumina**, v. 1, n. 1, jun. 2007. DOI: 10.34019/1981-4070.2007.v1.20989.

SOARES, I. de O. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, n. 19, p. 12-24, 2000. DOI: 0.11606/issn.2316-9125.v0i19p12-24.

SOARES, I. de O. Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação. **Comunicação & educação**, v. 19, n. 2, p. 135-142, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v19i2p135-142.



CAPÍTULO 6

*Aquecendo com
ternura a semente da
fartura no Piauí*

Daniel Lamir de Freitas Ferreira
Dayse Batista dos Santos
Domênica Rodrigues dos Santos Silva
Ellen Maria da Silva Sousa
Francisco das Chagas Oliveira
Magda Cruciol
Mauro Sergio Teodoro

A rede Pedagroeco/Piauí está sendo tecida com as ancestralidades e identidades da juventude do estado. Somam-se também coletivos e instituições parceiras que abraçaram as propostas de valorização da agroecologia e da comunicação na perspectiva da Pedagogia Griô. A formação da rede Pedagroeco/Piauí contou com o Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA), que é vinculado à Embrapa Meio-Norte (Teresina, PI), e, desde 2014, forma uma rede interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão. O NEA favorece a realização de pesquisas e troca de saberes agroecológicos, a partir de metodologias integradoras e participativas (Figura 1).

No estado do Piauí, os primeiros passos da rede Pedagroeco foram dados em 2017, com aprendizes griô, docentes e técnicos da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), campus Campo Maior, PI, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Piauí (Emater/PI) e Associação das Escolas Família Agrícola do Piauí (Aefapi). As propostas juntaram os princípios do projeto Pedagroeco com as realidades piauienses, os saberes tradicionais, a tradição oral presente nas comunidades rurais, a educação formal e a valorização de identidades e ancestralidades num plano de ação didático-pedagógico. O Instituto ComRádio também se juntou ao grupo, compartilhando experiências de comunicação popular.

Inicialmente, o Pedagroeco/Piauí planejava uma atuação com jovens do território dos Carnaubais. Porém, com o processo em andamento, percebeu-se a importância de ampliar a representação das diversas realidades no contexto rural do estado. Apesar dos desafios logísticos, a decisão do grupo foi contemplar participações de jovens de todos os territórios piauienses. Vale ressaltar o esforço de parcerias para a execução do projeto, mesmo diante dos limites de recursos financeiros e desafios político-institucionais previsíveis para a realização.

Foto: Magda Cruciol



Figura 1. Chitara é comunicadora quilombola, formada pelo Instituto ComRádio do Brasil. Na oficina, mostrou a dança da capoeira como processo de afirmação da identidade negra.

Com a definição de formato, público participante e carga-horária, a previsão inicial da realização das oficinas era ainda para o ano de 2017. Todavia, questões administrativas inviabilizaram a expectativa de calendário inicial. A partir de importantes parcerias, somente no segundo semestre de 2018, foi possível realizar os dois módulos previstos de oficinas.

As oficinas contaram com um grupo de 35 jovens, presentes nos dois módulos, representando 11 instituições de ensino e pesquisa nos estados do Piauí e Maranhão. Antes das oficinas, o grupo de jovens participou de processos de diálogos sobre a importância da identidade e da ancestralidade camponesa, o direito de permanecer em suas terras de origem, a valorização da agroecologia nas atividades desenvolvidas nas instituições de ensino, pesquisa e extensão. As facilitações dos dois módulos contaram com o corpo efetivo das instituições parceiras, além do Coletivo Terral de Comunicação Popular (PE) e da Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (Renda). Todos os mediadores passaram pela formação em Pedagogia Griô.

O primeiro módulo foi realizado de 31 de agosto a 2 de setembro, no município de Pedro II, PI. A instituição parceira foi a Fundação Santa Ângela, e contou com a importante presença da irmã Celina Paraíso (Figura 2), coordenadora da fundação e fonte de inspiração pela busca incansável de uma vida digna para as pessoas do campo. A Fundação Santa Ângela é um exemplo de Escola Família Agrícola (EFA) e atua com crianças e jovens no ensino fundamental, médio e profissional, no regime de alternância.

O segundo módulo foi realizado de 16 a 18 de novembro, na Comunidade do Torto, no município de Araisos, MA, no Delta do Parnaíba (Figura 3). Nesse módulo, as parcerias com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

Foto: Magda Cruciol



Figura 2. Irmã Celina Paraíso (quarta da esquerda para a direita) participa com os jovens da dinâmica do diálogo, atividade didático-pedagógica fundamentada na Pedagogia Griô.

Foto: Ellen Maria da Silva



Figura 3. Apresentação da reserva extrativista marinha, no Delta do Parnaíba, PI, e o trajeto até a Comunidade do Torto que recebeu os jovens.

(ICMBio), contando com equipe técnica e com jovens da própria Comunidade do Torto, foram fundamentais.

O maior grupo de jovens do Pedagroeco/Piauí é proveniente de unidades de EFA no estado. Ao todo, são nove EFAs representadas no processo. Outro percentual considerável conta com egressos do curso técnico em Agricultura, do IFPI, que fazem parte do Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia e de Referência Alimentar (CVT em Agroecologia-IFPI). O Pedagroeco/Piauí junta ainda o público jovem proveniente do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Agroecologia (NEA/Cajuí), vinculado ao curso de Agronomia da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), jovens da reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba, em parceria com o ICMBio, além de estagiários da Emater/Piauí e jovens do Instituto ComRádio. Apesar de alguns jovens residirem em zonas urbanas ou periurbanas, o critério de seleção considerou elementos como contexto social e histórico das famílias de cada jovem no campo e a paridade entre gêneros.

Conexões

Os rituais de vínculo e aprendizagem da Pedagogia Griô conectaram vozes e sonhos de cerca de 35 jovens em redes de afetividades, histórias e tecnologias. Para além dos dois módulos realizados, os laços afetivos do Pedagroeco/Piauí são alimentados em atividades acadêmicas, experiências nos roçados e grupos de comunicação on-line. As vivências em Pedro II, PI, e Araisoses, MA, acenderam um sentimento coletivo que encontra na agroecologia e nas sementes da fartura uma identidade comum.

A proposta metodológica das oficinas incluiu diálogos, comunicação e encantamentos (Figura 4). Vale exemplificar que, nos dois encontros, a escolha da alimentação seguiu uma perspectiva política de segurança alimentar, e a ambientação contou com peças gráficas que possibilitaram uma sistematização coletiva e interativa sobre os momentos vivenciados. Além da diversidade identitária do público jovem, a facilitação das oficinas contou com olhares multidisciplinares, juntando áreas como comunicação social, pedagogia, engenharia agrônômica, engenharia alimentar, engenharia ambiental e palhaçaria¹.

No primeiro módulo, a proposta central era favorecer a criação de vínculos, além da afirmação de identidades e ancestralidades, no contexto da agroecologia, e o primeiro acesso à criação de metodologias que se articulassem com a construção de instrumentos coletivos de comunicação comunitária. Foi, em Pedro II, que a rede firmou um compromisso metodológico e político de um processo em rede, e construiu ferramentas para interagir entre si e multiplicar a proposta do Pedagroeco/Piauí em novos espaços.

No segundo módulo, no Delta do Parnaíba, a proposta foi avançar nos diálogos sobre identidade, ancestralidade e comunidade e praticar a produção de peças audiovisuais dentro desses temas. Um dos cuidados metodológicos, nessa oficina, foi o resgate das memórias das vivências no primeiro módulo, reafirmando a proposta de processo e a sua continuidade, além de propiciar ainda mais os vínculos firmados em Pedro II (Figura 5). Ao todo, foram produzidos sete vídeos (Figura 6) com temas diversos como histórias de comunidades, festas tradicionais, agroecologia, simbologias da cultura popular, além de valorização da saúde mental e afirmação de identidade LGBTI.

¹ Disponível em: <<http://www.dm.com.br/opinioao/2018/08/palhacaria-na-sala-de-aula-como-pratica-pedagogica-ciranda-da-arte.html>>.

Capítulo 6
Aquecendo com ternura a
semente da fartura no Piauí

Foto: Rosival Dias



Foto: Rosival Dias



Foto: Dayse Batista

Figura 4. Dinâmicas da Pedagogia Griô reforçando o espaço de fala de cada jovem e estimulando a memória da ancestralidade no grupo.

A apresentação dos vídeos envolveu a comunidade local por meio de cineclubismo, batizado como Pedagro Oscar.

Vale destacar a diversidade de temas que foram transversais nas atividades dos dois módulos: machismo, direito à comunicação, negritude e consciência ambiental. O debate sobre



Figura 5. Dinâmica de encerramento do segundo módulo realizado no Delta do Parnaíba, PI.

segurança alimentar, por exemplo, foi fomentado desde a escolha das refeições, reforçando direitos populares e valorização da agricultura familiar. As unidades de beneficiamento do CVT em Agroecologia do IFPI e da Escola Família Agrícola Santa Ângela forneceram toda a alimentação do primeiro módulo e parte do segundo módulo. Em Araiases, MA, também foram consumidos alimentos produzidos na própria Comunidade do Torto.

Há um sentimento de que o processo das oficinas vinculou todos e todas sem amarras entre espaço geográfico ou hierarquizações (Figura 7). A conquista de confiança, respeito e afetividade da rede se materializaram no compartilhamento de histórias pessoais e fortalecimento de identidades pessoais e coletivas, seja no espaço off-line, seja no on-line, das redes sociais virtuais.



Foto: Magda Cruciol

Figura 6. Teleponto improvisado foi ferramenta na produção audiovisual dos jovens durante o segundo encontro.



Figura 7. A celebração da vida, um dos pilares da Pedagogia Griô, foi marcante nos dois encontros.

Considerações finais

Nos relatos dos jovens participantes do Pedagroeco/Piauí, foi possível notar a elevação da autoestima, proporcionada pelo intercâmbio de experiências e pelo sentimento de orgulho do “ser do campo” em cada pessoa, pois foram valorizadas suas histórias de vida e seus contextos rurais inseridos na agroecologia. A proposta da Pedagogia Griô foi fundamental para a busca das identidades, ancestralidades e saberes tradicionais.

O conteúdo da produção audiovisual refletiu contextos de vida diversos pelos territórios piauienses. O público jovem foi protagonista de suas próprias histórias de vida, roteiristas, produtores, apresentadores e diretores de narrativas, que não

podem ser silenciadas quando sonhamos com um País menos injusto.

Rituais, cirandas, sementes da fartura, tecnologias da informação e comunicação, alimentação agroecológica e vivências comunitárias são algumas das memórias presentes nas duas oficinas. Com sentimentos individuais e coletivos, todas e todos adentraram numa história iluminada por uma amplificação de vozes populares do campo, aumentando as possibilidades de conquistas sociais e defendendo vidas. Além da criação de peças audiovisuais, os jovens expressaram o orgulho da vida no meio rural e da agricultura familiar.

O desafio de disputar o espaço da agroecologia no País inclui a busca por um olhar sensível de possibilidades no uso de tecnologias da informação e comunicação. Debater e praticar, por exemplo, o direito à comunicação, à alfabetização ou à educação digital é um dos caminhos para ampliar os canais de troca de saberes agroecológicos e intervir no imaginário social sobre a vida no campo e as expectativas da juventude.

O campo ganha ainda mais vida nas constantes configurações feitas pelas pessoas que fazem a rede Pedagroeco/Piauí. Do litoral ao sertão, os territórios de vivência de cada pessoa do Pedagroeco/Piauí vão ganhando os contornos como locais de trabalho e produção, sem esquecer as histórias e as afetividades plantadas em cada palmo de terra. A razão de estudar agroecologia abraça o pulsar ancestral e os contextos contemporâneos. Todos e todas giram numa ciranda de conhecimentos ritmada por sentimentos, espiritualidades e novas tecnologias.

Eu não posso descrever de fato a minha emoção de ter participado da Pedagroeco/PI, mas posso tentar. A princípio, todos nós que participamos achávamos que estávamos indo para uma viagem de extensão sobre agroecologia como todas as outras, onde o conhecimento é passado através

de palestras e professores formais e seus saberes. Mas ao chegar, o que vimos foi um espaço acolhedor com o conhecimento compartilhado através de rodas abertas, contando histórias e experiências vividas de cada um e de seus ancestrais. Foi uma (re)conexão com a nossa origem que muitas vezes esquecemos ou temos vergonha de assumir quem somos e de onde viemos. Isso me fez ter mais orgulho da minha origem indígena. Eu agradeço imensamente essa oportunidade, pois o primeiro e o segundo encontro me fez ter consciência da importância da agricultura familiar e o impacto que a produção orgânica oferece para o meio ambiente, assim como para o produtor em termos de lucros. Nessas viagens, eu não esperava que, ao subir em um ônibus, eu iria conhecer pessoas e lugares incríveis, com uma energia tão alegre e positiva. Foi marcante e pra sempre vou lembrar. E dessas pessoas não posso deixar de ressaltar que, infelizmente, uma se foi, mas creio eu que ela vai ser lembrada por todos nós da família Pedagogoeco. Tenho pra mim, sem sombra de dúvidas, que me tornei uma pessoa melhor, mais consciente do mundo em que vivo, composto pela natureza e pessoas. Somos todos sementes!! (comunicação pessoal)².

Literatura recomendada

AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. (Ed.). **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura sustentável**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. 517 p.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FAVARIN, E. do A. **Auto(trans)formação do pedagogo na cultura de convergência digital: novos processos a partir da epistemologia**

² Relato de Ellen Maria da Silva Sousa, participante das oficinas, em Delta do Parnaíba, PI, em 2017.

dialógico-afetiva. 2015. 284 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PACHECO, L.; CAIRES, M. **Nação Griô: o parto mítico da identidade do povo brasileiro**. Salvador: GRASB, 2008.

CAPÍTULO 7

A roda já está aberta para
a gente compartilhar
O tear da ancestralidade,
identidade e vida do
Pedagogo em Sergipe^{1,2}

Daniela Bento Alexandre
Elka Kelly de Macêdo Andrade
Fernanda Amorim Souza
Priscila de Souza Viana
Thais Moura dos Santos

¹ A escrita desse texto se deu de forma amplamente coletiva, de modo que optamos por apresentar as organizadoras do capítulo em ordem alfabética.

² Jovens participantes do projeto, que convidadas e convidados a fazer um depoimento sobre as oficinas, trouxeram reflexões e avaliações importantes para este texto: Alana Inêz dos S. Carneiro, Fillipe Matheus Elizeu Marques, Itamar Santana Lima, Joelma Alves Sales, Jorge Edson Santos, José Davi Ferreira Lima, Marcio Eric Figueira dos Santos, Marcos Arthur Brito Santos.

Aos mais velhos peço a bença que é jeito de respeitar
A sabedoria densa
Do seu largo caminhar
A roda já está aberta
Pra gente compartilhar³

Em cada ponto, uma história; em cada retalho, um sentimento; em cada sorriso, a ligação dos pontos que tecem a trama da vida, a ancestralidade e a identidade dos jovens e das jovens que se desafiaram a olhar para si e para a sua comunidade com respeito, atenção e reverência enquanto teciam o Pedagroeco em Sergipe (Figura 1).



Foto: Rafael Amorim dos Santos

Figura 1. Equipe do Pedagroeco Sergipe, com bandeirão produzido coletivamente na II Oficina do Pedagroeco, realizada no estado.

³ Trecho da poesia de cordel construída coletivamente na oficina de cordel, durante a II Oficina do Pedagroeco, Sergipe. Glosas: Davi Lima, Daniela Bento, Fernanda Amorim, Thais Moura e Marcio Santos e mote de Vitória Paixão.

Feita a muitas mãos, a ação do Pedagogo em Sergipe tem congregado diversas entidades e movimentos articulados à Rede Sergipana de Agroecologia (Resea) e outros grupos/coletivos de jovens: o grupo de teatro Raízes Nordestinas, do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA); a Escola Família Agrícola de Ladeiras (Efal); o grupo de jovens do Oiteiro; os escritores do Sertão; a juventude da Aldeia Xocó; os jovens do quilombo Mocambo; o Levante Popular da Juventude; o Espaço de Vivência Agroecológica da Universidade Federal de Sergipe (EVA); o Instituto Federal de Sergipe (IFS); a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA); e o Programa de Educação Ambiental nas Áreas Costeiras (Peac). Inspirada na Pedagogia Griô, a primeira missão do grupo foi de encontrar-se enquanto sujeito da sua própria história. E, para entender o lugar dessa conexão com as raízes ancestrais, pede-se licença e permissão para vivenciar o cotidiano da aldeia indígena Xocó. O povo que resiste no território sergipano, às margens do Rio São Francisco, no município de Porto da Folha, tem, dentro da aldeia, um processo dedicado a resgatar sua língua e seus cultos e garantir o bem viver do seu povo e, fora dela, a luta pela vida do rio.

O tema desse encontro foi Agroecologia: Vida e Ancestralidade no Grão da Semente, entendendo que o desafio seria iniciar uma costura a partir dos fios internos da identidade e das histórias que os jovens trariam em comum, como, por exemplo, sua relação com a terra, bem como outros temas que os inquietam como jovens nas suas comunidades.

O processo que se desencadeou desse primeiro encontro levou o grupo ao desafio de mergulhar no reconhecimento da identidade e do lugar de cada um e de cada uma na sua comunidade, compreendendo que essa imersão representaria a etapa inicial para a construção de práticas que pudessem fazer o elo entre comunicação, agroecologia e ancestralidade. Construíram, assim, As Raízes da Vida na Ciranda do Tempo: Juventude,

Agroecologia e Comunicação, como propôs o tema do segundo encontro que aconteceu no povoado Lagoa Redonda, em Pirambu, SE. Esperamos que, ao passar a vista nestas páginas, você consiga sentir o cheiro da mata, que guarda o saber dos povos e das comunidades camponesas; você perceba a beleza da produção que, como num bordado, teceu sonhos, cores e vivências dos diversos coletivos que resistem e perseveram em meio às adversidades sociais, econômicas e políticas do nosso País. E, por fim, almejamos que o despertar para a valorização do ser provoque-o a querer não ser mais o/a mesmo/a, e a buscar nas suas raízes o verdadeiro encontro consigo mesmo.

Os primeiros pontos no tecido da roda da identidade e da ancestralidade

Pedimos licença aos presentes para contar essa história acontecida em terras sergipanas... É uma história sobre um grupo de jovens e suas raízes, seu povo e suas sementes, que se reúnem em muitos coletivos, das muitas juventudes. É também sobre um grupo de profissionais formado por pessoas da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), da Embrapa Tabuleiros Costeiros e do Programa de Educação Ambiental nas Áreas Costeiras (Peac), que se juntaram para realizar o Pedagogo em Sergipe.

São histórias de muitas cores, emoções e descobertas. De conhecimento partilhado, de saber elaborado e, sobretudo, de afetos. Clara, Karol, Elvis, Joelma, Arthur, Mirian, Iris, Rafael, Pedro, Kauane, Jaci, Jhully, Mailson, Fernanda, Dani, Egídio, Itamar, Fernando, Maria Clara, Elka, Thais, Priscila, Sashi, Gabi,

Davi, Flavinha, Fillipe, Rafael, Márcio, Alana, Jorge, Vitória e Diogo. Esses são os tantos “eu sou” que contribuíram com o projeto, pessoas que têm sua trajetória em organizações populares, e que trazem em comum dois fios orientadores: a agroecologia e a comunicação popular. Na caminhada, descobrimos uma metodologia que foi fundamental para o entrelaçamento desses fios e possibilitou criar uma forte e colorida trama, a Pedagogia Griô:

A Pedagogia Griô é uma pedagogia facilitadora de rituais de vínculo e aprendizagem entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre territórios de identidade, grupos étnico-raciais e de gênero, entre saberes ancestrais de tradição oral, as artes, as ciências e tecnologias universais. Trabalha por meio de um método de encantamento, vivencial, dialógico e partilhado para a elaboração do conhecimento e de um projeto de comunidade/humanidade que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração da vida (Pacheco, 2015, p. 4).

Em nossa *1 Oficina do Pedagogoeco*, tivemos a semente como símbolo de encantamento referenciando os nossos fios orientadores: a semente é símbolo tanto da resistência camponesa e da agroecologia quanto da comunicação entre gerações. Semente como instrumento para estabelecer vínculos com os saberes ancestrais e as suas guardiãs e guardiões griôs:

Bote a semente na mão de quem semeia...
bote a semente na mão do semeador...
o mundo precisa saber quem é que semeia...
o povo precisa saber que vai semear⁴

⁴ Versos de Dona Josefa Santos, comunidade Sítio Alto, Simão Dias, SE.

Nos versos de Dona Josefa, griô quilombola da comunidade de Sítio Alto, no município de Simão Dias, encontramos a inspiração de toda vida que vem da semente e da importância do saber guardar e do saber multiplicar. Toda vida vem de uma trajetória antiga, e, portanto, saber quem somos e o lugar que ocupamos passa pelo caminho de saber de onde viemos. A nossa *I Oficina* aconteceu na aldeia Xokó, em Sergipe (Figura 2). E trazer o símbolo da semente e a referência de uma mulher negra guardiã e contadora de histórias em um território indígena tinha o convite pedagógico de olharmos para trás, para nossa ancestralidade e para os vazios que temos que enfrentar para tornarmos-nos conscientes de nós mesmos e do projeto civilizatório que tentou exterminar e silenciar o povo negro e indígena. A oficina aconteceu entre os dias 14 e 16 de dezembro de 2017, na aldeia que fica na Ilha de São Pedro, município de Porto da Folha. Entre cantos, torés e encantos, adentramos



Foto: Itamar Santana Lima

Figura 2. Participantes da *I Oficina do Pedagroeco* na aldeia Xokó, Ilha de São Pedro, Porto da Folha, SE.

o solo sagrado das existências que nos conectam com o antes, que chamamos ancestral, para, assim, reconectarmos com os nós que somos nesse tempo presente.

Fomos acolhidos/as entre mangueiras, risos e bênçãos do Velho Chico que, apesar de já sentir os impactos dos muitos desastres ambientais em seu grande curso, ainda assim permanece belo e majestoso. Nesse ambiente, remontamo-nos às raízes dos povos originários, suas crenças e bênçãos; conhecimentos e histórias; o cuidado e a gratidão que dedicam à mãe-terra que sempre sustentou as gerações. No momento inicial, foi realizada a roda de bênção, prática da Pedagogia Griô de pedido de permissão às nossas ancestralidades. Cada participante saúda um ancestral e se apresenta afirmando a sua identidade na roda. Foi uma noite de encantamento, com uma acolhida generosa e bela. Fomos convidados a dançar o toré com os nossos irmãos indígenas que nos receberam na aldeia Xokó. Esse momento de encantamento nos estimulou a refletir sobre os elementos presentes naquela roda: juventude indígena, lideranças jovens, identidade, ancestralidade, simbologia dos instrumentos, sincretismo religioso, acolhimento e respeito às tradições.

A história do povo Xokó é de muita luta. Da Caiçara (nome da fazenda que ocupava aquele trecho de terra), revisitada por meio da memória de Seu Heleno, antigo cacique da aldeia, fomos adentrando nas páginas dessa história que o livro não registrou.

Vivemos na Caiçara, sabendo toda a nossa história, mas sem poder revelar... O avô da minha esposa morreu com 105 anos, escravo de uma fazenda. Na fazenda Caiçara, nossos ancestrais eram escravos, não podíamos ter a nossa casa (comunicação pessoal)⁵.

⁵ Relato do ex-cacique Xokó, Heleno Lima, Ilha de São Pedro, em Porto da Folha, SE, em 2017.

Seu Heleno nos contou essa história e nos ensinou uma lição de resistência:

“É no escuro que a gente procura o caminho.”

E, assim, como uma semente que guarda o tempo do silêncio e da escuridão no ventre da terra para depois germinar, aqueles dias de escravidão foram para o povo Xokó uma espécie de preparação para a retomada da terra. E é no silêncio que as sementes germinam, nada podia ser mais simbólico, forte e formativo do que uma visita a um dos lugares mais sagrados da aldeia, o cemitério dos caboclos.

Foi como se há muito não nos soubéssemos nativos. Não o saber no sentido do conhecimento das coisas, mas o saber do sentir. Aquele saber que bate lá no fundo do mais invisível e indivisível de nós. A cada passo, aquele silêncio em nós era uma fenda que se abria, no fundo de nosso ser, a nos religar, construir e desconstruir muitos elos, sentidos e pensamentos. Das vivências da Pedagogia Griô, germinaram nas almas de cada jovem as seguintes reflexões:

Meu lado indígena fixou raízes; lembranças da minha avó; desconstrução da visão branca sobre o que é ser índio; um retorno que eu estava precisando; o silêncio conta mais do que muitas palavras; histórias de luta pela terra, de resignação e de esperança; experiência inexplicável, emocionante que eu jamais pensei que iria viver; energia sem explicação do som que vem da maracá; sentimento de gratidão, de honra pela permissão de entrar no espaço sagrado indígena; momento de reconexão, de retorno, de volta; de alguma maneira eu senti que estava no meu lugar, o nosso modo de vida estava ali (comunicação pessoal)⁶.

⁶ Relato dos jovens participantes da oficina, Ilha de São Pedro, em Porto da Folha, SE, em 2017.

No momento seguinte, os coletivos se apresentaram, contando também sua história e as atividades desenvolvidas, a partir das seguintes perguntas: que lugar ocupo no mundo, o que estou semeando?:

Um lado da agroecologia é deixar de fazer só para você e fazer para os outros (comunicação pessoal)⁷.

Nós levamos a agroecologia por meio de impresso, facebook, mas também da feira que acontece na UFS e temos um laboratório de agroecologia aplicada na Universidade Federal de Sergipe (Figura 3) (comunicação pessoal)⁸.

Foto: Maria Clara Guaraldo



Figura 3. Os jovens Elvis, Karol e Ana Clara apresentam a experiência do Espaço de Vivência Agroecológica (EVA).

⁷ Relato de Elvis Santos, jovem agricultor e estudante de agronomia na UFS, integrante do Espaço de Vivência Agroecológica (EVA) – Núcleo de Agroecologia da Universidade Federal de Sergipe, em 2017.

⁸ Relato de Ana Clara Santana, estudante de Jornalismo na UFS, integrante do EVA – Núcleo de Agroecologia da Universidade Federal de Sergipe, em 2017.

O nosso meio de divulgar informações é através do instagram, onde damos publicidade às fotos e às trilhas para estimular o turismo de base comunitária. Além da contação de histórias aos turistas. Usamos a contação de histórias para falar da nossa comunidade, apresentar as rezas e os moradores mais antigos dos povoados de Pirambu (comunicação pessoal)⁹.

Esse ano, resolvemos trabalhar a poesia de nossa região, pois antes a gente trabalhava com autores tradicionais como Clarice Lispector e outros modernistas, mas não falávamos, por exemplo, em Tobias Barreto, Santos Souza e outros escritores e poetas aqui de Sergipe. Levamos este trabalho às escolas do Alto Sertão e, se houver convites para outros estados ou territórios, estamos abertos. Nosso objetivo é despertar novos escritores e leitores (comunicação pessoal)¹⁰.

O mundo como eu vejo
Tem beleza e esperança,
E tem a inocência do sorriso de uma criança.
No mundo como eu sonho, todos são verdadeiros
E espalham sua luz todo o dia, o ano inteiro
No mundo como eu desenho
Não há morte
Não há guerra
E os homens lutam pela paz na terra
Por um lugar sem dor, sofrimento e miséria
(comunicação pessoal)¹¹.

Buscamos valorizar a agrobiodiversidade do nosso território, plantamos e incentivamos o plantio de sementes crioulas... realizamos reuniões nas comunidades, trabalhamos com comunicação interna e procuramos

⁹ Relato de Joelma Sales, Marcos Arthur Santos e Mirian Santos, integrantes do Cambuí – Grupo de Turismo Base Comunitária, organizado pelos jovens da comunidade Lagoa Redonda, em Pirambu, SE, em 2017.

¹⁰ Relato de José Pedro Filho, aluno do Colégio Estadual 28 de Janeiro, em Monte Alegre de Sergipe, SE, em 2017.

¹¹ Relato de Rafael de Souza, aluno do Colégio Estadual 28 de Janeiro, em Monte Alegre de Sergipe, SE, em 2017.

dar voz aos agricultores e agricultoras (comunicação pessoal)¹².

Eu sou comunicador quilombola – sou agente da Cáritas, faço parte da Pastoral da Juventude Rural. O turismo de base comunitária tem contribuído para o resgate das nossas origens, a nossa essência, com a vinda de universitários e pessoas de outros estados. Eles têm a visão que a nossa cultura é importante (comunicação pessoal)¹³.

Com esse exercício, os grupos manifestaram a intenção de que o Pedagogo, por meio da Pedagogia Griô, das práticas de agroecologia e das ferramentas de comunicação popular, contribuisse para que eles e elas pudessem trabalhar diversos temas, como o feminicídio e a diversidade sexual; a produção de mudas; as plantas da Caatinga; a divulgação da importância das sementes crioulas e elaboração de estratégias para sua disseminação para outros territórios; a cultura e tradição; o protagonismo dos jovens na política; o empoderamento da comunidade; a organização comunitária; o combate às opressões, como racismo, machismo e preconceito contra os moradores da zona rural.

¹² Relato de Kauane Batista, Núcleo de Agroecologia do Instituto Federal de Sergipe (NEA IFS), em Porto da Folha, SE, em 2017.

¹³ Relato de Mailson Melo, integrante da Pastoral da Juventude Rural da Comunidade Quilombola Mocambo, SE, em 2017.

Vida em comunidade: o tecer das histórias e dos sonhos

No trilhar da costura de histórias que remontam vidas do sertão ao litoral, nossa *II Oficina do Pedagroeco* aconteceu cercada por restingas, apicuns, dunas e cordões litorâneos. Assim, o Pedagroeco foi acolhido nas margens do Oceano Atlântico, no povoado Lagoa Redonda, lugar de jovens que fazem do turismo comunitário fonte de reprodução da vida e de valorização da natureza. Realizada entre os dias 12 e 15 de dezembro de 2018, a oficina foi alinhavada com o tema *As Raízes do Tempo na Cिरanda da Vida: Juventude, Agroecologia e Comunicação*. Nessa edição, novas histórias, ancestralidades, vivências e memórias trouxeram consigo realidades sociais que perpassam desde o campo até a cidade. Nesse segundo encontro, mergulhamos no reconhecimento da nossa identidade e de nosso lugar na comunidade, onde o ofício tradicional de costurar fez o encantamento para estabelecer o vínculo no nosso encontro. Foram-nos revelados o encanto, a sutileza e a força das linhas que atravessam, ponto a ponto, o pano, e, como mágica diante dos nossos olhos, foram tecidos sentimentos, desejos, gritos e liberdade que se materializam por meio de habilidosas mãos que seguram a agulha (Figura 4).

A beleza do ofício foi desvelada numa roda de encantamento a partir da tradição oral, na contação da história da menina insistente que queria ser costureira, mas a mãe adia a ensinar, pois queria que a filha fosse gente:

–Mãe, me ensine a costurar?

–Só quando você tiver 12 anos.

Foto: Thais Moura dos Santos



Figura 4. As/os jovens bordaram elementos simbólicos de sua história de vida, que resultou na produção partilhada do bandeirão que aparece no início desse texto.

Enquanto isso, as bonecas ganhavam paletós de veludo cotelê, vestidos de tafetá...

–Mãe, me ensine, vá, a costurar...

–Deixe completar 14 anos que eu ensino...

A mãe, na verdade, ganhava tempo, pois não queria aquilo pra ela. Parecia tão bonito, mas era uma prisão. Trabalho sem futuro, de quem não teve outra escolha. Disse à filha que teria que estudar pra ser alguém na vida, para ser gente...

E o que é que era ser gente? – teve dúvida, a menina [...] (comunicação pessoal)¹⁴.

¹⁴ Trecho da história de vida de Fernanda Amorim, contada por ela mesma.

Com a história da menina costureira e sua mãe, o grupo vivenciou um exercício de visualização criativa para reconstrução de suas memórias:

O que mais me chamou atenção nesta vivência foi enxergar o rosto de minha saudosa avó Arinete, lembrar de seu cheiro, voz, do quanto ela foi importante para minha pessoa, assim como de nos atermos a nossa ancestralidade para não apenas preservarmos a memória, mas, sim, para compreendermos quem somos. Nas apresentações, foi perceptível a entrega dos participantes e a carga de emoção posta em suas atividades, mostrando, assim, que o conhecimento pode ser construído neste território de afeto e respeito ao diálogo de saberes, desconstruído o paradigma de centralização e verticalização do conhecimento. Ali nos sentimos pertencidos e valorizados (comunicação pessoal)¹⁵.

Em roda e sob as bênçãos da lua nova, cada pessoa trouxe sua identidade para o centro, falando seu nome e seguindo com um canto que traz a infância na memória. O tom da apresentação trouxe olhares de irmandade a cada relato de relações familiares e a cada memória de brincadeiras de infância, risadas cúmplices. O local da oficina foi elemento essencial pela relação com a natureza e com a nossa ancestralidade e, novamente, com nossos fios orientadores: agroecologia e comunicação popular. Outro tema presente nessa oficina foi o de turismo de base comunitária – o turismo perpassa a necessidade econômica, mas também é uma ação em defesa do modo de vida e dos territórios. É a fuga do turismo que destrói a natureza, do uso dos símbolos e da cultura dos povos como mercadoria. É a caminhada para um processo de resgate da cultura dos povos originais e tradicionais, de forma que haja o fortalecimento das comunidades.

¹⁵ Relato de Márcio Santos, jovem participante da *II Oficina do Pedagogo*, em Pirambu, SE, em 2019.

O local escolhido também favoreceu para esse sentimento. Vivi muitas experiências novas; os diálogos em roda, que possibilitaram um olhar mais atento para a fala do outro, a atividade de regressão, o chamado a refletir sobre ancestralidade e o entendimento do papel dos nossos antepassados como referência na nossa vida. Através das atividades, pude reconhecer a importância do me entender de dentro para fora e me perceber como parte de algo muito maior que é o coletivo. Nesse ambiente, várias histórias foram compartilhadas e foi muito importante o chamado a ter um olhar atento para as experiências do outro (comunicação pessoal)¹⁶.

A vida corrida nos nega um lugar de retorno. Somos levados a ser migrantes, desgarrados de nossas origens. Diáspora na alma. Quem somos e para onde queremos ir? Encontrar e reencontrar-se na base é o primeiro passo para nos reconectarmos conosco e seguir agindo no mundo de forma consciente. Durante a *II Oficina do Pedagogo*, foi realizada a produção compartilhada por meio de oficinas de expressões comunicacionais com a função de estimular o protagonismo das jovens e dos jovens no ato comunicacional, a partir das diferentes possibilidades de linguagem, englobando o teatro, a fotografia, o vídeo e a poesia.

Na oficina de teatro, conduzida por Flaviana Silva, do grupo de teatro Raízes Nordestinas do MPA, os participantes construíram um roteiro sobre a história de uma jovem que, hoje adulta, se deita numa árvore, acaba pegando no sono e sonhando com o tempo em que era criança. Tempo em que brincava de roda, corria na feira e sorria mais.

A oficina de poesia, facilitada por Vitória Paixão, trabalhou a sensibilidade e a magia das palavras para a produção de um Cordel¹⁷, escrito coletivamente.

¹⁶ Relato de Alana Carneiro, jovem participante da *II Oficina do Pedagogo*, em Pirambu, SE, em 2019.

¹⁷ Glosas: Davi Lima, Daniela Bento, Fernanda Amorim, Thais Moura e Marcio Santos. Mote: Vitória Paixão.

Cordel

Traga a sua identidade
 E conte para encantar
 Mostre a ancestralidade
 Que necessita aflorar
 A roda já está aberta
 Pra gente compartilhar
 Aos mais velhos peço a benção
 Que é jeito de respeitar
 A sabedoria densa
 Do seu largo caminhar
 A roda já está aberta
 Pra gente compartilhar
 Partilhe a sua vivência
 As memórias do seu lugar
 Junte todos os retalhos
 É preciso arrematar
 A roda já está aberta
 Pra gente compartilhar
 Brincadeiras e comidas
 Cantigas de festejar
 Os ofícios ensinados
 Cultura do trabalhar
 A roda já está aberta
 Pra gente compartilhar
 Achei no fundo guardado
 Meu terreiro de brincar
 A roda já está aberta
 Pra gente compartilhar
 Vi meus sonhos, vi os medos
 Abraços a me afagar
 Salsa de pular corda
 Tudo que veio perfumar
 Chamei as cores na mente

Memórias de algum lugar
 Eram retalhos da vida
 Que tive que costurar
 A roda já está aberta
 Pra gente compartilhar
 No meu baú da memória
 Dei de querer bolinar
 A bola que eu brincava
 Veio me carimbar
 Retalhos de outros dias
 Quis agora costurar
 A roda já está aberta
 Pra gente compartilhar
 Somos todos diferentes
 Diversos tempos e lugar
 A roda já está aberta
 Pra gente compartilhar
 Mas juntos somos um
 Mãos dadas para lutar
 A roda já está aberta
 Pra gente compartilhar
 Com toda alegria
 E sorriso tão singular
 Cirandas que contagiam
 Mãos dadas sempre a girar
 A roda já está aberta
 Pra gente compartilhar
 Trago comigo a minha lida
 Escrita em versos a rimar
 Regidos em idas e vindas
 Pedacos do meu lugar
 A roda já está aberta
 Pra gente compartilhar

As oficinas de fotografia e vídeo trouxeram, em comum, o tema da produção de imagens, a construção ou desconstrução do olhar e a representação do mundo em imagens.

A oficina de fotografia, facilitada por Priscila Viana, do Peac, lançou reflexões relacionadas à leitura mais atenta e sensível da luz, às cores no imaginário e aos ângulos possíveis de registros da imagem. As fotografias produzidas foram apresentadas ao coletivo e arrancaram aplausos. Muitos se sentiram identificados com as expressões imagéticas acerca dos dilemas e das dores de ser quem é no mundo em que vive.

A oficina de vídeo, conduzida por Rafael Amorim, permitiu a produção coletiva de um filme. Impressionou a todos a elaboração e a montagem, em menos de dois dias, de um belíssimo curta-metragem¹⁸ com o título sugestivo de Despertar.

As exposições dos produtos das oficinas foram seguidas de roda de diálogo (Figura 5) acerca da importância de se reconhecer protagonista e produtor de conteúdos de comunicação, com a oportuna sensibilidade que reside no coração jovem: “Foi o primeiro exercício que fiz na vida sobre escrever a minha própria história”, disse Jorge Santos (comunicação pessoal)¹⁹.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oDvyRbjkM-o>>.

¹⁹ Relato de Jorge Edson Santos, integrante das oficinas do Pedagroeco, em Sergipe, em 2017.

Foto: Rafael Amorim dos Santos



Figura 5. Roda de diálogo: agroecologia, juventude e comunicação, realizada durante a *II Oficina do Pedagroeco*.

Considerações finais

Entre o grão que germina e a linha que tece, fecundou-se no solo de cada peito uma nova veste aos olhos. Ao vestir os olhos de um despir pragmático, podemos dizer que os encontros realizados no caminhar do projeto deram um novo sentido aos afazeres diários de todos/as os/as envolvidos/as. Todos os saberes trazidos nas malas ganharam mais sentido com o verso, a contação e a cantiga e também com o olhar para trás e para dentro.

Das desconfianças na chegada ao bordado colorido, as oficinas possibilitaram, de forma simples e real, que se

realizasse, coletivamente, a costura de sentidos. Na produção do vídeo, por exemplo, todos e todas ali presentes revisitaram de algum modo seus medos juvenis e, a partir deles, puderam olhar seus processos atuais e construir respostas e superação. O processo foi responsável pelo entrelaçamento entre o sentimento, a tradição oral, o conhecimento acadêmico e as ferramentas de comunicação.

O fato de alguns componentes da equipe (do Peac) participarem da oficina, num primeiro momento, seria para aprender mais sobre os conceitos identidade, ancestralidade e outros, pois, como realizávamos processos educativos com povos tradicionais, a formação seria de grande valia, no entanto, foi para além de uma simples formação. Para mim foi um mergulho num universo de encantamento, sabedoria e convicção. Está sendo a da transformação iniciada no 'eu', no autoconhecimento e tomada de lugar no mundo (comunicação pessoal)²⁰.

Todo caminho do Pedagroeco está sendo trilhado para o fortalecimento da comunicação popular e da agroecologia, com o empoderamento das juventudes e seus coletivos. Assim, os frutos que já podemos colher desse processo, no estado de Sergipe, vão além de produtos, mas avançam para a percepção/compreensão de quem somos e do que fazemos. É um processo de ampliação de consciência sobre nosso passado e nossa missão histórica na construção de um projeto de comunidade e humanidade.

Para finalizar nosso relato, trazemos as emoções nas palavras dos jovens participantes do projeto. Esses depoimentos não aconteceram durante a oficina. Para a escrita do capítulo do livro, nós pedimos que as/os jovens escrevessem sobre a

experiência a partir de algumas questões orientadoras. Recebemos as respostas em abril de 2019.

Para mim, o mais tocante foi que todas as pessoas se sentiram livres para compartilhar o que tinham (comunicação pessoal)²¹.

Conhecer a Pedagogia Griô através do Pedagroeco foi, com certeza, a maior experiência dentro da agroecologia por que passei. Sua poética através da musicalidade, cordéis, teatro, bordado, fotografia e cinema fundamenta ainda mais a relação da agroecologia com a arte e cultura. Afinal, a poesia é assim. Ela não morre. Pois, mesmo sem saber, todo mundo tem um pouco de poeta (comunicação pessoal)²².

O Pedagroeco trouxe muitos conhecimentos e reflexões, que me colocaram no caminho de resgate da minha história pelas histórias de meus avôs e avós, pai e mãe. E, como toda estrada só faz sentido pelos passos que são dados sobre ela, desafiei-me a sistematizar histórias orais de vida, bem como os *causos de trancoso*²³ da minha avó paterna. A minha atuação política ganhou um ar mais sensível, meu jeito de ser tornou-se ainda mais autônomo, e uma mudança principal foi o estado de poesia que adquiri durante a oficina e perdurou para além dela, isso me fez escrever bastante, e sobre temas diversos (comunicação pessoal)²⁴.

Os momentos vividos e aprendizados no Pedagroeco vêm colaborando na minha religação espiritual e educacional relacionada à minha ancestralidade, me causou um sentimento de estar em conexão com os

²¹ Relato de Joelma Alves Sales, jovem participante da *II Oficina do Pedagroeco*, em Sergipe, em 2017.

²² Relato de Márcio Eric Figueira dos Santos, jovem participante da *II Oficina do Pedagroeco*, em Sergipe, em 2017.

²³ Houve um escritor português, colecionador de contos que tinha por sobrenome Trancoso. Trancoso teve uma evolução semântica e incluía contos fantásticos, fábulas. A semântica explica. Hoje em dia, história de trancoso é algo irreal, fábula, algo lendário. Muitos contos infantis são classificados como histórias de trancoso. Dicionário Infomal, disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/trancoso/>>.

²⁴ Relato de José Davi Ferreira Lima, jovem participante da *II Oficina do Pedagroeco*, em Sergipe, em 2017.

mais diversos povos tradicionais do planeta. Hoje consigo me alegrar com as conquistas e sofrer com as derrotas dos parentes quando tomo conhecimento de acontecidos (comunicação pessoal)²⁵.

Foram muitos aprendizados, mas o momento mais marcante para mim foi onde pudemos lembrar um pouco o nosso passado, resgatá-lo da memória (comunicação pessoal)²⁶.

Posso afirmar que ter participado do Pedagroeco me mudou muito, que saí uma pessoa diferente de como entrei. Cada experiência vivida ali me fez pensar em coisas nas quais não estava acostumada a prestar atenção, me fez praticar o exercício de me conhecer melhor, buscar entender o outro e o mundo ao meu redor. No agitado da vida, muitas vezes perdemos a sensibilidade de observar a importância desse olhar ‘para dentro’, do diálogo com o outro e das ações que podemos promover em conjunto para melhorar o ambiente ao nosso redor e, como consequência, o mundo onde vivemos (comunicação pessoal)²⁷.

Logo, é desse lugar de transformação que o Pedagroeco se consolida e tem construído, em muitos de nós, mais do que poemas, versos, cantigas e cinema.

O Pedagroeco tem gerado e/ou fortalecido o nosso papel social com a comunicação e a agroecologia. Fortaleceu em nós a autoestima e, ainda que tenhamos medo, vamos ocupando espaços antes inimagináveis (comunicação pessoal)²⁸.

²⁵ Relato de Itamar Santana Lima, participante da *II Oficina do Pedagroeco*, em Sergipe, em 2017.

²⁶ Relato de Marcos Arthur Brito Santos, participante da *II Oficina do Pedagroeco*, em Sergipe, em 2017.

²⁷ Relato de Alana Inêz dos S. Carneiro, participante da *II Oficina do Pedagroeco*, em Sergipe, em 2017.

²⁸ Relato de Daniela Bento, poeta, comunicadora popular e uma das colaboradoras do Pedagroeco em Pirambu, SE, 2018.

Referência

PACHECO, L. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Revista Diversitas**, n. 3, set.-2014/mar.-2015. Disponível em: <<http://diversitas.fflch.usp.br/node/3656>>. Acesso em: 30 maio 2019.



Na Livraria Embrapa, você encontra
livros e e-books sobre agricultura, pecuária,
negócio agrícola, etc.

Para fazer seu pedido, acesse:
www.embrapa.br/livraria

ou entre em contato conosco
Fone: (61) 3448-4236
livraria@embrapa.br

Você pode também nos encontrar nas redes sociais:



[facebook.com/livrariaembrapa](https://www.facebook.com/livrariaembrapa)



twitter.com/livrariaembrapa



A Educomunicação tem se mostrado uma importante estratégia de comunicação e mobilização social, capaz de contribuir para o desenvolvimento rural. Por meio do uso de ferramentas, como vídeos, áudios, fotografias, teatro e poesia, inseridas em redes digitais, as comunidades são convidadas a debater e refletir sobre seus contextos e, assim, construir coletivamente uma nova narrativa, a fim de contribuir para a almejada transformação social.

Este livro tece as diversas experiências da juventude rural com os processos de educação e comunicação, ancorados em uma proposta pedagógica que busca valorizar os modos de vida de um povo, sua ancestralidade e identidades – a Pedagogia Griô. O desafio foi justamente esse, unir conhecimento científico e saberes locais em uma narrativa que desse conta de re-significar as diversas realidades locais, em um processo de aprendizagem e valorização dos contextos locais comunitários.

Assim, *Juventude, identidades e saberes agroecológicos: relatos sobre experiências e diálogos entre o Pedagroeco e a Pedagogia Griô no Nordeste* convida o leitor a conhecer a história de jovens de cinco territórios do Nordeste brasileiro, suas experiências com a agroecologia, a cultura e o meio ambiente, elementos considerados indissociáveis. Essa obra é resultado do projeto da Embrapa e parceiros no Metodologia de Produção Pedagógica de Materiais Multimídia com Enfoque Agroecológico para Agricultura Familiar, cujo nome-síntese é Pedagroeco, e, mais do que um projeto institucional, transformou-se em uma inovadora proposta metodológica voltada para processos formativos com foco na agricultura familiar e na sustentabilidade.

Juventudes, identidades e saberes agroecológicos



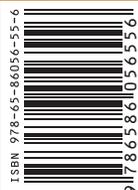
Relatos sobre experiências e diálogos entre o Pedagroeco e a Pedagogia Griô no Nordeste



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



CGPE 016213